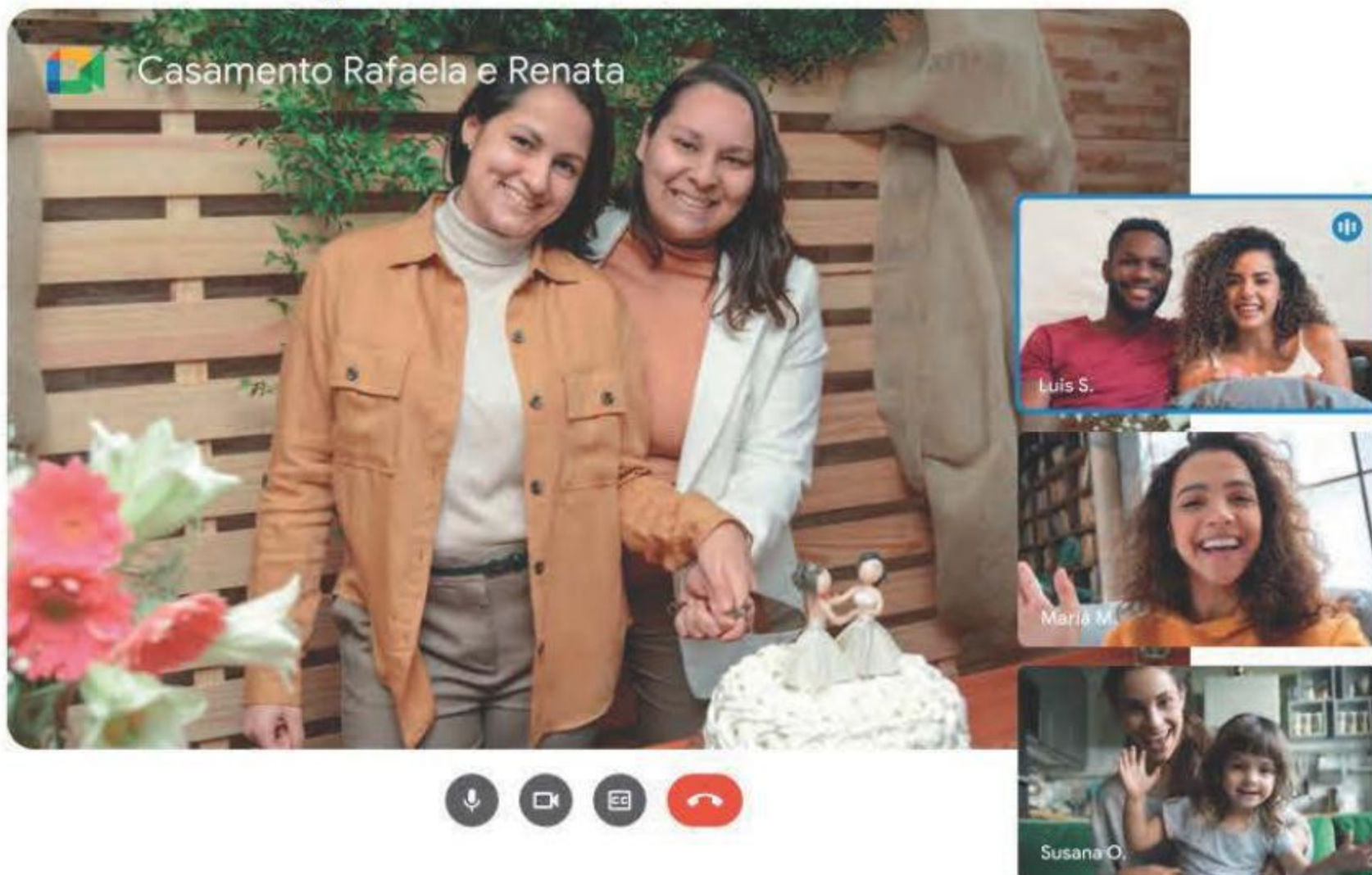
ELE VEIO PARA FICAR

A consistente queda no número de mortos mostra que a pandemia vai acabar. Mas o coronavírus continuará a existir e a adoecer pessoas, com uma letalidade bem menor. Nesse novo normal, vacinação anual e doses extras dos imunizantes serão fundamentais

Assimcomo o iFood coloca o coração em cada entrega

Casamento Rafaela e Renata
Luis S.
Maria M.
Susana O.

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

www.veja.com

DIRETORIA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erick Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 753 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 34. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

CARTA AO LEITOR

URBANANDSPORT/NURPHOTO/GETTY IMAGES

MELHORA Espanha: aberta para turistas brasileiros vacinados

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

CUIDADOS Show de música ao ar livre nos EUA: só para quem está imunizado e apresentou teste negativo

O ALÍVIO EM ETAPAS

NOS ÚLTIMOS DIAS, algumas boas notícias iluminaram uma avenida de esperança contra a pandemia no Brasil. A média móvel diária de mortes por Covid-19 chegou a 711, a menor marca desde o início de janeiro. É ainda alta e inaceitável, mas não para de cair. A taxa de ocupação de UTIs no estado de São Paulo atingiu 37,8%, índice do período anterior à eclosão do vírus, em 2020. A vacinação ganhou tração, com 27% da população completamente imunizada, embora precise ser expandida. Contudo, apesar do otimismo, convém evitar celebração exagerada. No Rio de Janeiro, por exemplo, com 60% dos registros da doença atrelados à variante delta, que se dissemina com mais velocidade, mesmo que com menos gravidade, houve crescimento exponencial de casos e até aumento no número de mortes.

Após um ano e meio de quarentena e do medo diante de um vírus desconhecido, ainda não temos todas as respostas sobre quando e como tudo voltará ao normal. E talvez assim permaneçamos durante algum tempo, em um vaivém de humores (basta olhar para os Estados Unidos, com os novos picos de surto). Um dado, porém, é incontestável: o Sars-CoV-2 veio para ficar. Mas, como mostra a reportagem que começa na página 56, não cabe desespero em razão disso. O momento é de atenção, com necessidade de distanciamento, uso de máscaras, testes e, evidentemente, vacinas. A elevada quantidade de mortos só terá fim quando um número suficiente de pessoas (algo em torno de 70% da população adulta) tiver adquirido imunidade por meio de vacinação ou infecção — preferencialmente vacinação, com duas doses ou dose única, a depender do fabricante. E então o novo coronavírus, já não tão novo, passará a ser endêmico, como são os microrganismos da gripe. Não será eliminado da face da Terra, mas tampouco revirará nossa vida como vem acontecendo desde o ano passado. Para que isso aconteça, porém, talvez tenhamos de nos vacinar anualmente — inclusive crianças —, e é quase certo que uma terceira dose seja compulsória.

É fundamental, portanto, entender que não há uma bala de prata definitiva, mas um processo de aprendizado e conquistas, feito de avanços e recuos. A saída para a mais grave tragédia sanitária do século (no avesso de uma "gripezinha") será feita por etapas, de mãos dadas com a ciência e o conhecimento, contra o negacionismo, que é um retrocesso da civilização. Só assim, com extrema racionalidade, haverá a retomada da normalidade possível, como vemos em países como Espanha, Suíça, França e Alemanha, que já permitem shows em espaços públicos e autorizam a entrada de brasileiros — desde que vacinados. Durante um bom tempo (ou para sempre, insista-se) teremos de respeitar o vírus. Em resumo: será uma batalha longa, cansativa e dramática para a humanidade, com muitas vítimas pelo caminho, mas certamente vamos ganhá-la. ■

CLAUDIO GATTI

NINGUÉM AGUENTA MAIS

O presidente do PSD tenta conquistar governos estaduais para a sigla, aposta firme na terceira via para o Palácio do Planalto e diz ser triste um país onde poucos levam a sério o presidente

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS

UM EXPERIENTE parlamentar costuma brincar que, em meio a uma confusão generalizada provocada por uma catástrofe nuclear, procuraria Gilberto Kassab para saber o que fazer. Atual presidente do PSD, ele já ocupou cargos como o de prefeito de São Paulo e de ministro de Dilma Rousseff e Michel Temer. Não perdeu o prestígio de "oráculo" político mesmo depois de ter sido atingido por suspeitas de corrupção (responde no momento a um processo por corrupção passiva, lavagem de dinheiro, caixa dois eleitoral e associação criminosa, denúncias negadas por ele). Respeitado pela sua habilidade nos bastidores, prepara uma mudança de patamar do seu PSD: a sigla deve ter candidatos próprios e bastante competitivos em alguns dos maiores colégios eleitorais do país, e flerta com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, hoje no DEM, para uma inédita candidatura presidencial. Segundo Kassab, há espaço para um nome de centro romper a polarização entre Lula e Bolsonaro *(leia também a reportagem na pág. 26)*. Nos últimos tempos, aliás, tem subido o tom das críticas ao capitão e enxerga nele sinais preocupantes de quem deseja um golpe.

Políticos da esquerda à direita costumam se referir ao senhor como "oráculo". Previa lá atrás que o governo atual teria tantos problemas?
Estou acostumado a conviver com resultados que não corresponderam à expectativa. Hoje, mais do que nunca, estou convencido de que a vitória do Geraldo Alckmin teria sido melhor pa-

ra o Brasil em 2018. A eleição de Bolsonaro não foi boa para o país. Essa é a razão de eu estar entre aqueles que procuram hoje alternativas. Vejo com muita preocupação a continuidade de um governo que tem uma série de problemas e que em nada tem ajudado.

O senhor se surpreendeu com o comportamento de Bolsonaro no governo? Eu tinha certeza de que ele teria dificuldades para ser presidente. Convivi com Bolsonaro como deputado federal em dois mandatos e não enxerguei qualidades que o credenciassem a ser presidente. Ser candidato e ganhar as eleições não é tudo. Aprendi que o importante não é apenas ganhar as eleições. Se é para ganhar com um projeto ruim, é melhor perder, porque isso vai trazer um desgaste talvez irreversível à sua carreira, e do ponto de vista de políticas públicas a um município, um estado, um país, o resultado será também muito danoso.

Na mais recente crise entre o presidente e o STF, Bolsonaro pediu o impeachment do ministro Alexandre de Moraes. O que achou desse gesto? Bolsonaro errou. A tensão no país está sendo criada pelo presidente, e não pelo STF, que tem se manifestado adequadamente. Felizmente, o presidente do Senado rejeitou esse pedido de impeachment. É um absurdo vindo do presidente, porque ele sabe que quem está acirrando os ânimos, provocando tensão, é ele, procurando, intencionalmente ou não, gerar confusão no processo eleitoral. Isso é lastimável para alguém que foi eleito democraticamente por esse sistema de votos. Convivi com a época da apuração em cédulas de papel. Aquele sistema, sim, possibilitava fraudes.

Teme que o presidente tente alguma ruptura democrática caso seja derrotado em 2022? Tenho uma forte percepção de que ele pensa no assunto, sim, e dá sinais de que deseja o golpe. Ele verbaliza isso. É muito preocupante. Um presidente da República, quando sinaliza um golpe, pode estar brincando ou falando sério. Se estiver brincando com isso, é um irresponsável. Se estiver falando sério, pior ainda. Diante das suas manifestações mais recentes, temos de estar preparados para tudo. Acho que o Supremo e o Tribunal Superior Eleitoral estão se preparando para que ele não tenha sucesso, caso não seja uma brincadeira. O Congresso vai se preparar e eu, pessoalmente, também.

> **"O presidente dá sinais de que deseja o golpe, verbaliza isso. Se estiver brincando, é irresponsável. Se estiver falando sério, pior ainda. Temos de estar preparados para tudo"**

Depois do desfile com tanques de guerra em Brasília, o bolsonarismo está se mobilizando para fazer manifestações barulhentas em 7 de setembro. O senhor teme tumultos? Espero que sejam atos democráticos, que são sempre bem-vindos. Sobre aquele desfile militar, foi uma piada. Fez muito barulho nos dias que antecederam, provocou polêmica e depois virou galhofa pela maneira como foi feito. É triste, mas imagino que talvez daqui a alguns meses as pessoas vão parar de dar importância a Bolsonaro.

O impeachment já foi mais possível do que é hoje? Tenho muitas críticas ao governo, mas sempre descartei o impeachment. Não vejo até agora nenhum motivo para isso na conduta do presidente. Ele tem dado opiniões, mas não deu passo concreto em direção a um golpe. Se em algum momento as opiniões virarem ações, o Congresso precisa ser célere e defenderei a ideia de que meu partido apoie o impeachment. O partido nunca fechou questão, mas, quando Bolsonaro ultrapassar essa linha, dentro do partido vou defender o afastamento.

A CPI da Pandemia pode favorecer um clima para o impeachment? Tem de ter algo concreto, não se pode banalizar o impeachment. Os erros dele na pandemia foram desastrosos, promovendo aglomerações, a demora na compra das vacinas... Tudo isso causou um desgaste de imagem, mas não sei se justifica o impeachment. Justifica, sim, punições, ações do Ministério Público... Se ele avançar mais alguns passos no sentido de trabalhar por um golpe, a Câmara tem o dever de abrir o processo de impeachment.

Além de Bolsonaro, já há outros candidatos em campanha para 2022. O que deve influenciar mais o voto do eleitor no ano que vem? A vontade de mudar. Hoje, apenas aproximadamente 25% dos brasileiros querem continuar com este governo. A cada semana, a cada mês, está havendo queda na sua popularidade. Há uma aspiração por uma mudança tranquila. O brasileiro não aguenta mais enfrentamento, acirramento de ânimos.

Por que o centro ainda não tem um candidato competitivo? O eleitor vai escolher isso no momento certo, na pré-campanha vai sinalizar o seu

apoio. No Brasil existe a tradição do voto útil, que acontece com muita frequência. Acredito que acontecerá de novo. Aposto em uma proposta nova, conciliadora.

O senhor tem defendido a candidatura do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, mas nomes como Ciro Gomes não indicam que abrirão mão da disputa presidencial. Esse número de candidatos correndo na mesma faixa não pode sufocar a terceira via? É da democracia os partidos terem candidatos. Respeitamos as candidaturas colocadas, não acho que estejamos caminhando para um número excessivo de candidatos. O PSD se preparou para ter seu próprio nome, que é o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Ele tem mais chance de conseguir recolher o voto daqueles que rejeitam os dois extremos.

Pacheco é visto como político conciliador, mas ainda muito desconhecido. Há tempo para fazer dele um candidato competitivo até 2022? As razões das pessoas para rejeitarem o atual governo é constatarem que está à frente dele uma pessoa sem experiência de gestão, que não estava preparada para ser presidente. É quase uma aventura esse governo, o brasileiro não quer mais isso. Rodrigo Pacheco é um advogado bem-sucedido, bem preparado, com trajetória parlamentar admirável. Não se pode ficar impressionado com pesquisa no momento. Se ele aceitar o convite, muito possivelmente será o candidato que melhor representará a união nacional, o candidato dessa mudança tranquila.

Pré-candidato do PSDB à Presidência, o governador João Doria procura também ocupar esse espaço. Como avalia as chances dele? Ele tem muita exposição e todos sabem que ele é candidato. Mesmo assim, tem dificuldades. É difícil o governador chegar aos 25% para ir para o segundo turno. As pesquisas também mostram que sua avaliação não é boa.

O senhor descarta apoio do PSD a outro candidato de centro, caso Pacheco não se filie, ou até mesmo uma aliança com Lula? O PSD só tem seus planos A, B e C, que são: Rodrigo Pacheco candidato a presidente.

Em que medida a volta de Lula à disputa eleitoral e os movimentos dele ao centro podem reduzir o campo da terceira via? A candidatura do Lula atinge mais a do Ciro Gomes, que tem muitas qualidades, mas o Lula dificulta a ida do Ciro para a esquerda, onde o ex-presidente tem mais força.

Acredita ainda numa candidatura do ex-juiz Sergio Moro? Ele pode ser um bom candidato ou um bom apoiador. Moro tem um legado, sinaliza aos brasileiros um dos principais agentes públicos no combate à corrupção, com bastante êxito, e também com erros. O problema dele foi aceitar ser ministro de um governo em que muitas pessoas não acreditavam. Isso trouxe complicações à sua carreira, mas ele tem legitimidade para aspirar ao cargo.

“Meus planos A, B e C para o Palácio do Planalto em 2022 são o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Se aceitar o convite, ele será o candidato que melhor representará a união nacional”

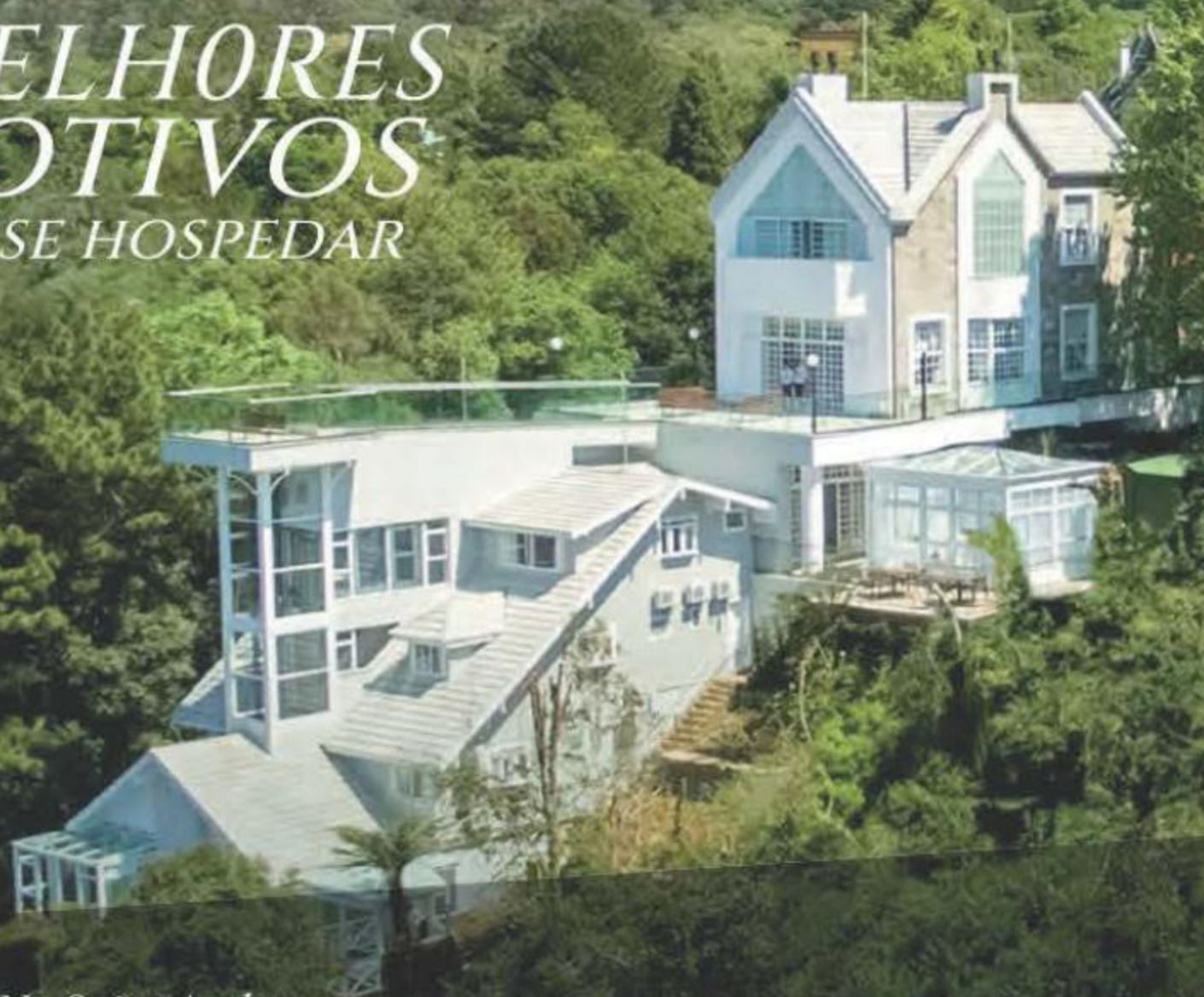
Na disputa aos governos estaduais em 2022, seu partido quer lançar candidaturas próprias em estados importantes. Em São Paulo, vai mesmo tirar Geraldo Alckmin do PSDB para enfrentar os tucanos como cabeça de chapa do PSD do estado? Acho que Alckmin tem vários motivos para se filiar ao PSD, um partido que está arrumado e tem várias lideranças. Ele foi quatro vezes governador, sempre muito bem avaliado. É uma candidatura segura. Só depende dele agora.

O senhor costuma negar que o PSD seja parte do chamado Centrão. O que os diferencia? O PSD é de centro e não temos nenhum problema de convivência com o Centrão. Como qualquer sigla de centro, o PSD tem preocupação extremada com a saúde pública, com o ensino público, a ciência e as políticas sociais. E isso não é incompatível com algumas políticas públicas que pregam os liberais no campo da economia, como fortalecimento da iniciativa privada. A opinião pública não sabe o que pensam os partidos do Centrão.

O senhor disputou pela última vez uma eleição em 2014, ao Senado, e não foi eleito. Não tem mais aspiração a cargos majoritários? Estava me preparando para ser candidato a senador, entendo que há circunstâncias favoráveis pela minha relação com prefeitos, com a sociedade, as realizações em São Paulo, o conhecimento e a experiência. Mas as circunstâncias de fortalecimento do PSD, um projeto que eu assumi o compromisso de coordenar, me levaram a deixar de lado a ideia. Penso no futuro em voltar a disputar eleições, mas não em 2022. ■

CASTELO

SAINT ANDREWS

UM EXCLUSIVE HOUSE NAS MONTANHAS DA SERRA GAÚCHA

No Saint Andrews

cada suíte tem uma personalidade própria, homenageando as belezas das pedras preciosas ou entregando a sofisticação das acomodações de montanha de alto padrão. São apenas 19 suítes reservadas aqueles que desejam desfrutar serviços diferenciados e totalmente personalizados.

Mountain House

Maravilhosa residência (380m²) nas dependências do Castelo que conta com: garagem privativa, living, bar, adega, lavabo, cozinha, varanda com vista para o Vale do Quilombo, suíte Valley View (62m²) e a suíte Loft Mountain (31m²). Saiba mais acessando nosso site.

Jardins Exuberantes

O delicado paisagismo desenha caminhos de uma rara placidez tão tranquila que os pássaros elegem como lugar para se aninhar. O perfume do jasmim, presente em diferentes recantos, enche a atmosfera de inspiração. Os gazebos enchem o local de romantismo para experiências únicas a dois.

Restaurante Primrose

Cada detalhe do ambiente contribui para um clima intimista e requintado. As mesas são iluminadas individualmente por um lindo lustre de cristal tcheco. A gastronomia tem inspiração na culinária franco italiana, adaptada ao terroir da Serra Gaúcha. Tetracampeão no Wine Spectator - com a melhor carta de vinhos no mundo.

A DESPEDIDA DE UM HERÓI BRASILEIRO

O SORRISO mais conhecido do esporte paralímpico do Brasil já prepara suas últimas aparições. Daniel Dias, 33 anos, recordista de medalhas da natação masculina, se aposentará ao final dos Jogos de Tóquio, abertos no último dia 24. "O adiamento do torneio em um ano e a pandemia só aumentaram minha ansiedade. Estou muito feliz e quero aproveitar ao máximo a minha despedida", disse a VEJA. **Daniel iniciou o evento onde mais gosta, no pódio, com um bronze nos 200 metros livre na classe S5.** Foi sua 25ª medalha, chegando a catorze ouros, sete pratas e quatro bronzes... e contando, pois restavam outras provas antes do fechamento desta edição. O atleta nascido em Campinas (SP) com malformação congênita nos membros superiores e na perna direita tem poucas pretensões de título, em razão das reclassificações feitas pelo Comitê Internacional, que incluiu nadadores com menos limitações físicas em sua categoria. "A reformulação não foi a ideal", diz ele. "Por ser no meio de um ciclo, ficou um pouco conturbada. As regras ainda são subjetivas e ajustes podem ser feitos." O sonho dele, depois, é ser dirigente esportivo. O momento, no entanto, é de alegria e gratidão. "É muito bom poder inspirar pessoas. Quando eu escutei de uma criança sem deficiência que eu era um exemplo para ela, pensei: este é mesmo um legado intangível", afirma o multicampeão, que começou a nadar ao ver o ídolo Clodoaldo Silva nos Jogos de Atenas, em 2004. Com 4 400 competidores de 162 países, a Paralimpíada vai até 5 de setembro. ■

NAOMI BAKER/GETTY IMAGES

Luiz Felipe Castro

LEO MARTINS

CONEXÃO Uma ideia sobre Buda: "Se ele fosse vivo nos dias de hoje, provavelmente também teria perfil em redes sociais"

"JÁ BEBI ATÉ NO MOSTEIRO"

Criticada por assumir o cargo de embaixadora de uma empresa de bebidas alcoólicas, a líder espiritual afirma que isso não fere a filosofia budista e conta que às vezes toma um vinho "com moderação"

A senhora foi atacada nas redes por trabalhar para uma empresa de bebidas alcoólicas, enquanto o budismo prega "a plena consciência". É uma contradição? Claro que não. Buda concordaria comigo: ele sempre pregou que o caminho da iluminação passa pela moderação, exatamente o que defendo como embaixadora da Ambev. A questão não é nem encher a cara, nem deixar de beber uma gota de álcool, mas encontrar um ponto no meio. Os excessos fazem mal, assim como a escassez também é prejudicial.

Outra enxurrada de críticas veio pelo fato de a senhora ter se associado a uma marca privada, ligada ao consumo, sendo um símbolo do desapego. Também não faz sentido. Não sou socialista e entendo o mundo em que vivo — e ele é capitalista. A nós, religiosos, cabe, isso sim, orientar as grandes empresas, no lugar de só ficar criticando por buscarem o lucro.

Como é sua relação com o álcool? Já bebi muito, consumia álcool até no mosteiro. Um dia, já se vão quase dez anos, exagerei, passei muito mal e pisei no freio. Hoje, às vezes tomo um vinho. Mas tem gente que quer exigir que eu não beba nada, que não coma carne, que seja vegana. Esperam de mim uma divindade, quando sou um ser humano.

A senhora é a monja mais popular das redes sociais, com 2,7 milhões de seguidores no Instagram. Gosta da exposição? Quanto mais gente eu conseguir alcançar com minhas ideias, melhor. Agora, em nenhum momento decidi: vou viralizar. Foi natural. As pessoas estão cada vez mais interessadas na espiritualidade, e a pandemia intensificou dúvidas existenciais, abrindo as portas para o autoconhecimento. Se Buda estivesse vivo, provavelmente também teria um perfil nas redes.

O budismo pode ajudar a refletir sobre o momento por que passa o Brasil? Estamos atravessando um período de desequilíbrio. Mas o primeiro ensinamento de Buda é que não há nada permanente, então acredito que tudo vai melhorar, sempre. Um bom caminho é não viver nos extremos, mas na harmonia.

Há como alcançar harmonia no atual cenário de polarização? Essa agressividade que vemos aí não está com nada. E a forma de o presidente se expressar não contribui. Ele deve ter sido um bebê bonito. Fico pensando nas experiências que enfrentou para se tornar uma pessoa tão rude. É um meninão dando exemplos que podem ser bastante prejudiciais.

Na autobiografia de Rita Lee, ela, com quem a senhora conviveu nos anos 70, relata que seu passado de excessos não tem nada a ver com a filosofia que prega. Procede? A Rita foi casada com meu primo, o Arnaldo Baptista, mas sabe pouco sobre mim, alguma coisa entre a gente não batia. Mas, sim, na juventude eu bebia quase todos os dias, fumava, vivia uma sexualidade livre. Já tive experiências com LSD e haxixe. Buscava Deus em viagens alucinógenas. Tudo isso foi vital para me conduzir à filosofia budista e vivo em paz com esse passado. ■

Duda Monteiro de Barros

"Cheio de álcool, mas álcool só na mão."

ZECA PAGODINHO, em isolamento total, depois de ter contraído Covid-19, sincero como nunca. Mas ele já prometeu: "Eu vou me vingar quando isso passar"

FACEBOOK @ZECAPAGODINHOOFICIAL

"No momento, eu penso que a *(reeleição)* de Lula é menos traumática para o Brasil, de forma direta. Isso não quer dizer que eu não queira uma via pelo PSDB. Claro que eu desejo. Mas uma coisa é você desejar e trabalhar nesse sentido, e outra coisa é analisar a realidade. Assim, por ora, entre Lula e Bolsonaro, acredito que o Lula seja melhor."

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, tentando encontrar alguma saída para o Brasil, seja pela terceira via ou não

"O ser humano quer ser livre. Quem quer ser sufocado que se sufoque. Reprima seu filho, bote ele de azul, a filha, de rosa... Mas não venha impor isso como regra a um país."

MARIETA SEVERO, atriz de 74 anos, que grava no momento a nova novela das 9, *Um Lugar ao Sol,* na Globo

"Eu não ia deixar o Lula na mão, ponto."

FERNANDO HADDAD, candidato a presidente em 2018, explicando por que decidiu aguardar até o fim a decisão judicial em torno de Lula, que estava preso em Curitiba, antes de definir seu nome como cabeça de chapa do PT

"Aos puxa-sacos eu entendo, só não os respeito. Tudo o que o Haddad tem na vida política deve a Lula. Já eu, a ele não devo nada. Por isso sou livre para criticá-lo. Haddad, não!"

CIRO GOMES, candidato à Presidência em 2022

"Infelizmente deu no que deu."

ALEXANDRE KALIL, prefeito de Belo Horizonte, ao admitir o fracasso dos protocolos de saúde ao autorizar público no Mineirão, na semana passada, nas partidas de Atlético x River e Cruzeiro x Confiança

"Eu, pessoalmente, nunca vi tanta gente com Covid-19 no meu entorno."

EDUARDO PAES, prefeito do Rio, epicentro no Brasil do contágio pela variante delta do vírus *(leia na pág. 58)*

"Nós não queremos o inclusivismo."

MILTON RIBEIRO, ministro da Educação, insistindo em sua absurda tese de que crianças com deficiência fiquem em classes especiais nas escolas

"O Brasil é um país careta e hipócrita."

CAMILA QUEIROZ, atriz, que mesmo assim admira "a chama de esperança" mantida pelos brasileiros

"Não é descaso, é projeto de destruição."

DRICA MORAIS, atriz, criticando a situação da área cultural

"É como se o Burger King dissesse que não vai mais vender hambúrguer."

KENNETH PABON, usuário do OnlyFans, inconformado com a decisão do site para adultos de, por pressão de anunciantes, proibir vídeos pornográficos

"É um desafio, nas áreas mais povoadas, sair e abrir as pernas estando cercado de gente."

CHRIS HIPKINS, ministro do combate à Covid-19 na Nova Zelândia, tropeçando nas palavras ao mencionar um dos protocolos de segurança: manter os pés bem afastados para manter o distanciamento

"O amor é o diamante que as joias e a arte decoram."

A cantora **BEYONCÉ,** que fez história ao lado do marido, o rapper Jay-Z, ao ser a primeira mulher negra a usar o diamante de 128 quilates da Tiffany & Co. encontrado na África do Sul em 1877. Foi a primeira vez que a peça apareceu numa campanha publicitária

TIFFANY & CO.

FERNANDO SCHÜLER

O PAÍS QUE PODE DAR CERTO

NO BRASIL acontecem coisas estranhas. O governo faz uma lista de imóveis para vender e põe lá, no meio de outros tantos prédios, o icônico Palácio Gustavo Capanema, projetado por Le Corbusier, nos anos 1930. A reação foi imediata. Em um texto no estilo heroico, li que estaria em jogo nossa "própria liberdade e independência". Em outras manifestações, mais razoáveis, dizia-se que alguma participação do setor privado até poderia ser positiva, desde que com regras claras de preservação e acesso público.

O debate sobre a venda do edifício não dará em nada. O governo, que nada planejou, já disse que não há leilão nenhum à vista. A pergunta interessante que fica é: haveria algum problema se um edifício com aquela qualidade e simbolismo cultural fosse mesmo gerido pelo setor privado? É o que acontece, por exemplo, perto dali, com a incrível obra projetada por Santiago Calatrava, que abriga o Museu do Amanhã. Museu premiado, bem administrado, cartão-postal do Rio de Janeiro. E inteiramente gerenciado por uma organização social privada e sem fins lucrativos.

Quando penso nessas coisas me vem à mente um exemplo oposto. O Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Casa da família real brasileira durante todo o período imperial. Administrado como repartição estatal vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Queimou quase todo em uma noite triste de domingo, três anos atrás. Ainda lembro de minhas visitas ao museu, à época em que morei no Rio. O brasão imperial encostado numa parede, os aposentos do imperador ocupados por mesas de trabalho burocrático. Plano de investimentos pífio, idem para a captação privada de recursos. No fim de tudo, alguém ao menos foi responsabilizado? Por óbvio que não. Apenas esquecemos do assunto e seguimos em frente.

IPHAN

ÍCONE O Palácio Capanema, no Rio: um pouco de setor privado faria bem

O Brasil vive uma ambivalência. Há um país arcaico que ainda espera tudo do Estado, e há um país que se renova. Agora mesmo tivemos sinais disso, quando se anuncia a renovação completa do espaço do Masp, projetado por Lina Bo Bardi, também uma joia da arquitetura brasileira. A obra inclui a integração do edifício anexo com um túnel subterrâneo, em plena Avenida Paulista, e um ganho de 66% na área de exposições do museu. O financiamento? É de 180 milhões de reais, captados no setor privado, sem incentivos, de famílias que terão seus nomes gravados em uma placa quando a obra for inaugurada.

Alguém poderia dizer que é um caso isolado, mas a verdade é que não é. O mesmo valor está sendo doado para a construção da nova fábrica de vacinas, do Instituto Butantan. Algum milagre? Nada disso. Apenas o que deve ser feito, alguma sabedoria para inovar e buscar um caminho que há muito é conhecido, internacionalmente, na gestão de patrimônio histórico, museus, universidades, orquestras, centros de pesquisa e outros bens de interesse público mundo afora.

O conservadorismo que ainda temos nesse terreno por vezes é engraçado. Lembro de um casal amigo que um dia resolveu fazer seu casório no Central Park. A pequena celebração foi num daqueles gramados com a silhueta da Big Apple, ao fundo. Aqui no Brasil, eles eram vanguarda nas "lutas contra a privatização" de bens culturais. Mal sabiam que o parque é gerido pela Central Park Conservancy, 100% privada. Vale o mesmo se meus amigos dessem um pulo no Metropolitan Museum ou andassem pelo High Line. Devem ter ido, imagino, mas não sei se eles se deram conta. Somos um pouco assim. Gostamos que as coisas funcionem, mas nem sempre estamos dispostos a pagar o

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

preço. Nesse caso, quase nenhum. Basta repaginar um pouco as ideias e pôr de lado velhos preconceitos.

Somos um país marcado pelo paternalismo estatal, mas estamos mudando. Nossa história se fez pela anterioridade do Estado em relação à sociedade. Em certo sentido o avesso da tradição americana. Quando Alexis de Tocqueville visitou os Estados Unidos, nos anos de 1830, ficou espantando com o associativismo daquela sociedade. Os americanos "associam-se para a segurança, o comércio, a indústria, o prazer, a moralidade e a religião". Isso sempre se aplicou às universidades e aos museus. Harvard e Stanford surgiram assim, é exatamente disso que se trata quando li, por esses dias, que Jeff Bezos doou 200 milhões de dólares para a Smithsonian Institution, em Washington, para criar o Bezos Learning Center, na instituição. Alguns dirão que se trata de uma atitude egoísta de alguém que só quer preservar o nome na história. Outros dirão que é um gesto altruísta, e é provável que ambos tenham razão.

No Brasil temos o mesmíssimo potencial. Não temos como reescrever nossa história, mas há uma variável sobre a qual temos controle: nossas instituições. De que maneira teremos milhares de doadores e voluntários para trabalhar em um museu ou um parque público se não há organizações civis no comando, engajadas em buscar apoios, sem a burocracia do governo emperrando tudo?

Um exemplo: não há grande universidade ou museu americano que não tenha seu fundo de *endowment*. É basicamente uma poupança de caráter permanente, criada via doações e múltiplas fontes de recursos, que a instituição vai formando ao longo do tempo. E com isso vai se tornando menos vulnerável ante os governos e variações de mercado. No Brasil já temos poucos exemplos nessa direção. Se alguém quiser doar seu patrimônio para financiar pesquisas ou a música de qualidade, como fez Andrew Carnegie, o herói da filantropia americana, que opções tem? Se quiser ajudar uma universidade ou museu estatal, diremos que deposite seu dinheiro na conta do governo? Do que mesmo estamos reclamando quando as pessoas doam muito pouco e observamos aquela imensa fogueira que tomou conta do Museu Nacional?

"Basta repaginar as ideias e pôr de lado velhos preconceitos"

Apesar de tudo, há sinais de mudança. A Radar PPP identificou 284 projetos de PPPs nos setores de cultura e turismo país afora. Isso inclui desde centros de eventos, passando por projetos como o Complexo do Pacaembu, em São Paulo, até espaços históricos como o Forte Nossa Senhora dos Remédios, em Fernando de Noronha. Essas coisas eram muito pouco prováveis no Brasil de vinte anos atrás, mas hoje são pura realidade.

Quando vou a um concerto da Osesp, na Sala São Paulo, ou observo os avanços de uma jovem instituição como o Fundo Centenário, criado por ex-alunos de engenharia da UFRGS, na minha Porto Alegre, vejo sinais de um país que pode dar certo. Que na verdade já vem dando certo, longe do bate-boca dos políticos, em Brasília, longe das ilusões do velho paternalismo estatal, que herdamos de nossa tradição, mas ao qual de jeito nenhum estamos condenados. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBEDESCE

SOBE

FÁBIO FARIA
O TCU aprovou por 7 x 1 o edital de licitação da rede 5G. Previsto para outubro, o leilão será um importante passo para a modernização das comunicações no país.

PETS
Uma pesquisa recente revelou que 54% dos brasileiros adotaram animais de estimação durante a pandemia.

NOZES
Um estudo de cientistas da Universidade Harvard mostrou que, em média, indivíduos que consomem esses frutos com regularidade vivem 1,3 ano a mais.

DESCE

CHICO RODRIGUES
Flagrado no ano passado com dinheiro na cueca, o deputado do DEM-RR foi indiciado pela Polícia Federal sob suspeita de desvio de recursos públicos para o combate à Covid-19.

YAKUZA
Nomura Satoru, líder da máfia japonesa, foi condenado à morte por um tribunal da cidade de Fukuoka, decisão inédita no país no combate ao crime organizado.

ÁFRICA DO SUL
Devido à grave crise econômica desencadeada pela pandemia, o país registrou a maior taxa de desemprego do mundo: 34,4% no segundo trimestre de 2021.

DATAS

JORDI VIDAL/REDFERNS/GETTY IMAGES

ANTI-ROCKSTAR O elegante e minucioso baterista: porto seguro dos Rolling Stones de Mick Jagger e Keith Richards

O ROQUEIRO APAIXONADO POR JAZZ

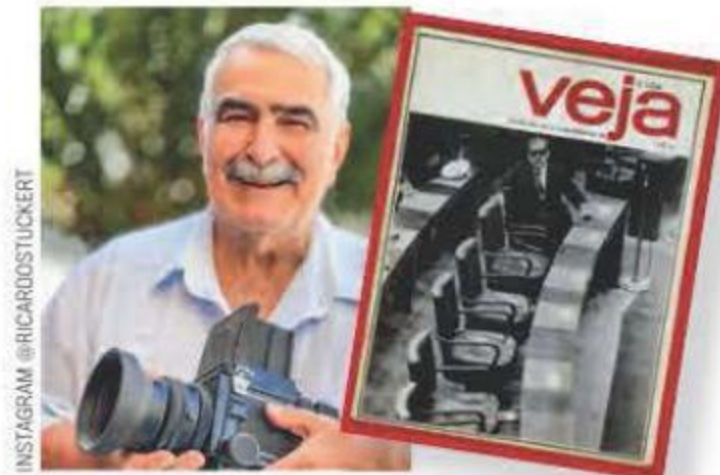
Charlie Watts se preparava para dormir depois de um show em Amsterdã, em 1984, quando um embriagado Mick Jagger, na companhia de Keith Richards, ligou para seu quarto de hotel e disparou: "Onde está meu baterista?". Minutos depois, Watts surgiu no quarto de Jagger impecavelmente vestido — e desferiu um soco no rosto do colega arrogante. "Nunca mais me chame de 'seu baterista'. Você que é 'meu vocalista'", disse. A anedota resume a personalidade forte, porém reservada, de Watts, o elegante baterista dos Rolling Stones.

Nascido em 1941, em Londres, ele se apaixonou pelo jazz na infância, influenciado por ícones como Miles Davis, Dexter Gordon e Charlie Parker. Começou a tocar bateria aos 14, e nunca mais parou. Em 1963, após passar por grupos jazzísticos, foi convidado para entrar nos Stones. Com suas pancadas certeiras e sem afetações, Watts deu à banda a personalidade que faltava. Em mais de cinquenta anos de carreira, nunca se deslumbrou com a fama: era o oposto do estereótipo do rockstar. Casado desde 1964 com Shirley Shepherd, sempre se manteve longe das festas e baladas que os amigos de banda frequentavam. Por isso, era considerado pelos outros integrantes como o porto seguro dos Stones.

Embora parte da lendária banda de rock, o jazz era sua paixão. Nos grandes shows, Watts dizia se imaginar tocando em um clube intimista. Em sua carreira paralela, formou grupos de jazz e lançou álbuns em homenagem a seus ídolos. No início de agosto, Watts — que fez um tratamento de câncer de garganta em 2004 — submeteu-se a uma cirurgia por razões não divulgadas, e anunciou que desfalcaria a turnê americana dos Stones. Morreu em 24 de agosto, aos 80 anos, de causas não reveladas, em Londres.

UMA IMAGEM SEM PALAVRAS

Em 1966, então jovem repórter fotográfico da *Folha de S.Paulo*, o paraibano **Roberto Stuckert** foi chamado a registrar uma visita do ministro da Guerra, Arthur da Costa e Silva, ao Congresso. Stuckão, como era chamado, foi lá e fez a foto diante da imensidão de assentos vazios. A imagem ocupou discreta página interna do jornal. Em dezembro de 1968, com Costa e Silva já presidente, o AI-5 em vigor e o Congresso fechado, o repórter de VEJA José Carlos Bardawil viu uma cópia do trabalho de Stuckert numa gaveta. Como a revista preparava uma capa a respeito da tragédia política, Bardawil intuiu ter ali perfeito resumo dos humores daquele tempo. A edição de VEJA com o Costa e Silva de Stuckert estampado sem palavras foi retirada de circulação pela censura. Patriarca de um competente clã de fotógrafos, Stuckão morreu em 23 de agosto, aos 78 anos, em Brasília. ■

INSTAGRAM @RICARDOSTUCKERT

CENSURA O fotógrafo e Costa e Silva no Congresso: VEJA recolhida

ELE, NÃO Carluxo: o Planalto avalia cenários em caso de prisão do Zero Dois pelo STF

Meu filhão

Jair Bolsonaro armou essa confusão toda com Alexandre de Moraes e o STF depois de receber uma informação, atribuída à Polícia Federal, de que **Carlos Bolsonaro** seria preso na sequência de Roberto Jefferson.

Delírios palacianos

Um aliado palaciano revela que até cenários foram discutidos por Bolsonaro no caso. Em uma das situações imaginadas no Planalto, Carluxo se refugiaria no Alvorada e Bolsonaro desmoralizaria o STF recusando-se a entregar o filho. Na outra, a própria PF rejeitaria cumprir a ordem de Moraes.

Uma crise por dia

Parece loucura, mas essa conversa toda, inclusive, chegou ao STF, que teve de lidar com a paranoia e esfriar a fervura. A prisão de Carluxo é a tal "corda arrebentada" que Bolsonaro deu para citar nas falas dele.

Atirem a primeira pedra

Diante desse clima de quebradeira no 7 de setembro, Bolsonaro foi aconselhado por aliados e ministros do governo a fazer um chamado à militância contra a violência e pelo debate de ideias. Ele, irritado, recusou.

Capital sitiada

A Inteligência do DF monitora grupos específicos de aloprados bolsonaristas. Nos últimos dias, o clima de violência esfriou, mas ainda assim um forte esquema de segurança será montado em Brasília. Na terça, agentes de segurança do STF, do Congresso e do Distrito Federal definiram a megaoperação.

Má influência

Assessores palacianos estão chocados com o papel de Braga Netto na crise política. É ele quem vem insuflando Bolsonaro contra as urnas eletrônicas, ao dizer, em papos privados, que Aécio Neves teria vencido a eleição em 2014.

Momentos de fuga

Alexandre de Moraes revelou recentemente a um interlocutor o que anda lendo no meio dessa confusão toda. O ministro terminou *Liderança em Tempo de Crise*, de Doris Kearns, e emendou *Escravidão*, de Laurentino Gomes.

Efeito colateral

Bolsonaro recebeu pesquisas que mostram seu derretimento eleitoral até em currais bolsonaristas, como o Rio Grande do Sul. Ele ainda tem maioria cativa em Mato Grosso e Santa Catarina, mas ficou assustado.

Mudança de poder

O governador Paulo Câmara (PSB) bateu o martelo: vai disputar uma vaga no Senado por Pernambuco.

Uma vice interessante

Contra Lula e Bolsonaro, **Marina Silva** vai decidir apenas em novembro se disputará o Planalto outra vez. Provavelmente, não.

DECISÃO Marina: ela decide em novembro seu destino

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Fogo amigo
Forte candidato ao governo do Maranhão, o senador Weverton Rocha (PDT) mergulhou na campanha de Lula. Para ele, Ciro Gomes é cristão novo na sigla e não pode obrigar ninguém a apoiá-lo contra o petista.

Revide
Ciro, aliás, volta ao Rio de Janeiro em setembro. Terá encontros com movimentos sociais. Quer sugestões para o programa de governo e, claro, cooptar lideranças que hoje estão com Lula.

Menos Brasília...
Flávio Bolsonaro tem sido cobrado por aliados no Rio de Janeiro. Para quem quer reeleger o pai, ele anda muito afastado dos assuntos na paróquia.

O retorno
O ex-senador petista Delcídio Amaral vai disputar uma vaga na Câmara dos Deputados pelo PTB em 2022.

Vai começar
A fila de ações por corrupção contra governadores vai voltar a andar no STJ. Wilson Lima, do Amazonas, puxa o cortejo. Deve mesmo virar réu.

Eleição da toga
O desembargador Aluisio Mendes, do TRF-2, perdeu força na disputa pelo STJ. Messod Azulay entrou no jogo.

Boa, chefinho
A cúpula da caserna notou. No Dia do Soldado, Bolsonaro usou máscara durante as duas horas de evento no Comando do Exército. Um recorde. Marcelo Queiroga, ministro da Saúde, também presente, quase chorou.

Puro amor
Hamilton Mourão é todo elogios ao novo ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite. "O debate sobre a Amazônia melhorou muito", diz o vice.

Ronaldinho entra em campo
Com o pai na liderança das pesquisas, Fábio Luís Lula da Silva, o **Lulinha,** voltou a se mexer. Nesta semana, o "Ronaldinho" do business reativou uma empresa e incrementou o capital social. Vai atuar na "intermediação e agenciamento" de negócios.

Dou-lhe uma, dou-lhe...
Tarcísio de Freitas prepara uma nova temporada de leilões para outubro. Serão duas rodovias e nove terminais portuários em cinco semanas: 23 bilhões de reais em investimentos.

Agenda verde
Freitas, aliás, estará na COP-26. Vai apresentar o trabalho da pasta para incluir as mudanças climáticas nas variáveis dos projetos de infraestrutura.

Até o Natal
O governo vai relicitar ainda neste ano o Aeroporto de São Gonçalo do Amarante (RN). Girafa dos tempos do PT.

Dinheiro jogado fora
O fim da privatização da Casa da Moeda sacramentou o desperdício de 2,8 milhões de reais gastos pelo BNDES com estudos para o negócio.

I love NY
Depois de criar unidades na China, Emirados Árabes e Europa, João Doria abrirá em novembro o escritório de negócios de São Paulo em Nova York.

DANILO M YOSHIOKA/FUTURA PRESS

TÔ VOLTANDO Lulinha: empresa reativada e novos ramos de negócios

A confiança voltou
A Petrobras ganhou neste ano 79 000 investidores pessoa física, 11% de crescimento. Agora são 771 000 acionistas.

Marca histórica
A indústria de defesa bateu nesta semana o recorde histórico de exportações: 1,3 bilhão de dólares. Uma venda recente de pistolas e fuzis da Taurus aos EUA (900 milhões de dólares) e outra de cargueiros KC 390 da Embraer à Hungria (72 milhões de dólares) ajudaram na marca.

Tragédia cultural
O incêndio na Cinemateca vai completar um mês neste fim de semana. Até agora, não se sabe o que foi perdido. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

NEM BOLSO

ISTOCK/GETTY IMAGES

Se as eleições presidenciais fossem hoje, o favorito seria um candidato ainda sem nome, sem rosto, homem, honesto, com espírito de liderança e experiência política

RAFAEL MORAES MOURA

Aos olhos de hoje, a próxima sucessão presidencial tende a repetir a disputa entre Jair Bolsonaro e PT, que deve lançar Lula em 2022. Diferentes institutos mostram o presidente e seu antecessor com ampla vantagem sobre os adversários nas pesquisas estimuladas — aquelas em que os entrevistados são apresentados a uma lista de possíveis candidatos e instados a escolher um deles. Em levantamento realizado pelo Ipespe a pedido da XP, Lula lidera com 40% das intenções de voto, e Bolsonaro aparece em segundo, com 24%. Os demais postulantes registram no máximo 10%. Apesar desses números, o quadro eleitoral ainda pode mudar de forma considerável, já que as mesmas pesquisas revelam que há espaço de sobra para a construção de uma candidatura capaz de romper a polarização. Dois dados são elucidativos nesse sentido. Na pesquisa espontânea, aquela em que não é apresentada a relação de presidenciáveis, a liderança é dos indecisos. Hoje, há mais entrevistados sem candidato do que declarando voto em Lula ou Bolsonaro. Além disso, um quarto da população não está disposto a votar em nenhum dos dois favoritos. Ou seja: há uma massa à espera de uma alternativa.

Se em tese a terceira via pode ser competitiva, na prática ela esbarra em toda a sorte de problemas. Até agora, foram lançados mais de dez balões de ensaio ao Palácio do Planalto, num sinal inequívoco de que o grupo não tem um candidato natural

ONARO NEM LULA

OS OPOSTOS... Bolsonaro: ele quer ter o petista como adversário para viabilizar sua reeleição

...SE ATRAEM Lula: ele quer o presidente como adversário para manter as chances de vitória em 2022

e que seus integrantes, por enquanto, não empolgaram o eleitor e não estão dispostos a abrir mão de seus respectivos projetos em nome da costura de uma grande aliança. Só no PSDB são quatro os presidenciáveis, e todos engatinham nas pesquisas. Parceiro histórico dos tucanos, o DEM também está testando nomes. Recentemente, o PSD passou a flertar com a ideia de filiar ao partido e lançar ao Planalto o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco *(leia entrevista de Páginas Amarelas com Gilberto Kassab na pág. 9)*. Já MDB e PSL cogitam as candidaturas da senadora Simone Tebet e do apresentador José Luiz Datena. Há ainda a possibilidade de o ex-juiz Sergio Moro entrar no páreo pelo Podemos. Como ninguém se destaca nesse pelotão, a conclusão é clara: o eleitor que não quer nem Lula nem Bolsonaro anseia por um nome da terceira via, mas até agora não gostou de quase nada do que viu. Encontrar um rosto competitivo para a disputa é o desafio dos centristas.

"O candidato de centro se sai muito bem enquanto permanece uma silhueta vazia ou uma folha em branco", provoca o cientista político Paulo Kramer, que participou em 2018 da elaboração do plano de governo de Bolsonaro. "A terceira via, por enquanto, é um fantasma, mas precisamos dar carne e rosto para ele até dezembro. É a candidatura que mais ameaça o poder dos dois", rebate o cientista político Luiz Felipe d'Avila, fundador do Centro de Liderança Pública e entusiasta da construção de um nome capaz de rivalizar com os favoritos. Considerando o quadro atual, políticos e especialistas apostam que uma vaga no segundo turno já está assegurada a Lula. A missão da terceira via seria tomar o lugar de Bolsonaro, que enfrenta um processo de desgaste de imagem em razão da pandemia de Covid-19 e da crise econômica. Seu governo hoje é reprova-

do por metade da população. De fato, a possibilidade de uma alternativa competitiva preocupa os dois líderes das pesquisas. Lula e Bolsonaro deram declarações recentes desdenhando dos centristas, numa rara sintonia entre eles provocada pelo fato de ambos também serem líderes em rejeição. Tudo o que eles não querem em 2022 é um confronto direto com alguém que tenha mais aceitação e alta capacidade de diálogo com diferentes fatias do eleitorado.

"Na espontânea, os indecisos estão num nível muito alto. A grande maioria ainda não tomou uma decisão firme de escolha do candidato. Pode haver grandes mudanças no quadro a depender da articulação da terceira via e dos resultados econômicos", afirma o cientista político Felipe Nunes, diretor da consultoria Quaest. Em sua última pesquisa, o instituto perguntou quem o entrevistado preferia que vencesse a eleição. De 1 500 pessoas consultadas, 42% responderam Lula, 28% declararam "nem Bolsonaro nem Lula" e 26% afirmaram Bolsonaro. Houve uma espécie de empate técnico na segunda posição, o que reforça a esperança da terceira via de conquistar uma vaga no segundo turno.

Essa possibilidade, existente no campo teórico, pode se tornar inviável caso os integrantes desse grupo político não cheguem a um acordo. Hoje, a tendência é a pulverização de candidaturas. "O grande desafio da terceira via é vencer a descrença de que não tem chance de ganhar a eleição. Se tiver um nome que a população fala 'hum, esse tem chances', ele voa", diz a presidente nacional do Podemos, deputada Renata Abreu (SP). A parlamentar reconhece que a vaidade dos próprios atores políticos, a maioria estacionada em intenções de votos que não chegam à casa dos dois dígitos, atrapalha as conversas em curso. "Todo candidato hoje se vê do mesmo tamanho. Por que vou abrir mão da minha candidatura em favor de outro nome que tenha o mesmo tamanho que eu? Não necessariamente quem tem vantagem eleitoral neste momento é o candidato com o maior potencial", frisa Renata.

A eventual costura de um consenso entre os partidos sobre a candidatura da terceira via não encerra os problemas. Longe disso. Faltará o principal: conquistar o eleitor. O grupo que não quer "nem Lula nem Bolsonaro" não é homogêneo. Há de tudo um pouco nesse balaio, inclusive arrependidos de lado a lado. "É difícil encontrar um caminho para a terceira via hoje, já que ninguém consegue emergir de uma maneira clara neste momento até por conta da profusão de nomes cogitados. A gente precisa de tempo ainda para ver como vão se desenrolar a economia, a pandemia e a aprovação presidencial", avalia Victor Scalet, analista político e estrategista da XP Investimentos.

Pesquisa encomendada pelo DEM detalhou o perfil do candidato ideal ao cargo de presidente da República: homem, entre 40 e 60 anos, honesto, com espírito de liderança, experiência política e um olhar para os mais pobres. Eleitores de direita preferem um cristão, conservador, enquanto os de esquerda acham importante um cidadão simples, humilde, "do povo". Já os de centro querem alguém equilibrado, sensato, centrado e unificador. "A pesquisa aponta muitos caminhos e conclui que no momento nem Lula nem Bolsonaro são exatamente os nomes desse perfil desejado. Existe uma parcela muito grande do eleitorado que não se definiu e deseja um nome que não seja nenhum dos dois que hoje são os mais lembrados", afirma o presidente do DEM, ACM Neto. Segundo a sondagem do partido, realizada em

BALÕES DE ENSAIO
Os nomes testados pelos partidos como alternativas à polarização: o governador João Doria (PSDB), o ex-ministro Ciro Gomes (PDT), o governador Eduardo Leite (PSDB), o ex-ministro Mandetta (DEM), o ex-juiz Sergio Moro (Podemos), a senadora Simone Tebet (MDB), o senador Rodrigo Pacheco (DEM), o apresentador José Luiz Datena (PSL) e o apresentador Luciano Huck, que já desistiu

maio, a via do meio é "estreita" atualmente, mas os dados "indicam um desejo majoritário por uma via alternativa", capaz de pacificar o país, estimular a retomada econômica e recuperar a credibilidade internacional do Brasil. "É cedo para você dizer que não vai surgir ninguém, que o jogo tá jogado. O país não precisa ser refém da polarização", acrescenta ACM Neto.

No extenso rol de dificuldades da terceira via, destaca-se também o papel secundário dos políticos do grupo nas redes sociais. O governador de São Paulo, João Doria, conseguiu certo protagonismo ao antagonizar com Bolsonaro no caso das vacinas. Naquela ocasião, a popularidade digital de Doria deu um salto, mas logo recuou para um patamar mais baixo. O mesmo ocorreu com o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, outro presidenciável do PSDB. Um relatório da AP Exata, empresa especializada na análise de dados de redes sociais, mostra que Leite bombou na internet no dia seguinte à entrevista em que assumiu a sua homossexualidade, chegando a alcançar 26,8% das menções feitas a presidenciáveis nas redes sociais, superando inclusive Lula (14,3%). A maioria delas foi positiva. Depois, no entanto, o governador retornou ao nível rotineiro de menções, atingindo um índice de apenas 0,3%.

No estratégico campo das redes sociais, Bolsonaro e Lula também sobressaem. Os demais estão muito atrás e não têm nem mesmo um discurso claro — e de apelo — para vender à audiência. "O político que quiser se consagrar vai ter de investir nas redes", afirma o CEO da AP Exata, Sergio Denicoli. Para políticos da direita à esquerda, a economia será decisiva para as chances de um candidato alternativo e para o resultado da eleição. Em seu pior momento desde que assumiu o mandato, Bolsonaro sabe disso e determinou à sua equipe que abra os cofres públicos e faça o que for possível para acelerar a recuperação econômica. "A economia pode não salvar o Bolsonaro a ponto de ele ganhar a eleição, mas pode salvá-lo no sentido de impedir o surgimento de uma terceira via competitiva", declara o cientista político Sérgio Praça, da Fundação Getulio Vargas (FGV).

GOV. ESTADO DE SÃO PAULO; TWITTER @CIROGOMES; PALACIO PIRATINI; PEDRO FRANÇA/AG. SENADO; CRISTIANO MARIZ; DIVULGAÇÃO; RAQUEL CUNHA/TV GLOBO

RICARDO STUCKERT

BEM NA FOTO Lula e a namorada, Janja: deleite numa praia "isolada" do Ceará

OS VELHOS NOVOS TEMPOS

Experimentar um avião de carreira ou um passeio pelas ruas de uma grande cidade não está nos planos do ex-presidente Lula — ao menos por enquanto. Na sexta-feira 27, ele encerrou um périplo pela Região Nordeste. Em um jato alugado, visitou seis estados em doze dias, se reuniu com governadores, prefeitos, deputados e vereadores dos mais variados partidos. Pregou a necessidade de união das siglas contra o adversário comum, prometeu ajuda aos pobres, emprego, crescimento e criticou a imprensa. Em momento nenhum falou explicitamente que será candidato à Presidência da República. Aos 75 anos, o ex-presidente mostrou que ainda mantém alta a vitalidade política. Em seu giro, também deixou evidente uma não menos impressionante vitalidade física.

A foto de Lula ao lado da socióloga Rosângela da Silva, a Janja, sua nova companheira, foi um dos assuntos mais comentados nas redes sociais durante a semana. Ela foi captada pelo fotógrafo oficial do PT numa praia do Ceará, postada no perfil da namorada e mostra que o ex-presidente está em excelente forma física para a idade — diferente de outras imagens publicadas no mesmo dia, nas quais ele parece bem menos atlético, bem menos bronzeado e com os cabelos rareados à mostra. Retratos podem ficar melhores ou piores, dependendo do ângulo captado e da mensagem que se quer passar. No momento, Lula quer voltar ao centro do tablado e construir a narrativa de que foi vítima de uma "conspiração internacional" para apeá-lo do poder. Em suas aparições no Nordeste, a imprensa e o grande público foram mantidos a uma distância prudente. Os "populares" que cercaram o ex-presidente nos eventos foram sempre militantes partidários, sindicalistas e ativistas de organizações sociais ligadas ao PT.

Nesse início de campanha informal, Lula não quer se arriscar no teste das ruas. Ainda assim, em Fortaleza, apoiadores do petista e bolsonaristas chegaram a ensaiar um confronto. Houve troca de insultos entre manifestantes que empunhavam cartazes onde se liam provocações como "Luladrão" e "Bozo". No Ceará, aliás, a passagem de Lula foi marcada por um episódio insólito. O ex-presidente e a namorada foram convidados pelo governador Camilo Santana a pernoitar numa confortável casa que a família do governador tem na Praia de Picos, distante 200 quilômetros da capital. A pequena mordomia passaria despercebida não fosse um exagero: para garantir a privacidade do petista, Santana deu ordens para isolar a praia. Viaturas da polícia cercaram os acessos ao local, o que provocou protestos de moradores e de turistas que visitavam a região. A paisagem bucólica e a lua cheia ajudaram a compor o cenário

da imagem que viralizou na internet e mexeu na disputa de popularidade nas redes sociais.

Após o início da viagem, o petista tomou de Bolsonaro a liderança no ranking de popularidade digital (IPD) elaborado pela consultoria Quaest. Em 9 de agosto, um dia antes do barulhento desfile de tanques pela Praça dos Três Poderes, Bolsonaro era o líder no IPD com 62,34 pontos, enquanto Lula marcava apenas 36,29 pontos. Na sexta-feira 20, Lula já estava na ponta, com 59,79 pontos, à frente do ex-capitão, com 52,38. O ranking leva em consideração dados colhidos em redes sociais e buscadores, além de uma série de variáveis, como a capacidade de promover engajamento e a receptividade às mensagens postadas. O PT — que reconhece ter sido negligente com o universo digital em 2018 — agora joga também pesado nessa seara.

Bem-sucedido na visão dos petistas, o tour de Lula pelo Nordeste foi uma espécie de ensaio geral para a estratégia e o discurso que o PT pretende adotar na campanha do ano que vem. Serviu também para mostrar que o ex-presidente e o seu partido continuarão se valendo de velhos vícios. Além do jatinho alugado, a comitiva de dez pessoas se hospedou em hotéis de primeira linha e promoveu eventos de apoio em todos os lugares por onde passou. O PT, no entanto, não informa quanto tudo isso custou. No passado, caravanas assim também eram comuns. Muitos acreditavam que os recursos que financiavam essas campanhas eram oriundos da venda de estrelinhas vermelhas e camisetas. A Lava-Jato mostrou que a fonte era outra.

Hugo Marques

PABLO JACOB/AG. O GLOBO

TERCEIRA VIA Reunião em Brasília: o centro em busca do candidato ideal

Nem todo mundo, no entanto, é bem-vindo na busca por uma alternativa. Na quarta-feira 25, a deputada Margarete Coelho (Progressistas-PI) finalizou o projeto de lei do novo Código Eleitoral e incluiu de última hora, num texto de 371 páginas, um dispositivo que determina quarentena de cinco anos para juízes, promotores e militares que pretendam se afastar das funções e disputar o voto popular nas urnas. Se aprovada, a regra tem um alvo certo: ela proibirá a candidatura de Sergio Moro, que condenou Lula à cadeia e deixou o governo Bolsonaro acusando o antigo chefe de interferir indevidamente na Polícia Federal. Como o ex-juiz pediu a exoneração do cargo em novembro de 2018 para assumir o posto de ministro da Justiça de Bolsonaro, ele só poderia concorrer em 2023. “Foi um pedido de vários partidos, é um apoio suprapartidário à proposta”, diz Margarete, cuja iniciativa contou com o apoio de legendas de diferentes matizes ideológicos.

A deputada é do Progressistas, o mesmo partido do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, e do presidente da Câmara, Arthur Lira. Os três são próceres do Centrão, que aderiu ao governo e promete apoiar Bolsonaro em 2022. Até essa situação, no entanto, pode mudar. O cientista político Antonio Lavareda argumenta que Bolsonaro pode enfrentar mais dificuldades eleitorais caso insista na estratégia de esticar a corda, como fez no caso do voto impresso e das ameaças a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Uma das consequências poderia ser o aprofundamento da perda de apoio entre setores do PIB que o ajudaram em 2018. “Do lado do mercado e das elites, só aprofunda o distanciamento de Bolsonaro, agora não só um personagem complicado, como também um mais que provável perdedor. Essas forças buscarão e estimularão outra solução”, diz Lavareda. Já Paulo Kramer afirma que o presidente tende a se recuperar com o arrefecimento da pandemia, a recuperação econômica e o fortalecimento da articulação política do governo. “O que pode salvar Bolsonaro é a economia e a capacidade dele de mostrar que, sem ele, o PT volta ao poder”, declara Kramer. Com chances, pois ainda falta uma eternidade até a eleição, uma terceira via terá de convencer o eleitor de que o Brasil não precisa necessariamente nem de um nem de outro. ■

REPRODUÇÃO

CONFORTO A nova residência de Ana Cristina: um amplo e belo espaço de lazer

A CONFUSÃO EM NOVO ENDEREÇO

Investigada no escândalo das rachadinhas, a ex-mulher do presidente Bolsonaro reclama das dificuldades, mas se instala definitivamente em Brasília **LETÍCIA CASADO E RAFAEL MORAES MOURA**

A ADVOGADA Ana Cristina Valle reclama de que a vida em Brasília não é nada fácil. Em janeiro, ela trocou uma rotina relativamente confortável em Resende, no interior do Rio de Janeiro, pela aventura de buscar novas experiências profissionais na capital do país. A mudança, segundo ela, foi precipitada pela necessidade de ajudar o filho, Jair Renan, a tocar os negócios dele. Os primeiros meses foram complicados. O status de ex-mulher do presidente da República lhe abriu muitas portas, mas também armou perigosas arapucas. Ela recebeu convites para se associar a escritórios de advocacia, foi sondada para fazer parcerias com notórios lobistas e sobraram ofertas de emprego para assessorar políticos. Acabou aceitando a proposta para trabalhar no gabinete da deputada federal Celina Leão (Progressistas-DF), onde recebe um salário razoável, mas módico para os padrões da elite brasiliense. Aos poucos, a advogada vai superando — e bem — as dificuldades.

Ana Cristina foi casada com Jair Bolsonaro durante dez anos. Depois da separação, em 2007, trabalhou com o então deputado estadual Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Nessa época, de acordo com o Ministério Público, ela teria organizado um esquema de arrecadação de parte dos salários dos funcionários do gabinete — o que ela nega. Depois de desembarcar em Brasília, a advogada foi morar com o filho no apartamento em que Bolsonaro residia antes de se eleger presidente da República. Embora bem localizado, o imóvel era pequeno demais. Renan, que tem 23 anos, queixava-se das privações, da falta de conforto, da dificuldade em receber os amigos. Esse problema foi resolvido. Há um mês, a família trocou o apartamento por uma casa bem ampla, de dois andares, com piscina e área de lazer, no Lago Sul, o bairro onde mora a classe mais abastada da capital. "Demorou para vocês descobrirem e aparecerem. Já tem um mês que mudei", disse a VEJA a ex-mulher do presidente, na segunda-feira 16, na porta da casa.

Na calçada, de chinelo e vestido, Ana falou sobre a sua rotina em Bra-

LETICIA CASADO

PECHINCHA A casa: 395 metros de área construída num bairro de elite de Brasília e um aluguel que custa 8 000 reais por mês

FACEBOOK @ANACRISTINABOLSONARO

FAMÍLIA Ana Cristina, com Renan: festas na nova residência e visita do irmão citado em áudio comprometedor

sília, do emprego, da família e, especialmente, da casa nova. Explica que, desde que se mudou, parte do seu dia é ocupada com tarefas domésticas, como trocar lâmpadas, consertar torneiras e arrumar infiltrações. A nova residência, segundo ela, é antiga e precisa de reparos, o que lhe garantiu um belo abatimento no valor na locação. Corretores consultados por VEJA informam que o aluguel de um imóvel similar na região custa em torno de 14 000 reais. Ana Cristina paga 8 000, uma pechincha, ainda que o valor consuma todo o seu salário bruto, que é de 8 100 reais. A diferença, explica, é complementada com renda de outros imóveis que ela possui no Rio de Janeiro. “A casa está detonada. Fiz o trato com o locador de fazer pequenas melhorias, por isso o aluguel foi baixo”, explica.

O dono do imóvel, segundo ela, é “um conhecido” — um corretor e empresário que mora na periferia de Brasília. Os registros cartorários revelam que ele comprou a casa no dia 31 de maio passado e, um mês depois, Ana Cristina mudou-se para lá. Ainda de acordo com os documentos, Geraldo Antonio Moreira, o proprietário, deu 580 000 reais de entrada e financiou o restante, 2,3 milhões de reais. A prestação é de 15 000 reais, quase o dobro do aluguel. Como investimento, evidentemente não foi um bom negócio. “Comprei a casa para eu morar lá. Mas ainda não consegui. Como financiei, recebi a proposta de locação e loquei. A intenção não era alugar, mas a gente

EVARISTO SA/AFP

RACHADINHA Flávio Bolsonaro: investigadores do Rio de Janeiro estão no encalço do senador há mais de dois anos

tem de pagar as contas, né?", explica o corretor-empresário. E sobre a locatária? "Eu não sabia nem quem era o inquilino. Não conheci a Cristina, não tenho contato com esse pessoal. Eu nem gosto de política", disse ele.

Confortável e bem localizada, a casa não tem homens armados na porta ou agentes do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) fazendo vigilância ostensiva. Os vizinhos, no entanto, já sabem que um ramo importante da família Bolsonaro mora lá, mas o isolamento social e a discrição dos novos habitantes da rua ainda não permitiram uma aproximação. No domingo 22, porém, a quarentena foi quebrada. Renan postou nas redes sociais uma série de vídeos de um almoço que promoveu com amigos. "Hoje aqui em casa vou fazer uma comemoração a todos vocês aí que estão me acompanhando chegar a meio milhão de seguidores. Hoje somos 533 000", anunciou. Entre uma postagem e outra da reunião, o filho do presidente aproveitava para fazer propaganda de uma cervejaria. Não era por acaso. O Zero Quatro cobra um cachê de 10 000 reais para fazer merchandising de produtos em seus perfis. O novo endereço tem servido para outros fins.

REPRODUÇÃO

A IRMÃ Andrea: o áudio insinua que havia esquema de recolhimento de salário no gabinete de Bolsonaro

Recentemente, Cristina recebeu a visita do irmão, André Valle. Por mera coincidência, segundo ela, foi logo depois que uma reportagem do portal UOL revelou o teor de uma gravação em que a irmã da advogada, a fisiculturista Andrea Valle, indica em uma mensagem que Jair Bolsonaro teria envolvimento no esquema da rachadinha. No áudio, Andrea afirma que André foi demitido do cargo de assessor do gabinete parlamentar de Bolsonaro por se recusar a repassar parte de seu salário ao então deputado. "O André deu muito problema porque ele nunca devolveu o dinheiro certo que tinha de ser devolvido, entendeu? Tinha de devolver 6 000 reais, ele devolvia 2 000, 3 000. Foi um tempão assim, até que o Jair pegou e falou: 'Chega. Pode tirar ele porque ele nunca me devolve o dinheiro certo'", diz Andrea. Depois da divulgação do áudio e da repercussão, André, que mora em Volta Redonda, viajou para Brasília e ficou escondido na casa até que o assunto esfriasse.

Cristina e outros nove parentes dela, incluindo André e Andrea, entraram na mira do Ministério Público por envolvimento no escândalo da rachadinha. Cristina conta que seus familiares recebem ameaças todas as vezes que esse assunto vem à tona. "É uma situação complicadíssima. São meus irmãos", afirmou. Sobre o áudio de Andrea, ela se esquiva: "Prefiro não comentar. Mas batem muito sem motivo. Coitadinha da minha irmã. Tenho pena dela. Ela está sofrendo com esses ataques todos. Menina humilde que não tem muito estudo, que corre atrás e batalha, cria uma filha. Atacaram meu pai com 78 anos, minha mãe com 77. Como meus pais ficam? Não pensam no ser humano. Minha mãe liga chorando. É sofrimento demais, você não tem ideia". E desabafa: "Só queria que me deixassem em paz".

Com vinte anos de experiência em política, Cristina estuda a possibilidade de transferir o domicílio eleitoral para Brasília e concorrer a uma vaga de deputada com o sobrenome do ex-marido. A estratégia não funcionou em 2018, quando ela disputou uma vaga na Câmara dos Deputados pelo Rio de Janeiro e obteve pouco mais de 4 500 votos. Naquele pleito, ainda era recente a revelação de que ela, em 2011, informou ao Itamaraty que foi ameaçada de morte pelo marido e por isso havia se mudado para a Noruega. A gravidade da denúncia acabou resvalando na campanha do capitão reformado. Hoje, eles mal se falam. Detalhes sobre a história, ainda cheia de mistérios, estarão, segundo ela, num livro. Questionada sobre o teor, Ana Cristina é enigmática: *"Surprise"*, diz, antes de encerrar a conversa. A confusão apenas mudou de endereço. ■

ALON FEUERWERKER

NUNCA MAIS?

Determinados grupos sonham em limar Bolsonaro e Lula de uma vez

E OS ÚLTIMOS DIAS assistiram ao enterro da 17ª ação judicial contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Advogados e apoiadores dele festejaram mais uma pá de terra sobre a Lava-Jato.

Se nenhum obstáculo jurídico aparecer até outubro de 2022, e se o acaso não pregar nenhuma peça, o petista caminhará elegível para as urnas eletrônicas, hoje alvo preferencial do até agora principal adversário dele, o presidente Jair Messias Bolsonaro.

O incumbente, aliás, enfrenta especulações algo semelhantes às ameaças que acabaram removendo Lula de 2018. Um cerco judicial que ronda tirá-lo da eleição. Como, ainda não se sabe muito bem.

Um problema, para certos personagens que sonham com 2022 sem Bolsonaro, é a possibilidade de parte dos votos dele acabar migrando para Lula e assim ajudar a liquidar a fatura logo de cara.

Sobre esse pessoal, e essa possibilidade, Talleyrand repetiria que não aprenderam nada e não esqueceram nada.

Diante do risco, uma solução especulada nos círculos do "lavajatismo pós-Lava-Jato" é simplesmente tirar os dois. Por enquanto, nenhum gênio das alquimias de Brasília descobriu o caminho, mas acham que não custa sonhar. E, segundo a sabedoria empresarial, sonhar grande e sonhar pequeno dá o mesmo trabalho.

Enquanto a turma sonha, a crise já vem contratada, pois estamos a anos-luz de algum consenso nas regras do jogo.

O único ponto de contato no discurso dos atores políticos neste momento é afirmarem estar preocupados apenas e somente com a preservação da liberdade e da democracia. Qual é o problema? Para quase todos eles, Bolsonaro incluído, a "verdadeira democracia" supõe certos adversários não poderem assumir o governo, em nenhuma hipótese, pois representariam um risco à própria democracia.

A transição de 1984-1985 impôs o "nunca mais" aos que apoiaram o regime militar. Depois de 2002, reinou o "nunca mais PSDB". Aí a era petista terminou e abriu-se o ciclo do "nunca mais PT". Que deu em Bolsonaro, que carrega a tocha do antipetismo. Mas o capitão agora enfrenta um "nunca mais" todinho só dele.

> **"Nenhum gênio das alquimias de Brasília descobriu o caminho, mas acham que não custa sonhar"**

A tara pelo "nunca mais" é um sintoma. A atual instabilidade decorre em última instância de ter colapsado o acordo fundamental que fez nascer a hoje agonizante Nova República.

Que acordo? As diversas forças políticas conviverem num ambiente de democracia constitucional, e as diferenças serem resolvidas nas urnas. E entre duas eleições os conflitos serem dirimidos no Legislativo. É sabido que as circunstâncias históricas levaram a um desgaste desse pacto, afinal sepultado em algum ponto da viagem entre 2013 e 2018.

E cá estamos nós de novo à beira de uma grave crise institucional. Fenômeno que os otimistas, ou ingênuos, achavam ser coisa do passado. É inevitável? Ainda não, mas o trem está em marcha. E se acontecer, de quem será a culpa, a responsabilidade histórica?

Periga tornar-se mais um assunto de debate e disputa entre políticos, historiadores, jornalistas, profissionais e amadores, para todo o sempre. ■

GUSTAVO MAGALHÃES/MRE

MUDANÇA DE RUMO O ministro França: sem o negacionismo e o radicalismo que marcaram a gestão do antecessor

FAXINA DIPLOMÁTICA

Após encontrar um Itamaraty contaminado pelos delírios ideológicos do bolsonarismo, Carlos França retoma o pragmatismo para tentar recuperar o diálogo com parceiros **LEONARDO LELLIS**

AINDA NA CAMPANHA eleitoral, o presidente Jair Bolsonaro fez uma das promessas que viria a descumprir assim que empossado no cargo: retirar o que considerava ser "viés ideológico" das relações exteriores do Brasil. Aconteceu exatamente o contrário. Nomeou Ernesto Araújo, que pautou a condução de sua política externa pelas teorias conspiratórias do escritor Olavo de Carvalho, priorizou relações com governos à imagem e semelhança de seu ideário ultraconservador e criou atritos com parceiros históricos até o ponto em que a sua permanência se tornou insustentável. Agora, o chanceler Carlos França, que se aproxima de completar cinco meses à frente do Itamaraty, tenta consertar o estrago. Ainda que empreendida de forma discreta, a mudança é sentida tanto nas questões internas quanto nos discursos e gestos de aproximação de países antes hostilizados. "O ministro trabalha para reconstruir as pontes que foram dinamitadas e recuperar o nível de confiança no Itamaraty", observa Rubens Barbosa, ex-embaixador em Washington.

FACEBOOK @BOLSONARO.ENB

INSTAGRAM @FILGMARTIN

FORA DO CIRCUITO
Eduardo Bolsonaro *(em visita a Donald Trump)* e o assessor Filipe Martins *(ao lado, com o guru Olavo de Carvalho)*: eles perderam o espaço que tinham com Ernesto Araújo e a influência na política externa

O sinal dos novos tempos foi dado já no discurso de posse, quando França se descolou do negacionismo do antecessor ao reconhecer a gravidade das crises ambiental e sanitária. Em um movimento interno, trocou o comando da Fundação Alexandre de Gusmão (Funag). De respeitado órgão dedicado às questões acadêmicas, ele havia se tornado na gestão Araújo uma máquina de promover desinformação sobre a Covid-19 e espalhar boatos conspiratórios associando a China à disseminação da doença. As sandices foram tantas num passado recente que a Funag acabou entrando no radar das investigações da CPI da Pandemia. Cicerone de olavistas e suas teses nos eventos que promovia, o presidente Roberto Goidanich foi exonerado por França.

O movimento mais delicado até aqui envolveu afastar gradativamente do raio de influência do Itamaraty dois nomes de maior peso, a começar pelo assessor especial da Presidência, Filipe Martins, outro discípulo de Olavo. Nos tempos de Araújo, dizia-se que Martins, um dos mais empenhados na cruzada ultraconservadora, tinha mais poder que o próprio ministro e havia se tornado até um conselheiro influente do presidente. Hoje, França nem sequer o recebe em seu gabinete. Com o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), o ministro tem apenas uma relação protocolar. A frieza é recíproca: se cada gesto de Araújo era celebrado e replicado pela dupla para a horda de seguidores no Twitter, França não conta com a mesma deferência. Apesar disso, Martins e o filho Zero Três do presidente continuam com a pretensão de terem interlocução fora das fronteiras, mas hoje ela se resume a laços com o expresidente americano Donald Trump e movimentos internacionais de direita — um exemplo é a organização da CPAC, evento de extrema direita que acontece nos dias 3 e 4 setembro em Brasília (e que terá entre os palestrantes o próprio Ernesto).

Com o afastamento da dupla e da influência olavista na pasta, diplomatas e servidores celebram nos corredores do Itamaraty que o clima de caça às bruxas tenha se dissipado. O mesmo alívio se nota nas relações com outros países. Foi França, por exemplo, quem convenceu o presidente a escrever uma carta a Joe Biden para reduzir as desconfianças em relação à política ambiental brasileira. Também são marcas dessa inflexão a posição em organismos internacionais. O país se absteve de votar pela abertura de investigação contra Israel por crimes de guerra em Gaza, aprovada no Conselho de Direitos Humanos da ONU, e para condenar o embargo econômico a Cuba. "Essas abstenções já representam uma guinada que seria inimaginável sob Ernesto Araújo", diz o professor da FGV Guilherme Casarões, especialista em relações internacionais.

Considerando-se a lista de problemas criados pela gestão anterior, o maior trabalho até o momento tem sido normalizar as relações com a China, o principal parceiro comercial e alvo dos piores ataques de membros do governo, incluindo o próprio Araújo. "O diálogo está restabelecido e agora há mais boa vontade por parte da China, mas a desconfiança está plantada", pondera o

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

HISTÓRICO Oswaldo Aranha: o brasileiro preside a Assembleia-Geral da ONU que definiu a partilha da Palestina em 1947

diplomata Valdemar Carneiro Leão, ex-embaixador em Pequim. O primeiro chanceler a receber um telefonema do novo ministro foi o chinês Wang Yi. "O embaixador da China no Brasil mantém contatos frequentes com o chanceler brasileiro, que tem reiterado que as relações com a China são uma prioridade da diplomacia brasileira e que o relacionamento bilateral é amplo, mutuamente benéfico e estratégico", relata o porta-voz da embaixada chinesa, Qu Yuhui. Os dois países se preparam para promover, ainda neste ano, a reunião de cúpula da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban). Entre representantes do agronegócio, a sensação é de otimismo por poder projetar um futuro com menos solavancos com o maior destino de nossas exportações. O mesmo se dá com o papel ativo que o Itamaraty passou a exercer na busca de imunizantes contra a Covid-19, ao contrário de Araújo. França se reuniu com o colega chinês na primeira reunião do Fórum Internacional sobre Cooperação em Vacinas.

EVAN VUCCI/AP/IMAGEPLUS

OSTRACISMO Ernesto Araújo: a atuação se resume a dar palestra para radicais

Sob todos os aspectos e frentes, trabalho não falta. Mesmo a relação com aliados históricos está sendo refeita, como com a Argentina, onde o presidente Alberto Fernández tem a oposição de Bolsonaro desde a sua campanha. Existem questões práticas a resolver com os *hermanos*, como diminuir as resistências à redução da tarifa externa comum do Mercosul. Para avançar nas discussões, França se reuniu três vezes com Felipe Solá, ministro das Relações Exteriores argentino. No Senado, fonte das pressões que levaram à queda de Araújo, França também tenta recompor o diálogo. Já participou de duas reuniões convocadas pela senadora Kátia Abreu (PP-TO), presidente da Comissão de Relações Exteriores,

que processou Ernesto por insinuar que ela fazia lobby em favor dos chineses — ela venceu.

O desafio maior do novo chanceler é avançar ainda mais nessa faxina diplomática, já que ele não pode contrariar frontalmente as diretrizes do Palácio do Planalto. "Não vejo como França será capaz de melhorar a posição do Brasil internacionalmente. Qualquer grande mudança terá de vir de Bolsonaro, e isso também provavelmente não terá credibilidade. A visão em Washington é a de que o Brasil hoje é mal administrado em muitas frentes e, provavelmente, incapaz de mudar enquanto Bolsonaro estiver na Presidência", avalia o brasilianista Peter Hakim, presidente emérito do Diálogo Interamericano, instituição dedicada a discutir a América Latina.

Muito embora não possa ter sucesso na impossível tarefa de controlar o presidente, França tem a seu favor a proximidade que alcançou ao conviver com Bolsonaro quando era chefe de cerimonial do Palácio do Planalto. Não estimular os arroubos presidenciais e costurar nos bastidores já é um bom começo para que o Itamaraty retome um rumo mais razoável. A relevância histórica do Brasil na área de relações internacionais foi delineada desde que o Barão do Rio Branco atuou para definir as fronteiras do país e teve momentos grandiosos como o papel de Oswaldo Aranha na Assembleia-Geral da ONU em 1947 que definiu a partilha da Palestina e abriu caminho para o Estado de Israel. O que se espera é que o Itamaraty reencontre a sua história de respeito às outras nações e devolva ao Brasil o protagonismo que o país se esforçou por décadas para construir. ■

O ALTO CUSTO DA INSTABILIDADE

Setores radicais estão querendo tornar pior o que já não está bom

O SEMESTRE parecia positivo ao país. A vacinação seguia derrubando os índices de óbitos pela Covid-19 nos estados. A economia caminhava bem, e o câmbio em queda sinalizava que o cenário poderia se configurar para melhor. A arrecadação estava em alta e a dívida pública, em baixa. O Brasil, porém, é o Brasil. E, quando tudo poderia melhorar em meio à tragédia da pandemia, uma tormenta de tolices, equívocos e disputas frívolas arruinou a expectativa quando mais precisávamos dela.

Ainda que o Brasil seja melhor do que parece, setores radicais estão querendo que o que não está bom fique pior. Mesmo diante do risco de nova onda de Covid-19 e de uma crise hídrica que pode ser terrível, em especial em ambiente de inflação em alta e desemprego em nível assustador, há quem queira incendiar o parque institucional.

"Não há caminho para rupturas no país sem que isso provoque imensos transtornos aos brasileiros"

A instabilidade política trabalha contra o país. E quem a está incentivando não percebe isso. Cabe às instituições, inclusive o governo, conter os ânimos. Há tempos afirmei que o presidente Jair Bolsonaro tem em seus aliados mais radicais os seus principais adversários. Ao ser complacente com os delírios de seus apoiadores, para dizer o mínimo, Bolsonaro pode estar inviabilizando tanto o seu governo quanto o seu desejo de se reeleger.

As consequências são óbvias: Lula foi "ressuscitado" politicamente e o centro, que parecia pouco competitivo, pode se transformar em uma alternativa viável. No establishment econômico há um misto de enfado, desânimo e estupefação com a incapacidade do governo de capitalizar o que faz de bom. E, por outro lado, com a sua capacidade de se meter em querelas inúteis. Seu histórico é digno de uma república de bananas podres: ofensas pessoais, ameaças de invasão a órgãos públicos, paralisações, acusações sem prova, ameaças de agressões e não aceitação das regras democráticas, além de meteoros fiscais e propostas tributárias polêmicas.

Temos o privilégio de ser uma nação com poucos problemas gerados no exterior. Nossos problemas são 100% brasileiros. Mas estamos exagerando. Ao programarmos protestos contra instituições, passamos uma péssima imagem para os investidores. Como se estivéssemos, enquanto país, brincando de roleta-russa com um revólver carregado de balas.

Setores radicais que apoiam o governo querem forçá-lo a praticar haraquiri institucional. Só não percebem que o resto do país não quer isso. Por mais que o povo desconfie das instituições, somos um país cujo nível de reformismo é de baixo impacto. Acreditamos que mudanças cumulativas podem trazer bons resultados, e as reformas feitas nos últimos cinco anos mostram justamente que estávamos avançando.

Não há caminho nem clima para rupturas institucionais sem provocar imensos transtornos aos brasileiros, sobretudo aos que estão à margem do sistema. O direito de manifestação é livre e assegurado pela Constituição. E deve ser respeitado. Contudo, isso não significa que os manifestantes, sejam de qualquer espectro político, tenham passe livre para atacar instituições, vandalizar prédios e afetar o direto de ir e vir. É hora de termos mais juízo como nação e começar a pensar no elevado custo da instabilidade institucional. ■

DURO NA QUEDA

Acusado de subserviência a Bolsonaro, Aras passa com folga no Senado para o segundo mandato na PGR. Detalhe: ele ainda não desistiu de brigar por uma vaga no STF **REYNALDO TUROLLO JR.**

EM MEIO a uma enorme pressão, o procurador-geral da República, Augusto Aras, passou pelo crivo do Senado na terça 24, com relativa folga (foram 55 votos a 10 pela sua recondução), garantindo mais dois anos no cargo. Escolhido por Bolsonaro, Aras é um nome que agrada à classe política, da direita à esquerda, principalmente pela maneira como enquadrou a Lava-Jato, e tem o apoio de boa parte dos ministros do STF. Enfrenta, porém, uma série de críticas, inclusive dentro do órgão que comanda, como a de que é omisso em relação ao presidente no momento em que o capitão namora com o golpismo e adota um comportamento irresponsável em relação à pandemia.

Embora a aprovação de Aras fosse dada como certa, o trabalho pela recondução foi intenso. Ele conversou com mais de setenta dos 81 senadores, boa parte disso presencialmente, apresentando-se em todas as ocasiões como um cumpridor da Constituição e das leis. O mote que adotou tem dois propósitos: rechaçar, claro, a acusação de que se omite em relação a Bolsonaro ("Não entro no jogo político", costuma declarar) e se diferenciar de seus antecessores, especialmente Rodrigo Janot, símbolo da era Lava-Jato na PGR ("Não podemos criminalizar a política", diz com frequência). É com esse perfil que ele conquistou parlamentares, sempre enfatizando que não faz operações policiais espetaculosas, não vaza inquéritos sigilosos e respeita as garantias dos investigados *(leia a entrevista abaixo)*. Quem melhor traduziu a imagem que o PGR busca passar foi o ministro Dias Toffoli, em discurso no Conselho Nacional de Justiça em 2020: "Aras tem sido uma pessoa que, neste momento por que o país passa, tem tido muita prudência, atuado com muita parcimônia, do ponto de vista a não trazer problemas, exercendo as suas funções com altivez, mas sem, como num passado infelizmente recente, fazer holofotes".

Embora no mundo jurídico, inclusive entre ministros do Supremo, haja uma expectativa de que Aras possa endurecer com Bolsonaro no novo

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

"NÃO HÁ CHANCE DE RUPTURA"

Um dia depois de o Senado reconduzi-lo ao posto de procurador-geral da República, Augusto Aras recebeu, na manhã da quarta 25, a Medalha do Pacificador em solenidade no quartel-general do Exército em Brasília. Na sequência, em entrevista a VEJA, reforçou a necessidade de apaziguamento do país. Para ajudar a desarmar algumas bombas políticas, a PGR pediu recentemente ao STF para investigar dez pessoas, incluindo o cantor Sérgio Reis, por envolvimento na organização dos atos previstos para 7 de Setembro que pregam o fechamento da Corte e a invasão do Senado. Apesar disso, Aras se mostrou otimista quanto às chances de confusões e de crescimento de um clima antidemocrático no país . "Não há nenhuma possibilidade de ruptura", afirmou. Na mesma conversa, ele falou que seguirá no novo mandato firme em uma de suas bandeiras, a da autocontenção do Judiciário.

Não vê mesmo chance de confusão nos atos do Dia da Independência? As instituições estão funcionando com normalidade. Não há motivos para que nós tenhamos algum sentimento de insegurança jurídica no país. O que

SABATINA TRANQUILA
Augusto Aras, com o senador Davi Alcolumbre (DEM-AP): apoio até da oposição

mandato, o PGR diz que fará uma gestão de continuidade. Os críticos internos, para ele, são apenas um "pequeno grupo" de pessoas que ocuparam cargos de direção nos últimos anos e estão ressentidas. No início da pandemia, um núcleo de subprocuradores-gerais pediu a ele que recomendasse a Bolsonaro a adoção de critérios científicos em iniciativas sobre a Covid. Aras rejeitou a ação. A justificativa foi a de que ele não tinha instrumentos legais para obrigar o presidente a cumprir esse tipo de recomendação. Dentro dessa visão, declarações negacionistas não são tipificadas como crime e, na esfera cível, não há ação de improbidade contra presidente da República — a acusação deveria ser de crime de responsabilidade, que, apesar do nome, não corre na Justiça, e sim no Congresso, com a abertura do impeachment. "A PGR não é casa de solução política. Quem quiser cassar presidente que vá ao Congresso", dizia ele à época.

Segundo os críticos, esse palavrório revestido de garantismo jurídico é só uma nuvem de fumaça para esconder o objetivo de defender Bolsonaro a todo custo. Além da ação dos subprocuradores, há uma centena de outros pedidos, apresentados por políticos, entidades respeitadas e juristas, apontando supostos crimes de Bolsonaro na pandemia. A despeito

existe é um fenômeno internacional de polarização, acirrado pela pandemia, que faz com que as pessoas, ao se distanciarem socialmente, reduzam o grau de sociabilidade que fazia com que convivessem em grupo manifestando suas opiniões divergentes sem avançar para o radicalismo. Numa democracia, no governo dos contrários, as minorias têm o direito de ser protegidas pelo Estado. Há um ditado antigo que diz que árbitro de futebol que dá muito cartão amarelo desmoraliza o cartão amarelo. Mas o árbitro que dá muito cartão vermelho acaba o jogo. É por isso que o caminho do meio, que em direito se chama devido processo legal substancial, cujos requisitos são proporcionalidade, razoabilidade e adequação da norma aos fatos, compõe uma sagrada equação para a Justiça justa, sem exageros.

Há hoje alguma possibilidade de ruptura institucional, de golpe?
Nenhuma. O que eu vejo é uma sociedade polarizada. Mas tudo isso pode ser superado se as instituições estiverem funcionando dentro da normalidade, como estão, e se estivermos todos unidos em busca de solução para a sociedade como um todo.

Recentemente, a PGR e alguns ministros do STF tiveram discordâncias, sobretudo quanto a decisões tomadas sem ouvir o Ministério Público antes. Que medidas o se-

de a PGR abrir apurações preliminares, nenhuma evoluiu para um inquérito no Supremo. A numerosa sequência de arquivamentos fez colar no PGR o rótulo de bolsonarista. O incômodo chegou ao ponto de dois senadores acionarem o STF para abrir uma investigação contra Aras por prevaricação. No último dia 23, no entanto, o ministro Alexandre de Moraes arquivou o pedido.

Nesse contexto, é grande a expectativa sobre o encaminhamento que Aras dará ao relatório da CPI da Pandemia, que deve apontar indícios de crimes do presidente. Até receber o documento, previsto para setembro, ele diz que não pode antecipar seu juízo. "A mim compete examinar somente a existência de crimes comuns, não de crimes de responsabilidade", diz, usando a velha estratégia de devolver a bola ao Congresso, onde a abertura de um processo de impeachment pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), é improvável.

Para os detratores de Aras, o comportamento subserviente em relação a Bolsonaro é motivado pelas ambições políticas do PGR, que não se encerraram com o esforço dele para chegar ao segundo mandato. Embora as chances sejam remotíssimas a esta altura do campeonato, Aras continua de olho na vaga em aberto no STF, seu principal objetivo. Ele não se confor-

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

DUPLA Nunes Marques e Mendonça: um já está no STF, o outro tenta chegar lá

nhor vai adotar quanto a isso em seu novo mandato? Divergências sempre existiram e existirão. A institucionalidade do sistema de Justiça e as leis existem exatamente para resolver essas questões. Quando o MP diverge do juiz, ele recorre. A minha relação com os ministros da Suprema Corte é de muito respeito. As minhas eventuais divergências são somente aquelas em defesa das prerrogativas constitucionais do Ministério Público. Fora disso, 90% das manifestações da PGR, especialmente quanto à Covid-19, foram acolhidas pelo STF.

Entidades como a OAB e subprocuradores-gerais do MPF, que são seus pares, fizeram representações à PGR apontando supostos crimes de Jair Bolsonaro. Em nenhuma delas o senhor viu crime, ou eram crimes com penas muito baixas que, no seu entendimento, não justificavam processar o presidente? Na área eleitoral, o vice-procurador-geral eleitoral, Paulo Gonet, que tem independência para atuar, instaurou um procedimento de acompanhamento junto com outro procedimento aberto pelo ministro Barroso no TSE para apurar as questões pertinentes à segurança das urnas. Essa parte está equacionada. Outras representações de colegas, relacionadas à pandemia, estavam submetidas à apreciação de ações civis públicas na primeira instância ou já tinham notícias

GIL FERREIRA/AGÊNCIA CNJ

FAVORITA Lindora Araújo: subprocuradora-geral é cotada para substituir Aras caso ele consiga virar ministro do STF

mou em ter perdido a indicação para o ex-advogado-geral da União André Mendonça e espera por uma reviravolta no caso. As esperanças reacenderam quando as trombadas do presidente colocaram na geladeira o agendamento da sabatina de Mendonça no Senado para a aprovação dele ao Supremo. Outro postulante ao cargo, o presidente do STJ, Humberto Martins, também não jogou a toalha.

Enquanto seus rivais não dão a disputa por encerrada, Mendonça tenta driblar as atuais dificuldades. Até aqui, sua campanha foi solitária junto aos senadores, sem o apoio do Palácio do Planalto, mas seu currículo inegavelmente terá um peso grande no processo. Além de preencher a condição imposta por Bolsonaro ao cargo (o de ser "terrivelmente evangélico"), Mendonça tem, sim, qualificação técnica para ocupar uma vaga no STF. Mesmo que improvável, a chance de um revés na indicação gera hoje um efeito dominó, mexendo não apenas com as expectativas de Aras e Martins. Considerando a hipótese de Mendonça levar uma bola preta do Senado e o atual PGR emplacar na vaga, a subprocuradora-geral Lindora Araújo, braço direito de Aras, tem mostrado que ambiciona a cadeira do chefe. Há duas semanas, ela arquivou uma representação contra Bolsonaro por não usar máscara e pôs em xeque a eficácia do equipamento. Nos bastidores do MP, comenta-se que tais gestos não ocorreram por acaso neste momento. Seriam sinais emitidos por Lindora de que ela tem a disposição de não criar embaraços ao presidente, o que a tornaria confiável para uma futura indicação ao comando da PGR. Sonhar, enfim, não custa nada. ■

de fato *(apurações preliminares)* instauradas na Procuradoria-Geral da República. Elas contribuíram apenas para fomentar matérias de jornal sem repercussão concreta, porque medidas já tinham sido adotadas pelo órgão.

Qual é a marca que pretende imprimir em seu novo mandato no órgão? O segundo mandato deve ter a mesma característica do primeiro: o cumprimento da Constituição e das leis.

Olhando para trás, quais pontos teria feito diferente nos dois anos que se passaram? Manteria maior proximidade com a imprensa, de maneira a fornecer fatos e fontes para evitar informações dadas por pessoas interessadas em sabotar a nossa gestão.

O que julga não ter sido devidamente computado de forma positiva em seu primeiro mandato? As ações constitucionais foram mais de 300. Em média, fizemos duas operações policiais por mês. Inúmeras autoridades com prerrogativa de foro foram presas, afastadas dos cargos, destinatárias de buscas e apreensões. Mas todas com respeito ao processo legal, ao contraditório e à ampla defesa. Por isso, nenhuma denúncia foi rejeitada pelo Judiciário. Institucionalizamos os grupos de combate ao crime organizado. Temos sete Gaecos e mais sete em formação.

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

EM CÍRCULOS Comissão: depoimentos esvaziados e que não têm acrescentado informações relevantes às investigações

RISCO DESNECESSÁRIO

A CPI da Pandemia patina na reta final, tem decisões anuladas pelo Supremo Tribunal Federal e precisa ter cuidado para não produzir um relatório inócuo **LARYSSA BORGES**

A SEMPRE CONCORRIDA sala de depoimentos da CPI da Pandemia no Senado estava visivelmente esvaziada na terça-feira 24, data da oitiva do executivo Emanuel Catori, diretor-presidente de uma empresa paranaense que atuava como intermediária na compra de vacinas da fabricante chinesa CanSino. Depois de quatro meses de trabalhos, os parlamentares preferiram prestigiar a sabatina do procurador-geral da República, Augusto Aras, realizada no mesmo horário em uma sala próxima. O relator da comissão, Renan Calheiros (MDB-AL), a quem incumbe elaborar a peça final que elencará as descobertas, também tinha outros planos. Ele passou a maior parte da audiência debruçado sobre uma pilha de documentos, fazendo anotações e definindo a estratégia do que, para ele, deve ser o sprint final dos trabalhos.

Faltando poucas semanas para o encerramento da comissão, Calheiros deu ordens para que os últimos esforços de sua equipe sejam concentrados em três frentes de investigação que, segundo ele, podem respingar no senador Flávio Bolsonaro: as apurações que o Supremo Tribunal Federal (STF) conduz contra *fake news*, a atuação da VTCLog, empresa de logística terceirizada pelo governo para a distribuição de vacinas e que teria dirigentes ligados a amigos de Flávio, e a que considera ser a mais promissora delas, a possível interferência do filho do presidente no dia a dia de hospitais federais no Rio de Janeiro. O próprio Calheiros, porém, mantém certa reserva em relação à eficácia das investidas, quando confidencia que essa será uma tacada final contra o desafeto.

Nos últimos dois meses, a tentativa da CPI em desvendar casos de corrupção no governo não foi bem-sucedida, embora tenha resultado num

enorme desgaste na imagem do governo e do próprio presidente da República. A perspectiva de encontrar uma bala de prata capaz de abater Bolsonaro foi discutida pela primeira vez no gabinete do presidente da CPI, Omar Aziz (PSD-AM), no fim de junho, às vésperas do recesso parlamentar. Naquela ocasião, os senadores haviam ouvido reservadamente do deputado Luis Miranda (DEM-DF) que o presidente fora informado sobre o favorecimento a empresas e possível sobrepreço na compra de vacinas. "Pegamos o governo. Ele vai desmoronar. As outras coisas vão virar titica de galinha", comemorou Aziz. O caso Covaxin, a que Miranda se referiu, se desdobrou em dezenas de depoimentos, quebras de sigilo fiscal e telefônico de suspeitos e até na prisão de um ex-diretor do Ministério da Saúde.

O problema é que muitas testemunhas, colocadas na condição de investigadas, obtiveram decisões no Supremo Tribunal Federal para permanecer em silêncio. A Corte também considerou abusivas e sem fundamentação legal várias quebras de sigilo que foram aprovadas e ainda revogou a prisão do ex-funcionário da Saúde. "Para muitos dos senadores parecia que seria só apertar dois botões e teríamos a identificação de para onde foi o dinheiro da propina", disse a VEJA o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE). Para Simone Tebet (MDB-MS), os parlamentares perderam tempo precioso. Nos últimos dias, uma tensa reunião dos membros da CPI evidenciou o desgaste, após o STF ter cobrado explicações sobre o vazamento de informações confidenciais. O esforço de alguns parlamentares agora é para encerrar os trabalhos o mais breve possível, preservando as importantes descobertas feitas no início das investigações, quando foi exposta uma incontestável e impressionante série de erros e omissões do governo no combate à pandemia. ■

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

LINHA DE FRENTE Vieira: atuação de destaque na comissão

O MAIS IMPORTANTE JÁ FOI REVELADO

Delegado da Polícia Civil, o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE) diz que a CPI já comprovou fatos gravíssimos, mas se perdeu ao tentar investigar corrupção.

Na reta final, qual o balanço que o senhor faz dos trabalhos da CPI? Com a degradação da atividade parlamentar, as pessoas tratam o Parlamento como um entreposto de emendas e cargos, e não como uma Casa que deve fiscalizar e produzir soluções. A CPI mudou um pouco isso, se aproximou bastante da sociedade, foi muito vista e conseguiu pôr luz na forma de atuação do governo Bolsonaro. No caso das vacinas, o setor técnico recomenda comprar o máximo de vacinas o mais rápido possível, com uma grande campanha de esclarecimento da população. O governo seguia fazendo o contrário. Quando a CPI chega, o presidente volta atrás um pouquinho. Digo um pouco porque Bolsonaro continua desinformando todos os dias.

É correta a impressão de que ela perdeu força depois do recesso? Grande parte dos senadores pensava que a CPI poderia ser um fórum judicial para investigar e descobrir esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro. Num primeiro momento, para muitos deles parecia que era uma mágica, que seria só apertar dois botões e teríamos a identificação de para onde foi o dinheiro da propina. Não é assim que funciona.

Então não há provas de corrupção? Falta a alguns parlamentares a compreensão exata do que se pode e do que não se pode fazer em uma CPI. A gente não consegue avançar muito nas investigações sobre corrupção, por exemplo, porque não temos ferramentas suficientes para tocar investigações sobre lavagem de dinheiro e organização criminosa. Não vamos conseguir investigar corrupção esperando que alguém sente na cadeira e confesse.

Então foi um erro tentar investigar corrupção? Ela devia ter se concentrado nas ações e omissões do governo. Corrupção entra nessa conta como a motivação. Tanto faz se você deixou de comprar vacina porque é corrupto ou porque é ignorante. Quando colocamos no papel tudo o que o governo fez de errado e medimos o prejuízo, centenas de milhares de pessoas poderiam estar hoje vivas, milhões de pessoas poderiam não ter adoecido. É difícil ter uma coisa mais grave do que essa.

CORRIDA CONTRA O TEMPO

O prazo para a aprovação das grandes reformas chega perto do fim e Guedes parte para uma derradeira aposta enquanto seu prestígio encolhe dentro — e fora — do governo

LARISSA QUINTINO E **VICTOR IRAJÁ**

O ministro da Economia, Paulo Guedes, declara desde o primeiro dia do governo de Jair Bolsonaro que seu objetivo no posto é criar um ambiente de negócios mais amigável e deixar como legado uma economia vibrante e menos dependente dos investimentos do governo federal. Para isso são cruciais alguns alicerces, entre eles as reformas tributária, administrativa e da Previdência. Das três, apenas a última foi alcançada ainda no primeiro ano de gestão, pois já vinha encaminhada pelo governo anterior, de Michel Temer. Ao tentar avançar nas etapas seguintes, o plano travou. Desde então, os dois pilares remanescentes parecem estar em pauta mais para manter vivas as grandes ambições do Ministério da Economia do que pela possibilidade de serem aprovados de fato no Congresso.

O próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, tem indicado interesse menor por essas reformas do que por manter um ambiente de contínua turbulência com seus ataques aos outros poderes e a incitação de seus seguidores mais radicais. Se o apoio de Bolsonaro é ralo, as más escolhas da pasta da Economia também pouco têm ajudado. Por quase dois anos, a rotina vem sendo priorizar uma reforma em detrimento da outra, trombar com dificuldades, demorar para reconhecer os problemas e, em vez de enfrentá-los, desistir do plano e passar para outra reforma. E, então, o processo se reinicia.

O problema é que, agora, o tempo está perigosamente se esgotando para Guedes, com a aproximação da campanha eleitoral de 2022. Integrantes do ministério já se conformaram com o fato de que as chances das grandes reformas acabam em setembro deste ano. "O presidente da República não sabe o que faz. O Executivo não comprou a ideia de reforma tributária e, se tivéssemos um governo com um mínimo de credibilidade, estaria fortemente engajado em reduzir a carga tributária", afirma Ernesto Lozardo, ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). "O arcabouço de impostos brasileiro atenta contra a produtividade."

A bola da vez de Guedes, nas últimas semanas, vinha sendo a chamada segunda parte da reforma tributária, que muda as regras no imposto de renda. Por uma estratégia que deu errado e que visava a abrir espaço maior para Bolsonaro gastar mais no ano eleitoral, essa segunda fase passou na frente da primeira, que trata da unificação de impostos como o PIS e a Cofins, apresentada em 2020 e que nunca prosperou. No entanto, o novo projeto também travou du-

REFORMA SEM FIM

O vaivém dos grandes projetos do Ministério da Economia

Janeiro de 2019

A posse de Bolsonaro: A Previdência, as privatizações e a simplificação de tributos são os "pilares da nova gestão", segundo Paulo Guedes

Julho de 2019

Guedes e o então secretário da Receita, Marcos Cintra, declaram que vão encaminhar ao Congresso uma proposta de impostos sobre transações, uma nova CPMF

Agosto de 2019

Rodrigo Maia, então presidente da Câmara, afirma que não há espaço para discussões sobre a CPMF no Congresso, e a relação com Guedes começa a estremecer

CRISTIANO MARIZ

PLANOS COMPROMETIDOS Guedes: desgaste na aprovação de projetos cruciais para sua gestão

Novembro de 2019

Bolsonaro decide engavetar o envio da reforma administrativa com temor de protestos como os vistos em países sul-americanos, como o Chile

Julho de 2020

Guedes entrega o projeto da CBS, imposto que unifica o PIS e a Cofins, para tramitar "acoplado" com as PECs da Câmara e do Senado

Setembro de 2020

A equipe econômica encaminha o projeto da reforma administrativa, que prevê novas regras ao funcionalismo público

Junho de 2021

O Ministério da Economia entrega a segunda fase da reforma tributária, que trata das mudanças no imposto de renda. Tido como de mais fácil aprovação no Congresso, o texto está travado na Câmara. A matéria não é bem recebida pelo setor produtivo nem pelo Parlamento

rante as negociações da Câmara, ao desagradar a apoiadores, oposição, setor produtivo e tributaristas. "Dentro do conceito inicial de uma reforma tributária que simplifique os impostos, o projeto atual deixa as coisas mais complicadas. Não é a reforma esperada pelo mercado", afirma a advogada Juliana Porchat de Assis, especializada em direito tributário da FAS Advogados.

Alinhado à diretriz econômica de Guedes, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), desde que assumiu a posição, no início deste ano, encampou diversos projetos relevantes para a área econômica, como a autonomia do Banco Central, a capitalização da Eletrobras e a privatização dos Correios. Mas ele gostaria de ostentar a aprovação de alguma das grandes reformas, como fez seu antecessor no posto, Rodrigo Maia (sem partido-RJ). Apesar de hábil, Lira não conseguiu lidar com os diversos interesses afetados pelo projeto e anunciou na terça-feira 24, dia previsto para a votação, a retirada da medida de pauta até que haja "convergência". "A reforma do IR é o texto mais sensível que vamos debater. Não é impossível votar. É muito difícil", declarou. Para tentar dar vazão ao projeto, Guedes chegou a procurar a oposição, o que descontentou o articulador Lira. "Não somos a oposição do quanto pior, melhor. Somos a oposição que dialoga e propõe soluções para tirar o país da crise e para gerar emprego e renda. Infelizmente, o governo não está autorizado por sua base a fazer o mesmo", critica o líder da oposição na Câmara, Alessandro Molon (PSB-RJ).

Ao bater nessa parede, a estratégia do governo se voltou, mais uma vez, para a reforma administrativa, que está em via de ter o seu relatório apresentado. Incomodado com a entrada de Guedes nas negociações, Lira também concordou com a troca da prioridade da reforma tributária pela administrativa, que deve ser votada até setembro, segundo suas projeções. Porém nada garante que isso seja sinônimo de sucesso. E não só por causa da oposição. Bolsonaro não gosta do tema e não vê com bons olhos a alteração de regras para o funcionalismo, como congelamento de salários, avaliações por desempenho e fim da estabilidade para novos servidores. São propostas que podem lhe custar votos preciosos na tentativa da reeleição.

O fato é que, com a interminável mudança de prioridades, Guedes já não conta com o mesmo prestígio de antigamente junto ao mercado, em-

JUCA VARELLA/FOLHAPRESS

RESISTÊNCIA Fábrica de cervejas: o aumento do IR desagradou à indústria

CLEIA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

HABILIDADE Lira *(no centro)*: foco em medidas menos polêmicas da área econômica e com maior chance de sucesso

presários e mesmo dentro do governo. E isso tem aberto o flanco para que o Centrão volte a articular para encontrar um substituto para o ministro. O desejo desse grupo é apoiar um nome aceito pelo mercado, mas que permita uma liberação maior de recursos e de cargos em estatais. A dúvida é se Bolsonaro topa a troca. No Congresso, comenta-se que o presidente não tem um carinho incontornável pelo ministro, censor de parte de seus projetos populistas, mas sabe da importância de Guedes para manter o apoio do setor financeiro e de investidores. O desafio agora é descobrir quem teria esse perfil e que ainda aceitasse embarcar no turbulento ano final de governo. Com ou sem Guedes, os desafios para as grandes reformas passarem são imensos. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

O ABSURDO DAS EMENDAS DO RELATOR

Recursos desse tipo dificilmente têm paralelo

HERDEIRO de tradições patrimonialistas portuguesas, o Brasil nunca levou a sério o Orçamento, a lei econômica mais importante do país, a qual estabelece as prioridades fiscais. Sua origem vem da Carta Magna imposta em 1215 ao rei inglês pelos barões feudais. Continha, entre outras, regras para criar impostos. Foi o começo da jornada que levaria à democracia moderna.

Aqui, aceita-se que o Orçamento é "autorizativo", isto é, o governo cumpre apenas o que lhe convém, além de despesas obrigatórias como as previdenciárias e de pessoal. Isso não existe em países desenvolvidos, onde a lei orçamentária tem caráter impositivo. No passado, os parlamentares usavam o Orçamento para dar nome a ruas e promover funcionários.

> "Aqui, aceita-se que, quando se trata do Orçamento, o governo cumpra apenas o que lhe convém"

Havia dois Orçamentos, um aprovado pelo Congresso — a Lei Orçamentária Anual (LOA) — e outro pelo Poder Executivo, o Orçamento Monetário (OM). A LOA era executada por um departamento do Banco do Brasil (BB). A gestão da dívida pública interna e externa cabia a gerências do Banco Central (BC). Dois tributos — o IOF e o imposto de exportação — integravam o OM, que incluía subsídios, custeio de órgãos públicos e até mesmo gastos como o da construção da Ponte Rio-Niterói. Fora do Orçamento, o BB concedia crédito com recursos públicos, mediante saques sem limites na "conta movimento" mantida no BC.

Reformas dos anos 1980 eliminaram essas aberrações. Remanesce, porém, a esquisita ideia do orçamento "autorizativo". Criou-se a Secretaria do Tesouro Nacional, que assumiu funções fiscais realizadas pelo BC e pelo BB. A Constituição de 1988 aboliu norma do regime militar que proibia o Congresso de emendar o Orçamento.

A muito elogiada Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), de 2000, foi desmoralizada por Tribunais de Contas dos estados, que sancionaram manobras para esconder gastos de pessoal. O Supremo Tribunal Federal autorizou o descumprimento, perante a União, de obrigações financeiras estaduais.

O desprezo pela LRF foi lamentável, mas não se poderia admitir que viria um absurdo histórico e institucional como as emendas do relator-geral do Orçamento. Elas são feitas pelo parlamentar que prepara o parecer final da LOA. No Orçamento de 2021, foram 29 bilhões de reais, representando 58,9% de todas as emendas e 33,7% do investimento federal.

Dificilmente as emendas do relator têm paralelo no planeta. Elas transformam um deputado ou um senador em executor do Orçamento, função exclusiva do Poder Executivo mundo afora há mais de três séculos. Pior, os recursos podem ser liberados para financiar projetos que não seguem regras prudenciais sobre prioridade, justificativa e viabilidade da aplicação dos recursos. Surgiu, assim, um orçamento paralelo e sem transparência.

Não à toa, há indícios de corrupção no uso desses recursos para a compra superfaturada de tratores. Por suas disfunções, é preciso discutir as emendas do relator com vistas à sua eliminação. Elas não foram previstas na Constituição. ■

O ENCANTO SE QUEBROU

Depois da euforia inicial dos investidores, as empresas de tecnologia brasileiras enfrentam agora o desafio de comprovar que, de fato, têm negócios inovadores **LUISA PURCHIO**

A INSTABILIDADE provocada pela turbulência emanada de Brasília nas últimas semanas lançou o Ibovespa em uma fase de altos e baixos e impactou as ações de diversas empresas. Um grupo em particular, ligado ao setor de tecnologia, acendeu um sinal amarelo entre analistas e investidores por suas perdas. A Méliuz, empresa de serviços financeiros digitais, a fabricante e distribuidora de produtos Multilaser, a Mosaico, de sites de pesquisa de preços, e a Mobly, de venda de móveis pela internet, registraram, respectivamente, perdas de 42%, 28%, 26% e 18% em seus papéis no último mês. A Enjoei, que conecta vendedores e compradores de produtos usados, caiu 25% no período, enquanto a GetNinjas, de serviços e reparos residenciais agendados on-line, baixou 13%. Todas elas são novatas na bolsa, chegaram embaladas em altas expectativas e hoje sofrem para entregar os resultados esperados pelos investidores.

O baque foi tamanho que virou tema de discussão no mercado se a onda de aberturas de capital na bolsa teria trazido exemplos do que os iniciados chamam de *fake tech* ou *tech washing*. Os termos em inglês têm origem nas expressões *fake news* e *green washing* (ou maquiagem verde, ligada ao marketing exagerado em torno da sustentabilidade) e são usa-

SERVIÇOS DIGITAIS Mudança de hábitos dos consumidores: expansão acelerada do setor

ISTOCK/GETTY IMAGES

dos para definir modelos de negócios em que o apelo tecnológico não é tão sólido ou inovador quanto promete. Nesse sentido, o solavanco registrado entre as tecnológicas brasileiras seria o resultado de uma decepção do mercado com a performance das companhias de um setor superestimado. "O cenário de juros baixos levou à criação de bolhas localizadas que agora estão desinflando. Tem uma moda mundial, no Brasil inclusive, de investir em empresas de tecnologia. Na minha visão, muitas empresas não têm nada disso", avaliou o gestor Guilherme Aché, fundador da Squadra Investimentos, em uma *live* realizada há duas semanas.

Um dos fenômenos mais marcantes da pandemia foi a brutal expansão das chamadas *big techs* americanas (basicamente Google, Apple, Amazon e Facebook), cujos papéis multiplicaram de valor e levaram a Nasdaq, a bolsa de tecnologia dos Estados Unidos, a alcançar patamares inéditos. Ao mesmo tempo, os *lockdowns* e o isolamento social provocaram uma mudança radical no setor de comércio e serviços digitais. Nada mais natural que, por aqui, as companhias brasileiras aproveitassem a onda. O problema é que, diferentemente do que ocorreu lá, a maior parte das empresas ainda está em fase de implementação e desenvolvimento das tecnologias. "Nem todas as empresas vão conseguir de fato fazer essa transformação", diz Gustavo Araújo, CEO do Distrito, consultoria de projetos digitais que atualmente presta serviços para aproximadamente setenta empresas, mais de vinte delas com capital aberto na B3. As que conseguem costumam levar tempo, o que exige paciência e atenção do investidor.

Uma classificação feita pela consultoria E-Consulting Corp divide as empresas em diferentes estágios de desenvolvimento digital. A categoria um, chamada de "nativas digitais", enquadra as empresas baseadas em plataformas específicas e que são em si mesmas uma tecnologia, como é o caso do Uber. A dois, chamada de "usuária de tecnologia", reúne companhias que se valem da tecnologia de forma agressiva no seu modelo de negócios, a exemplo da Magazine Luiza. A três, chamada de "vendedora de tecnologia", se refere às empresas que comercializam produtos e serviços tecnológicos próprios, como a IBM. "Se uma empresa usuária ou vendedora de tecnologia se autointitula como nativa digital ao abrir seu capital na bolsa, está fazendo *tech washing*", explica Daniel Domeneghetti, CEO da E-Consulting Corp. Os limites entre essas categorias são tênues, uma vez que todas as empresas hoje utilizam tecnologia. Porém, apenas uma minoria tem nela o cerne do seu negócio. Fazer uma transição de modelo ou construir plataformas que gerem impacto no mercado é tarefa árdua e de longo prazo. Os algoritmos são capazes de feitos notáveis, mas essas realizações não incluem milagres. ■

CAUÊ DINIZ/B3

REVÉS Enjoei: sucesso na estreia, a empresa vem decepcionando nos resultados

GUERREIROS E FU

Durante a primeira cúpula entre Estados Unidos e China após a posse de Joe Biden, em março, no Alasca, o tom subiu. Diante das cobranças do secretário de Estado americano, Antony Blinken, por mais democracia em Hong Kong e Taiwan e melhor tratamento das minorias na China, o ministro das Relações Exteriores chinês, Wang Yi, sugeriu, sem meias-palavras, que a Casa Branca desistisse de "impor sua ideia de democracia" pelo mundo e voltasse os olhos para seus próprios "profundos problemas" em relação aos direitos humanos, entre eles o racismo. A fala de Blinken estava dentro dos padrões de assertividade e jogo duro da diplomacia americana, mas a disposição chinesa de se engajar em um bate-boca de quase uma hora diante da imprensa causou surpresa, visto que a regra de Pequim sempre foi priorizar a discrição e preferir as insinuações sutis nos embates verbais. A troca de acusações evidenciou uma mudança na política internacional do presidente Xi Jinping: firme no propósito de fortalecer a imagem da China potência e rebater provocações estrangeiras, ele está optando por uma diplomacia belicosa, pautada por ataques principalmente via redes sociais.

A estratégia está presente nos comunicados diários emitidos pelo Ministério de Relações Exteriores e nas falas dos embaixadores que representam o país ao redor do mundo — e o Brasil já sentiu o gostinho nos seguidos choques entre o enviado chinês em Brasília, Yang Wanming, e o clã Bolsonaro. A manifestação oriental mais recente foi a indicação de um duro crítico do Ocidente, Qin Gang, para o comando da Embaixada da China em Washington. Os novos diplomatas de Pequim não deixam provocação sem resposta, no estilo "lobos guerreiros" — referência ao título de uma série de filmes sobre soldados das forças especiais que combatem mercenários estrangeiros que bateu recordes de bilheteria na China entre 2015 e 2017. "Quem ofender a nação chinesa será punido, não importa a distância do agressor", diz um dos personagens do blockbuster patriota, verbalizando o conceito adotado pela diplomacia do Partido Comunista.

Indo além da linguagem forte e das ameaças veladas, os diplomatas chineses apostam na força das redes sociais para passar recados e, às vezes, propagar notícias falsas e teorias conspiratórias sobre países rivais. O Executivo francês já convocou duas vezes este ano o representante da China para prestar explicações sobre sua conduta na internet. Lu Shaye costuma responder em seus perfis às denúncias de abusos de direitos de Pequim contra a minoria muçulmana uigur feitas pela União Europeia e chegou a compartilhar um artigo falso que acusava o sistema de saúde do presidente Emmanuel Macron de abandonar idosos com Covid-19, além de se referir a um analista político local como "bandido mesquinho" e "hiena enlouquecida". No Brasil, a linguagem de Yang Wanming causa desconforto não só no governo — que já pediu duas vezes sua substituição —, mas até nas outras representações diplomáticas. Depois de trocar farpas com os filhos de Bolsonaro, Yang comemorou com ironia a prisão do ex-

ROMULO SERPA/AGÊNCIA CNJ

LOBOS Yang, embaixador em Brasília *(acima)*, e Qin Gang, em Washington: metralhadoras verbais

URIOSOS

Longe da discrição que lhes é característica, diplomatas chineses cutucam governos mundo afora e afiam as garras

JULIA BRAUN

MISSÃO
Tudo pela pátria: subida de tom tal qual os americanos

LINTAO ZHANG/GETTY IMAGES

CNS/AFP

deputado aliado do presidente, Roberto Jefferson: "Lindo dia para todos", postou no Twitter. "Em nossos genes, não há traços agressivos ou hegemônicos", afirmou a VEJA o ministro-conselheiro da embaixada em Brasília, Qu Yuhui.

Essa forma assertiva de os corteses chineses lidarem com as relações internacionais causa espanto no Ocidente, por contrastar com o tom mais moderado e construtivo instituído na era Deng Xiaoping, o líder chinês entre 1978 e 1992. Por trás dos "lobos guerreiros" da diplomacia está Zhao Lijian, raivoso porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros que se tornou figura de grande influência junto a Xi. Em novembro passado, Zhao publicou a imagem — evidentemente falsa — de um soldado australiano esfaqueando uma criança afegã, em clara provocação ao primeiro-ministro da Austrália, Scott Morrison, de relações cortadas com a China há quase um ano. Pouco tempo depois, em um sinal de aceitação das táticas de Zhao, a Academia de Ciências Sociais, um grupo de estudos semioficial, divulgou uma série de documentos estratégicos sobre a necessidade de "fortalecer a capacidade de lutar pela opinião pública internacional" e "contra-atacar" críticas nas redes.

Em Washington, prevê-se que a presença do embaixador Qin Gang, no cargo há menos de um mês, suba o tom da guerra surda entre Estados Unidos e China. "A relação entre as duas potências se tornou mais complexa porque, em vez da metralhadora indiscriminada de Donald Trump, o presidente Biden toca em temas como democracia e direitos humanos", avalia o ex-embaixador e conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) Marcos Caramuru. A primeira grande missão de Qin é preparar o terreno para o encontro cara a cara entre Biden e Xi durante a reunião do G20 na Itália, em outubro. "A agressividade dos chineses, ao mesmo tempo que expõe sua força crescente, também aliena possíveis parcerias, o que pode ser prejudicial", lembra Robert Sutter, da Universidade George Washington. Nessas horas, o pragmatismo e a delicadeza da diplomacia tradicional deverão fazer falta. ■

WAKIL KOHSAR/AFP

ATAQUE Atentado perto do aeroporto: morte e medo dão o contorno do drama

SAÍDA EXPLOSIVA

A debandada americana do solo afegão resulta em cenas de terror e desespero entre os que vivem a incerteza de que vão conseguir se livrar do fanatismo religioso do Talibã **ERNESTO NEVES**

DEPOIS que os fanáticos religiosos do Talibã se apossaram do palácio presidencial e voltaram ao poder no Afeganistão, em 14 de agosto, o aeroporto da capital, Cabul, virou o cartão-postal da atabalhoada retirada das tropas americanas do país e de um drama humanitário que a cada dia ganha contornos mais cruéis. O que era para ser uma bem organizada partida, com data marcada havia um ano, ainda no governo Donald Trump, transformou-se em uma corrida para evacuar gente desesperada, sobretudo aqueles que ajudaram os Estados Unidos em duas décadas de ocupação, desde o fatídico 11 de setembro de 2001. Agora, estão cheios de medo — e com razão.

"O Talibã está enviando cartas ameaçadoras a todos que considera inimigos do regime", disse a VEJA Christian Nellemann, da consultoria Rhipto, centro de estudos noruegueses atrelado a causas da ONU. Ameaça, neste caso, é o melhor dos cenários. Nos últimos dias, integrantes da milícia radical batem de porta em porta nas casas dos "colaboracionistas", com registros de espancamentos, tortura e até morte, como ocorreu com o parente de um jornalista alemão.

A tensão no aeroporto, onde já não havia comida nem água e o calor inclemente sufocava os milhares que aguardavam a chance de embarcar, alcançou o ápice na quinta-feira 26, quando duas explosões bem ali ao lado deixaram um rastro de mortes, inclusive de soldados americanos, em ataques executados por homens-bomba ligados ao Estado Islâmico. Em meio à agonia provocada pela escassez de tempo, fruto de uma operação mal calculada pelo governo Joe Biden, a Casa Branca cogitou esticar o prazo, na próxima terça-feira, 31, para a retirada total de suas tropas, mas os fundamentalistas refutaram bradando que atrasos trariam "consequências". Em reunião virtual com Biden, líderes do G7, o grupo dos mais ricos, externaram a necessidade de expandir a janela que se fecha para tirar as pes-

NICOLAS ECONOMOU/NURPHOTO/GETTY IMAGES

BARREIRA A Grécia constrói muro: a ideia é evitar a vinda maciça de afegãos

soas da terra dominada pelos mulás. Não deu em nada.

Até agora, 82 000 conseguiram assento em aviões, mas o dobro disso solicitou vistos especiais para os Estados Unidos — o que dá uma dimensão do desafio por vir. A luta para embarcar começa nas estradas que levam ao aeroporto, vigiadas pelo exército talibã. Vencido o bloqueio, mesmo os que têm o visto para ir embora precisam furar a multidão — 21 já morreram nessa guerra à parte, espremidos em portões ou alvos de tiroteios. Famílias têm se separado, arranjando lugar em voos diferentes. Crianças às vezes acabam viajando sozinhas.

Como costuma acontecer quando uma crise migratória se apresenta, as portas do mundo nunca se abrem na medida da demanda. De acordo com o secretário de Estado americano Antony Blinken, pelo menos treze países do Ocidente se prontificaram a ajudar, mas em muitos casos pairam incertezas sobre quantas pessoas acolherão e o tempo de permanência delas em seu território. "Mesmo quem conseguir chegar aos Estados Unidos poderá vir a enfrentar anos de processo legal até obter o asilo", afirma Hemanth Gundavaram, da Universidade Northeastern. Os que rumarem para a Grécia, tradicional rota de ingresso à Europa, vão dar de cara com um muro de 40 quilômetros, recém-erguido justamente para barrá-los. Enquanto isso, o Talibã tenta dar roupagem moderna — posando com uniformes e rifles deixados para trás pelos americanos — àquilo que, na essência, não parece se distinguir da velha milícia que comandou o país entre 1996 e 2001. As mulheres já foram alertadas para não irem ao trabalho porque os soldados "não estão preparados para respeitá-las". Não se deram conta de que vivem no século XXI. ■

VILMA GRYZINSKI

O IMPÉRIO NÃO ACABOU

A incompetência da retirada do Afeganistão tem peso relativo

NO MOVIMENTADO ano 400 da Era Cristã, o comandante-chefe dos Exércitos romanos, Flávio Estilicão, um vândalo por parte de pai — no sentido étnico, embora pela força da profissão também gostasse de quebrar coisas —, retirou as tropas sob seu comando da distante e complicada Britânia. Tinha assuntos mais sérios a tratar, como as invasões dos godos de Alarico que redundariam, uma década depois, no grande saque de Roma. A província britânica não era exatamente uma joia fulgurante na coroa de Roma, mas o início da retirada romana marcou o arco histórico que levaria, em menos de um século, ao fim do Império Romano do Ocidente.

Pela grandeza, pela extensão, pela influência cultural e política, e até pela águia com um feixe de flechas numa das garras, um dos vários símbolos copiados do mais glorioso império da Antiguidade, os Estados Unidos são tradicionalmente comparados a Roma. E não faltam analistas que veem agora na espantosamente malconduzida retirada do Afeganistão a prova que faltava do declínio do império americano. Há um tanto de exagero e outro de *wishful thinking*, ou expressão de desejo, nos prognósticos sobre o fim próximo da maior superpotência da história. Os EUA continuam a ser a força dominante em matéria de tecnologia, ciência, finanças, poderio bélico e soft power. Sejam as massas destituídas, sejam os programadores bem instruídos, é para a América que as pessoas continuam querendo ir fazer a vida.

Mas o poder das imagens não deve ser subestimado. O estado de aturdimento demonstrado pela cúpula americana com a rapidez da ascensão do Talibã e os danos autoinfligidos por uma retirada catastroficamente planejada refletem uma falência sistêmica. Não é apenas Joe Biden que parece intimidado e perdido — além de muito mais gravemente comprometido com uma visão alternativa da realidade do que era Donald Trump. Todo o establishment, político, diplomático e militar, tem se comportado de maneira patética, talvez o mais cruel dos adjetivos. Os países que funcionam se governam sozinhos e, quando a elite dirigente escorrega, o desgoverno parece mais chocante.

> **"O establishment político, diplomático e militar tem se comportado de maneira patética"**

Embora seja considerado superado e até arcaico, Edward Gibbon continua a ser o autor da melhor definição sobre o declínio do império romano, cirurgicamente escrutinado na sua obra monumental. "O declínio de Roma foi o efeito natural e inevitável da grandeza imoderada. A prosperidade alimentou o princípio da decadência; a causa da destruição multiplicou-se com a extensão da conquista; e, tão logo o tempo e o acaso removeram os apoios artificiais, o estupendo tecido cedeu à pressão do próprio peso."

O mundo com o esgarçamento do "estupendo tecido" do império americano é mais fragmentado e menos ordenado. E prontinho para ser progressivamente deglutido pela China.

Adendo: como era de praxe, Flávio Estilicão foi decapitado por um aspirante a usurpador do trono imperial e passou para a história como um fracassado praticante da realpolitik, tendo sido o homem que "perdeu" a província que eventualmente criaria um império mais extenso do que o romano. O julgamento de Joe Biden e sua pequenez imoderada pode reservar uma sentença mais dura. ■

TUDO PELO NAMORADO

Depois de passar o último Carnaval à míngua, com os desfiles cancelados pós-coronavírus, as escolas do Grupo Especial do Rio começam a escalar nomes para ocupar postos da alta hierarquia do samba em 2022 – e é aí que entra **PAOLLA OLIVEIRA,** 39 anos, que acaba de acertar seu retorno como rainha de bateria da Grande Rio. Ela concorrerá por holofotes e cliques com Sabrina Sato, outra que reinará à frente dos batuques na grande passarela. "Agora é certeza, vou voltar para a minha escola do coração", anuncia Paolla, que, ninguém se espante, poderá ser vista ainda na apresentação da concorrente Portela, onde seu namorado, Diogo Nogueira, já compôs. Não é traição. "Foi a primeira agremiação em que saí no Rio, e é a que o Diogo ama. Vai ser um prazer prestigiar", derrama-se a atriz.

INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

E FOSTE UM DOCE COMEÇO

ACERVO THEREZA EUGÊNIA

Lá se vão quase quatro décadas desde que a fotógrafa baiana Thereza Eugênia eternizou o encontro de **PAULA LAVIGNE,** 52 anos, com **CAETANO VELOSO,** 79, em um aniversário dele. É o primeiríssimo registro da relação que começava a desabrochar, trouxe dois filhos e um neto e, com um hiato de dez anos, dura até os dias de hoje. A cena é testemunhada por Dedé Gadelha *(à dir.)*, com quem o cantor ainda mantinha longa – e aberta – união. "Eles eram vizinhos e Paula apareceu. Foi uma superfesta", lembra a autora do clique, que teve autorização para publicar no livro *Portraits 1970-1980* este e mais duzentos retratos de quase todo mundo que importa na MPB. Só ficou mesmo de fora a foto do ex-casal Baby do Brasil (então Consuelo) e Pepeu Gomes, vetada pela atual e assumidamente ciumenta mulher do guitarrista.

PAPAI SERIAL

TOLGA AKMEN/AFP

Ele pode se atrapalhar nas decisões políticas, mas, na hora de fazer filhos, o primeiro-ministro britânico **BORIS JOHNSON,** 57 anos, não nega fogo. Pai de quatro crianças do segundo casamento, de pelo menos uma, talvez duas produções independentes e ainda de um garotinho de 1 ano, Wilfred, com a atual, Carrie Symonds, 33, Johnson anunciou que espera o sétimo (ou oitavo) rebento para a época do Natal. Solidário, o primeiro-ministro decidiu que não vai ingerir nenhuma espécie de bebida alcoólica durante a gravidez de Carrie, o que, no Reino Unido, constitui tremendo sacrifício: lá, a média de consumo por adulto é de quase 10 litros de álcool puro – deduzidos os demais ingredientes do produto – por ano.

ESTRELAS CONGELADAS

Bíblia da alta gastronomia, o guia *Michelin* saía todo ano no Brasil desde que foi lançado por aqui, em 2015. Aí veio a pandemia e a receita desandou – a edição de 2021 precisou ser suspensa, já que os temidos inspetores do livreto vermelho que baliza a boa mesa mundial não puderam viajar. "As experiências têm de ser avaliadas presencialmente", justifica Gwendal Poullennec, diretor internacional da publicação. Dono do carioca Oro e de programas na TV, **FELIPE BRONZE,** 43 anos, ostenta duas estrelinhas do ranking que vai até três. "Antes, 85% da minha clientela era de estrangeiros que se norteiam pelo guia", reconhece, mas pondera: "Ninguém perde nada, fica tudo congelado até a próxima edição". Uma pitada de cultura: de 1936 para cá, por uma única vez o *Michelin* pulou sua rigorosa aferição. Foi em Singapura, também por causa da Covid-19, no ano que passou. ■

TOMAS RANGEL

UM VÍRUS PARA SEMPRE

A pandemia terminará, mas o novo coronavírus continuará a adoecer pessoas, como numa gripe. Cabe agora aprender a conviver com esse convidado indesejado

CILENE PEREIRA E **GIULIA VIDALE**

A identificação do Sars-CoV-2, o vírus causador da Covid-19, deve-se, em boa medida, à paixão de um homem e ao espírito inquieto de uma mulher. Se não fossem essas qualidades do virologista inglês David Tyrrell e da virologista escocesa June Almeida, a ciência teria demorado um pouco mais para descobrir a família dos coronavírus da qual, à época, nos anos 1950, quatro integrantes infectavam os seres humanos. Os dois dividiram a bancada da Common Cold Research Unit, na Inglaterra, e, depois de anos tentando provar que o que enxergavam no microscópio era um vírus inédito, finalmente convenceram a comunidade científica com um artigo irrefutável publicado na edição de 16 de novembro de 1968 da revista científica *Nature*. Desde então, os coronavírus integram oficialmente o grupo dos agentes infecciosos que adoecem os seres humanos. Os quatro tipos descritos na ocasião causam resfriados. O novo coronavírus, identificado na China em 2020, provoca a maior tragédia sanitária mundial em 100 anos. E se hoje, com um ano e meio de pandemia, há alguma certeza, é a de que ele veio para ficar.

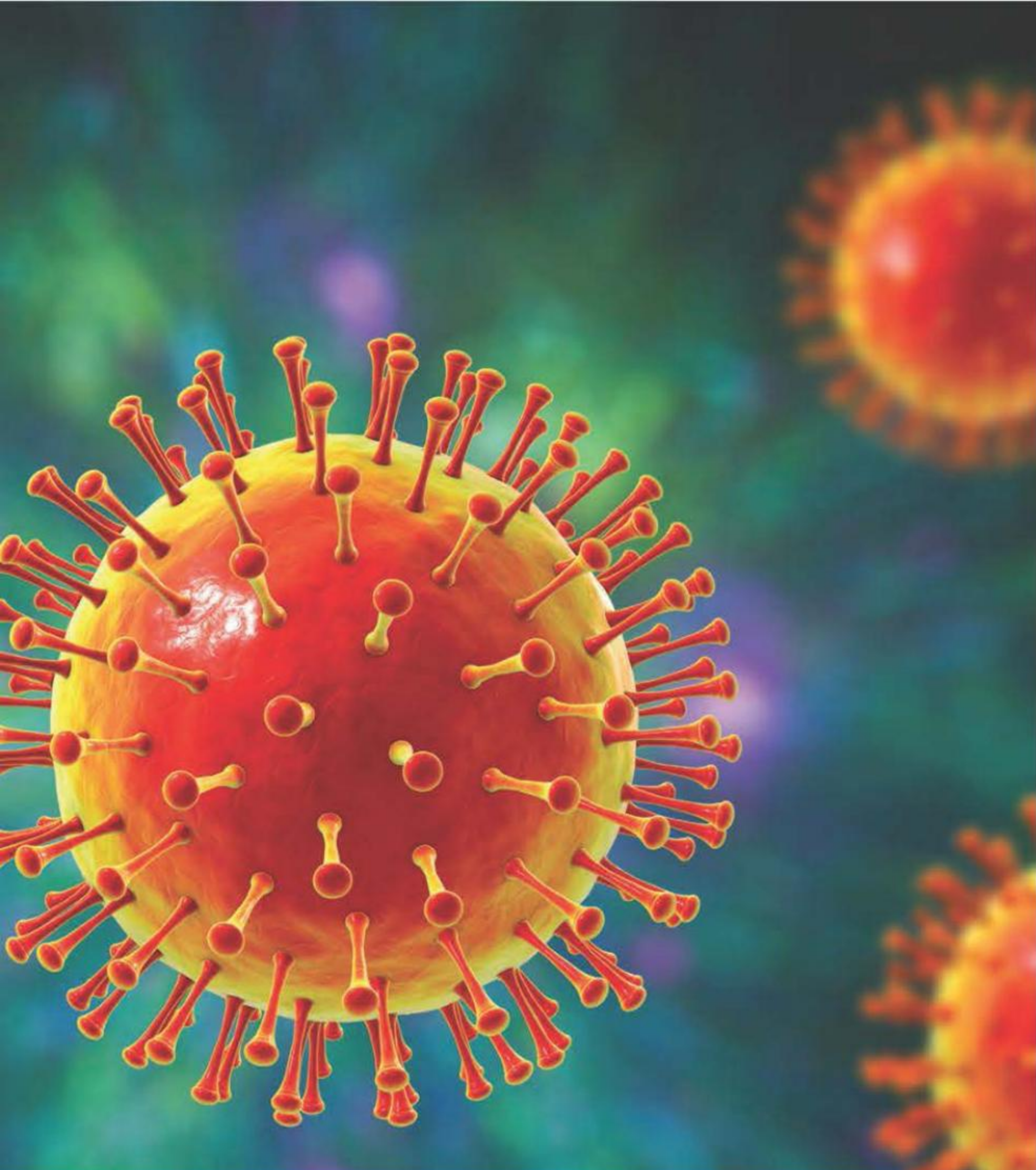
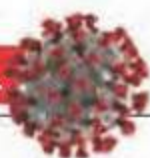
Não se trata, ressalve-se, de anos e anos vivendo aos sobressaltos com novas variantes ou experimentando o vaivém de decisões que abrem ou restringem atividades. O que a ciência sustenta é que o Sars-CoV-2 se tornará endêmico. Isso quer dizer que o vírus causará doença de forma consistente em determinadas regiões ou populações. "Vamos ter de conviver com ele", afirma o geneticista Salmo Raskin, membro da Sociedade Brasileira de Genética Médica. Mas dificilmente o microrganismo provocará o prejuízo avassalador e o drama amargados atualmente. Deverá ser mais como o

KATERYNA KON/SPL RF/GETTY IMAGES

VIDA LONGA O Sars-CoV-2 e sua forma de coroa: o vírus será epidêmico

ALERTA MÁXIMO COM ELAS

As cepas que exigem monitoramento contínuo

A OMS considera **"variantes de preocupação"** (VOC, na sigla em inglês) as que são mais transmissíveis, podem escapar da imunidade conferida pela vacina ou por infecções prévias e/ou provocar versões mais graves da Covid-19. Estão nessa lista:

CAPA: MONTAGEM COM ILUSTRAÇÕES DE ISTOCK/GETTY IMAGES

Fonte: *Organização Mundial da Saúde*

BARCROFT MEDIA/GETTY IMAGES

DE NOVO Aumento de casos na China: a chegada da variante delta fez a população voltar a fazer os testes em massa

influenza, o causador da gripe. Ele continua entre nós — há 1 bilhão de casos de gripe por ano —, mas existem as vacinas atualizadas anualmente para protegerem contra a cepa em circulação. A expectativa é que a estrada do novo coronavírus seja semelhante.

Mas o vírus ainda está longe de se tornar endêmico. O momento atual é de uma transição difícil, delicada, ora pintada de esperança, ora marcada pelo desalento. "O vírus ainda não é adaptado, é virulento, agressivo e faz muitas vítimas", diz o infectologista Renato Kfouri , diretor da Sociedade Brasileira de Imunizações. De fato, depois do alívio desfrutado quando as primeiras doses de vacinas começaram a ser aplicadas, no fim do ano passado, o mundo levou um banho de água fria com o avanço de novas variantes, especialmente da delta. Identificada pela primeira vez na Índia em outubro de 2020, a cepa se dissemina rapidamente e já está presente em 163 países. Com sua eclosão, pareceu que tudo havia voltado à estaca zero. A dúvida crucial era sobre a eficácia dos imunizantes diante de tantas cepas diferentes. A resposta da ciência é que eles funcionam. Com diferenças de desempenho, mas funcionam. Quando as vacinas começaram a ser aplicadas na Inglaterra, por exemplo, a variante alfa, identificada pela primeira vez no Reino Unido, estava em circulação e, mesmo assim, houve achatamento da curva de casos. O mesmo ocorreu com os casos provocados pela variante gama no Brasil. Ambas são consideradas cepas de preocupação pela Organização Mundial da Saúde por serem mais transmissíveis *(veja o quadro na pág. 58)*. A variante beta, detectada na África do Sul, pareceu menos suscetível às vacinas, mas, com o tempo, constatou-se que elas conferem proteção, em especial contra casos graves e morte, que é sua principal finalidade. O desempenho é parecido com o apresentado pelos imunizantes contra a delta. Um estudo publicado no *The New England Journal of Medicine* mostrou que a vacinação completa confere de 67% a 88% de proteção contra o agravamento de sintomas quando a infecção é provocada pela cepa.

O PODER DAS VACINAS

Algumas variantes são menos suscetíveis às vacinas em uso contra o novo coronavírus. Confira a capacidade de prevenção após a conclusão do regime de administração

Vacinas:

Pfizer-BioNTech

Oxford-AstraZeneca

Janssen

contra casos graves | *contra internações*

CoronaVac

contra casos que necessitam de atendimento médico ambulatorial ou hospitalar | *contra pneumonia*

*Capacidade de prevenir o desenvolvimento de casos sintomáticos da doença (independente da gravidade)

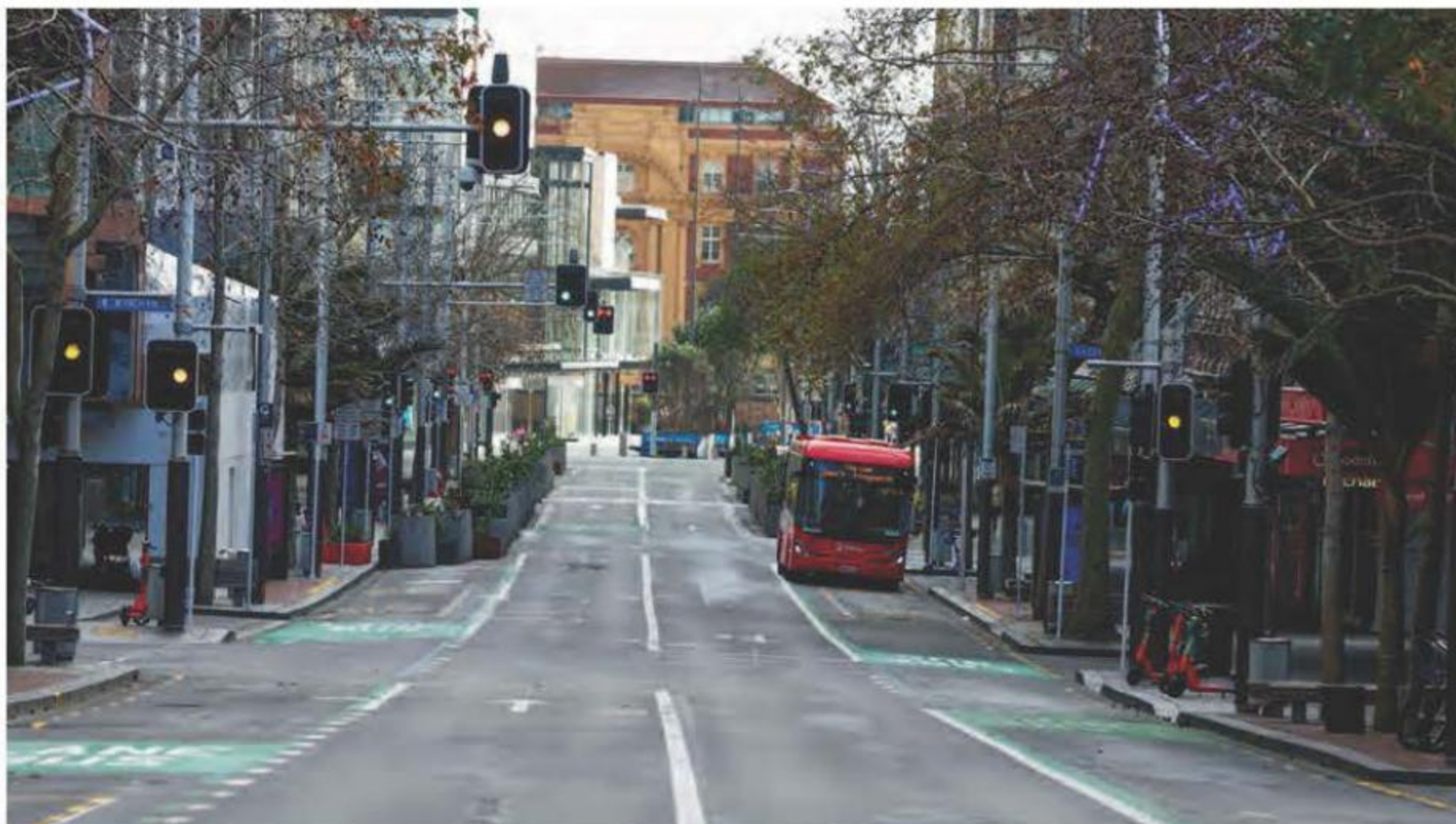
Fontes: *The New England Journal of Medicine, The Lancet, Preprints with Lancet, Ministério da Saúde da África do Sul, Ministério da Saúde do Brasil e FDA*

ABIR SULTAN/EPA/EFE

UMA DOSE A MAIS O primeiro-ministro de Israel, Bennett: três vacinas

Debate-se também a necessidade de uma terceira dose. O assunto ganhou atenção com evidências de que há redução de eficácia das vacinas ao longo do tempo. Um estudo feito no Reino Unido pela empresa de ciências da saúde ZOE em parceria com o Kings College de Londres revela que a proteção contra a Covid-19 oferecida por duas doses das vacinas da Pfizer/BioNTech e da Oxford/AstraZeneca começa a diminuir depois de seis meses. O trabalho mostrou que, no caso da vacina Pfizer/BioNTech, a eficácia um mês após a segunda dose, que é de 88%, cai para 74% passados cinco ou seis meses. Para o imunizante da AstraZeneca, a eficácia diminui de 77%, um mês depois, para 67% após quatro ou cinco meses. É importante ressaltar que a maior parte dos participantes vacinados até seis meses atrás tende a ser de idosos, público cujo sistema de defesa, mais enfraquecido, produz menos anticorpos. Dados de Israel demonstram, por exemplo, que a maioria das pessoas vacinadas que adoeceram gravemente no país tinha mais de 60 anos e apresentava comorbidades. Essa faixa etária é particularmente vulnerável ao vírus e foi a primeira a receber o imunizante,

CAMILA BATISTA/SEMSA

EU QUERO É ME VACINAR Festa adolescente em SP: virada de vacinação

FIONA GOODALL/GETTY IMAGES

RIGOR Mesmo com poucos casos, Auckland, na Nova Zelândia, fechou: a postura do governo impediu a explosão de casos

quando a campanha de vacinação começou em Israel, em dezembro.

O país foi o primeiro a iniciar a aplicação do reforço, no fim de julho, com o primeiro-ministro, Naftali Bennett, dando o exemplo. Números preliminares evidenciam que a terceira dose quadruplicou a proteção contra infecções observada dez dias após a aplicação em comparação à que havia sido registrada no mesmo período depois da segunda dose. Considerando apenas casos graves e internações, a defesa após uma terceira injeção foi superior de cinco a seis vezes.

No Brasil, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, anunciou o início da imunização de reforço a partir de 15 de setembro em pessoas imunossuprimidas e idosos a partir de 70 anos que completaram o esquema vacinal há mais de seis meses. No caso dos imunossuprimidos, o prazo é ter tomado a segunda dose no mínimo há 28 dias. Preferencialmente, deve ser utilizada a vacina da Pfizer para o reforço, independentemente do imunizante recebido anteriormente. A escolha pela vacina da Pfizer se deve, segundo o ministro, a três razões: o imunizante foi testado com sucesso em regimes de intercambialidade (quando são ministradas duas vacinas diferentes); está aprovado pela maioria das agências regulatórias do mundo; e o Ministério da Saúde se programou para adquirir quantidades expressivas da vacina. Mas também poderão ser utilizadas a vacina da AstraZeneca, fornecida pela Fiocruz, e a da Janssen — mesmo para quem recebeu a CoronaVac.

PHOTO12/UNIVERSAL IMAGES/GETTY IMAGES

QUASE ERRADICADA
O pesquisador polonês **Albert Sabin** desenvolveu, em 1960, a vacina contra a poliomielite. O imunizante, feito com o vírus vivo, tornou-se rapidamente a única vacina contra a pólio utilizada e ajudou o Brasil a erradicar a doença em 1994. Apesar dos esforços de Sabin, da OMS e da ciência, a pólio ainda não foi erradicada no mundo.

Embora as idas e vindas no combate à pandemia por vezes desanimem e levem ao sentimento de que ela nunca terá fim, é preciso entender que tudo o que está acontecendo é natural dentro de um contexto tão complexo. O vírus foi identificado há apenas dezoito meses e, nesse período, a ciência teve desempenho absolutamente espetacular ao trazer conhecimento, tratamento e prevenção. O que está atrasando o controle e a

GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO

EUFORIA PRECOCE Rio de Janeiro, 40 graus: mesmo com o crescimento de casos, a opção foi curtir a praia

CHARLES REAGAN/LOLLAPALOOZA

DEU CERTO Lollapalooza em Chicago: todos vacinados e poucas infecções

passagem do status do vírus de pandêmico para endêmico é uma combinação de fatores que incluem falta de responsabilidade individual e coletiva, ausência de estratégias governamentais baseadas em ciência e o entendimento de que a questão precisa ser analisada como um problema de longo prazo, por etapas, e que moldará o futuro de toda a humanidade. Isso exige, acima de tudo, compreender que as ações que tornarão mais pacífica nossa convivência com o vírus têm de ser globais, simultâneas e contar com a adesão dos indivíduos. Uma só pessoa que não se vacine é um entrave a mais. "Enquanto o mundo não estiver todo vacinado, a pandemia não acaba", alerta o imunologista Luiz Vicente Rizzo, diretor superintendente do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein.

Lamentavelmente, as disparidades em conscientização, recursos e empenho de governos promovem um cenário desigual, difícil de ser controlado. No Brasil, a média móvel de casos de Covid-19 chegou a 711 por dia, a menor marca do ano. As taxas de ocupação das UTIs também são bem menores do que as registradas em março deste ano e a vacinação ganhou velocidade, inclusive entre adolescentes. No total, 27% da população está totalmente imunizada. Mas, ao se olhar para o Rio, o quadro é outro. Na cidade invadida pela variante delta, as internações crescem e, mesmo assim, as praias lotam de gente sem proteção alguma. Em São Paulo, também parece haver euforia precoce.

Enquanto isso, a Nova Zelândia fecha cidades quando aparece um único caso e Chicago, nos Estados Unidos, conduz uma reabertura responsável. O festival Lollapalooza, que foi realizado ali, teve público de 385 000 pessoas. Mais de 90% estavam vacinadas. Dessas, quatro em 10 000 se infectaram. Entre os não imunizados, foram dezesseis em 10 000. Ninguém foi hospitalizado. Foi um bom exemplo de que é possível haver equilíbrio entre os extremos. "Vamos ser criativos nos ajustes que precisaremos fazer em vez de dizer ou é tudo ou é nada", orienta Jeremy Faust, instrutor na Harvard Medical School. Chegou mesmo a hora de encarar a realidade. O vírus dificilmente será erradicado (isso só aconteceu com o vírus da varíola) e cabe a nós aprendermos, e aprenderemos, a viver com um indesejado convidado. ■

PEQUENINO, MAS LUCRATIVO

As redes registram cada vez mais influenciadores mirins, que ganham fama e dinheiro com o estímulo dos pais. Os especialistas alertam para os perigos **DUDA MONTEIRO DE BARROS** E **RICARDO FERRAZ**

INSTAGRAM @EUAMONONO

AOS 3 ANOS, o menininho de bochechas fartas e sorriso fácil acomodado na cadeira infantil do carro ensaia um "eu te amo" em inglês para a mãe, que registra, eufórica, aqueles segundos. O vídeo, como quase tudo em que Noah Tavares estampa o rosto, viralizou entre o seu recém-alcançado 1 milhão de seguidores no Instagram e os mais de 5 milhões que acompanham suas variadas gracinhas no TikTok. Administrada pela mãe, a farmacêutica Frécia Tavares, 33 anos, a bio de Nonô, como ficou célebre, informa que ele é "uma pessoa pública". E como. "Comecei a postar fotos dele quando era um bebezinho e me surpreendi com o sucesso", conta Frécia, cuja determinação acabou transformando o filho em um pequeno ás da publicidade — chega a cobrar 4 000 reais por foto postada, divulgando marcas como Coca-Cola, Itaú e Rappi. "Temos uma rotina de gravação praticamente diária", diz a farmacêutica, que largou o emprego para gerenciar a atribulada agenda. Em tempos pré-web, Nonô seria garoto-propaganda. Hoje é influenciador digital e encorpa a hashtag *mini-influencer*, já empregada 1 milhão de vezes, e subindo no Brasil.

FOFURA NO MERCADO

Noah Tavares, 3 anos, 6 milhões de seguidores

As gracinhas do menino quando ainda era bebê viralizaram e chamaram a atenção de empresas que o contrataram como *influencer*. "Ele sofre assédio de fãs na rua, mas aprendemos a lidar com isso", garante Átila, o pai

A quem o aborda — e não é pouca gente — ele se apresenta: "Sou aquele menino famoso da internet".

A indústria do entretenimento é uma usina de converter fofura e talento precoce em fama desde a mais tenra idade. Um mergulho mais fundo, porém, mostra que o caminho pode ser tortuoso para a criança, que perde contato com a espontaneidade da infância e passa a cumprir um roteiro traçado pelos pais. "Familiares às vezes agem de forma narcisista, expondo os filhos para aparecer através deles", diz a psicóloga Ceres Araujo, fazendo um alerta para um efeito colateral nocivo: "O excesso de expectativa por parte dos adultos exerce sobre a criança uma pressão que tende a se traduzir em sofrimento". Diversos nomes estelares penaram depois de estrearem jovens demais, entre eles Michael Jackson, que aos 6 anos cumpria uma maratona de shows e era alvo de castigos físicos do pai-empresário, e Macaulay Culkin, o astro de *Esqueceram de Mim*, que, revelado aos 4 anos, adentrou a maturidade sem saber lidar com a fama e abandonou as telas *(veja o quadro na pág. 66)*.

As redes sociais, sempre elas, deram novos contornos ao fenômeno, com seu potencial de fazer de uma peraltice um sucesso global, muitas vezes oco. E os pais se entusiasmam além da conta. A tentação de exibir todos os passos da prole ganhou até nome em inglês: *sharenting*, mescla de *share* (dividir) com *parenting* (paternidade). Especialistas reconhecem a complexidade de estabelecer nesse movediço terreno a fronteira entre o razoável e o contraindicado — e o bom senso será sempre um balizador, lembram. Cientificamente, já está comprovado que uma rotina intensa demais no mundo paralelo da internet reduz vivências essenciais para o desenvolvimento. O risco é de a criança se deixar fisgar por imagens fáceis no lugar de afiar raciocínios complexos. "As redes atuam no sistema de recompensa do cérebro infantil como um estímulo positivo, mas não são nem de perto suficientes para enriquecer a linguagem e o pensamento", afirma o neuropediatra Mauro Muszkat, da Unifesp. A médica Fernanda Kanner, 38 anos, viu a filha Nina, 14, disparar no TikTok, com 2 milhões de seguidores. Notando que o cotidiano virtual fugia do controle, a mãe tomou a dura decisão de encerrar a conta há um mês. "A pseudofama a fez acreditar que a beleza era o que ela tinha de mais especial. Fiz isso para o seu bem", justifica a médica.

Quando o dinheiro entra na equação, a probabilidade de um desequilíbrio na rotina infantil se eleva. "Sempre houve crianças aparecendo em propagandas, mas, depois que as mídias tradicionais passaram a ser reguladas, as redes se tornaram uma opção mais interessante, já que ali as regras não estão plenamente definidas",

FORA DO AR

Nina Rios, 14 anos, que tinha 2 milhões de seguidores, e a mãe, Fernanda, 38

Como a adolescente passava horas a fio na internet, algumas delas divulgando produtos, a mãe decidiu encerrar suas contas virtuais há um mês. "Ela não produzia nenhum conteúdo relevante, era só perda de tempo", justifica a médica

INSTAGRAM @FEROCHAKANNER

explica a antropóloga Solange Mezabarba. Desde 2014 uma norma do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente proíbe que a publicidade infantil seja dirigida diretamente aos pequenos, mas nem sempre é trivial discernir brincadeira de propaganda. A sutileza se revela, por exemplo, em situações como o *unboxing*, em que o mini-influenciador vai abrindo uma caixa e de lá retira "produtos-surpresa", como roupas e brinquedos, tudo à venda. Na segunda-feira 23, nove empresas foram denunciadas ao Ministério Público da Bahia pelo Instituto Alana por prática de publicidade infantil irregular. "A criança percebe o influenciador mirim como um amigo, não como um ator, e aí está o problema", explica Isabella Henriques, diretora-executiva do Alana. No fim de 2020, a fabricante de brinquedos Mattel foi condenada a pagar 200 000 reais por danos morais coletivos, após o Tribunal de Justiça de São Paulo considerar que a empresa fez publicidade indireta ao contratar uma criança com canal no YouTube para divulgar uma marca de bonecas. A VEJA, a Mattel diz "garantir a ética, a qualidade e a verdade em sua comunicação".

A lei brasileira determina que filhos não podem se tornar responsáveis pelos rendimentos da família, o que é frequente no universo dos *influencers* mirins. "O Estado e os pais

CEDO DEMAIS

Astros que sofreram a pressão da fama na infância tiveram problemas depois

INSTAGRAM @MILEYCYRUS

Revelada pelo seriado *Hannah Montana* aos 14 anos, **Miley Cyrus,** 28, já falou sobre o vício em álcool e drogas, hoje superado. "Era uma criança tratada como adulta", diz

RODIN ECKENROTH/GETTY IMAGES

Protagonista aos 10 anos do sucesso *Esqueceram de Mim*, **Macaulay Culkin** abandonou as telas após um processo em que os pais disputaram sua fortuna

BUSCA DE EQUILÍBRIO

Maria Eduarda Yamazaki, 8 anos, 73 000 seguidores

Embaixadora mirim de grifes de roupa e brinquedos, a sempre produzida *influencer* só trabalha nos fins de semana, por decisão da mãe. "Para mim, é pura diversão. Meu sonho mesmo é ser estilista", planeja

INSTAGRAM @DUDINHAYAMAZAKI

também devem zelar pelo que é melhor para a criança", frisa Glicia Salmeron, presidente da Comissão dos Direitos da Criança da OAB. A especialista em turismo Patrícia Yamazaki, 43 anos, deixa a filha, Maria Eduarda, de 8, gravar anúncios (ela é embaixadora de grifes conhecidas de roupas e contabiliza 73 000 seguidores). Mas impõe horários, acreditando que assim a menina segue uma trilha saudável. "Só marco trabalhos aos sábados e domingos. Não quero que ela se deslumbre com o mundo digital e deixe de se empenhar nos estudos", diz a mãe. Todo o cuidado é pouco nesse campo de tantos e variados estímulos. ■

TIMOTHY A. CLARY/AFP

Michael Jackson (1958-2009) subiu ao palco aos 5 anos, ao lado dos irmãos. Foi alvo constante das agressões do pai, ferida jamais cicatrizada

LUCILIA DINIZ

A CLAREZA DO DISCURSO

Um elogio aos profissionais que traduzem as complexidades

ADMIRO AS PESSOAS que, sendo mestres em seus ofícios, conseguem transmitir seus complexos conhecimentos a leigos. Não há nada de trivial na simplicidade. Ao contrário, deve dar um trabalho danado traduzir a essência de uma mensagem em linguagem amigável, sem abrir mão do conteúdo, nem resvalar na superficialidade que pouco acrescenta à compreensão do que está em jogo. Alguns médicos se encaixam nesse perfil. Certa vez, quando embarquei numa dieta pobre em carne vermelha, apresentei sinais de deficiência de ferro. O médico e amigo, o doutor João Toniolo, poderia ter se exibido com expressões tão científicas quanto obscuras. Em vez disso, fez uma comparação feliz. Os nutrientes do corpo humano, ele enumerou, estão como que dispostos em três lugares de uma mercearia: no balcão, na prateleira e no estoque. E concluiu: um produto desaparece primeiro do balcão para depois sumir da prateleira e, finalmente, do estoque. Gosto de pensar que o médico pensou a metáfora especialmente para mim, considerando minha memória afetiva com o varejo. De qualquer maneira, a verdade é que desde então pensei em como os nutrientes do meu corpo estariam espalhados no meu empório corporal.

Outro caso inesquecível envolveu um prosaico Bubbaloo, o colorido e inocente chiclete que tanto apela às crianças. Como o armazém, ele também serve como metáfora. Numa consulta por causa de uma queixa relacionada à minha coluna, o médico deixou de lado o palavreado técnico e resolveu simplificar a explicação. As articulações das vértebras da nossa coluna, ele disse, lembram aquela goma de mascar em formato de almofadinha com um líquido dentro. Quando o chiclete racha, o recheio vaza — e vêm daí o prazer fugaz da molecada e a preocupação do adulto com alguma dor nas costas. Desde esse dia foi impossível voltar a caminhar ou pegar peso sem pensar nos Bubbaloos.

A comunicação, como se sabe, não é aquilo que você fala ou escreve. É o que o outro entende. De que adianta a melhor explicação do mundo, se colocada em termos que vão deixar o interlocutor boiando? O jargão profissional serve, no mais das vezes, para valorizar quem dele lança mão tentando projetar a imagem de depositário de um conhecimento profundo e inacessível. Pois esse, arrisco afirmar, não é o profissional mais brilhante. O bom médico, o bom engenheiro, na minha percepção, é aquele que não tem medo de compartilhar seu saber, e o faz de maneira criativa.

> **"A comunicação não é aquilo que você fala ou escreve. É o que o outro entende"**

Não é de hoje que se sabe da eficiência da mensagem indireta. Jesus Cristo, que transmitia ensinamentos por parábolas, usava o recurso com grande propriedade, tanto que até hoje elas ainda povoam o imaginário popular. Tive excelentes professores de humanidades, desde o Colégio Assunção. Mas confesso que, sem as imagens adequadas na época, não sabia para que serviam os conceitos de seno, cosseno e outros tantos. Mas as escolas mudaram. Conversando com minha neta Valentina, percebi sua admiração pelo estilo de alguns de seus professores, que ensinam traduzindo as matérias. Médicos, professores, líderes empresariais, qualquer um capaz de dominar essa arte sempre terá seu público na palma da mão. ■

BRIGA AO VIVO E EM CORES

Documentos aos quais VEJA teve acesso expõem bastidores da guerra familiar que envolve o ex-âncora Cid Moreira, dono de fortuna avaliada em 40 milhões de reais **SOFIA CERQUEIRA**

INSTAGRAM @OCIDMOREIRA

NA ALEGRIA E NA TRISTEZA
Fátima e Cid: a imagem da harmonia nas redes

DONO DE VOZ GRAVE onipresente nos lares brasileiros durante três décadas com seu indefectível "Boa noite", Cid Moreira se vê agora do outro lado do balcão. O ex-âncora do *Jornal Nacional*, 93 anos, virou notícia ao ser lançado para o epicentro de um barraco familiar que chegou há um mês aos tribunais. VEJA teve acesso com exclusividade a documentos que serão anexados ao processo no qual os herdeiros — o comerciante Rodrigo Moreira, 51 anos, seu filho biológico, e o cabeleireiro Roger Moreira, 45, adotado aos 25 — pedem a interdição do pai, argumentando não ser mais capaz de gerir a própria vida. E cavucam ainda mais fundo: querem a prisão de sua atual mulher, Fátima Moreira, 57 anos, com quem Cid Moreira é casado há quinze e que estaria dilapidando um patrimônio estimado em 40 milhões de reais.

Os papéis que vêm à luz *(veja trechos na pág. ao lado)* levantam suspeitas sobre transações capitaneadas por Fátima e suscitam dúvidas de que a assinatura que Cid teria cravado em alguns registros é mesmo autêntica. Na ação, protocolada na Vara do Idoso de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, onde o casal reside, os herdeiros acusam a madrasta de maus-tratos, cárcere privado e solicitam a guarda do pai. "Ele está senil e sob o domínio dela. Essa mulher o isolou, está se apropriando do dinheiro dele e há quem diga que o mantenha dopado", dispara Roger, no meio de uma contenda que ainda promete muitos capítulos. "Cid está 100% lúcido. Os filhos serão acionados por crime de denunciação caluniosa", rebate o advogado João Francisco Neto.

Um naco respeitável do patrimônio acumulado à frente da bancada do *JN*, e depois emprestando a voz a gravações da *Bíblia* em CDs vendidos aos milhões, já se foi. Junto com Fátima, Cid se desfez da mansão em que viveu na Barra da Tijuca, Zona Oeste carioca, de seis terrenos no interior de São Paulo, de pelo menos uma casa na região serrana fluminense e de um estúdio de gravação no Rio — a maior parte com valores abaixo dos de mercado. Uma dessas negociações chama especial atenção por ter gerado lucro vultoso: Fátima adquiriu por 500 000 reais um imóvel no município paulista de Mogi Mirim, em junho de 2021; um mês mais tarde, vendeu por 950 000 reais. Em outra transação, ela assina com o nome de solteira, o que pode vir a caracterizar falsidade ideológica. Até conhecer o marido, Fátima atuava como jornalista freelancer. Uniram-se em 2006 em regime de separação legal de bens: tudo o que for arrematado pós-enlace será rachado meio a meio, e ele só dispõe em testamento de 25% de seu quinhão. O resto é dos herdeiros.

Com a temperatura da encrenca elevada, o casal Moreira tem disparado contra-ataques nas redes. Em vídeo, eles aparecem em uma mesa bem-posta, enquanto a mulher diz que "estão tristes, mas em paz", e Cid enfatiza: "Você é a minha escolhida e quem cuida de mim". Há uma semana, foi a vez de Célio, irmão do ex-apresentador, surgir a seu lado classificando como "infâmia" a investida dos filhos. No processo, que desencadeou a instauração de um inquérito, Fátima é acusada de "confinar o marido" e lhe "servir comida estragada, vencida". Uma das testemunhas arroladas pelos herdeiros, o caseiro Manoel de Lima, que trabalhou 26 anos para Cid, relata a VEJA: "Fátima saía muito, ele ficava sozinho e às vezes a mesma comida era servida dez, quinze dias". A cozinheira Ana Lúcia de Souza, que ainda trabalha na casa, fornece outro ângulo dos patrões. "Ela faz tudo para ele, que é vegetariano e gosta de muitos pratos nas refeições", garante. Após uma dé-

cada de convivência com Cid, a fisioterapeuta Noory Lisias também refuta as acusações: "Isso é uma loucura. Ele está ciente de tudo e não tem perfil submisso". Advogado de Fátima, Fernando Ayres Motta sustenta que o ex-âncora passa tão bem que não parou de trabalhar. "Ele ainda faz muitas narrações e comerciais", assegura.

Os filhos andam remexendo ainda em outro vespeiro. Descobriram que as três firmas pelas quais Cid recebia seus proventos foram extintas e, hoje, pagamentos seguem para a Fama Comunicações e Voz, só de Fátima. É essa empresa que aparece no contrato do comercial que ele fez para uma telefônica com Ivete Sangalo, levando cachê de 355 000 reais. O próximo passo é pedir à Justiça que rastreie o destino do salário que o ex-apresentador recebe até hoje da Globo, estimado em 150 000 reais. Cid, que deixou o comando do *JN* em 1996, após 27 anos, é contratado da emissora há 52. "Desde que meu pai se juntou à Fátima, fui alijado. Em 2014, recebi um e-mail avisando que ele iria me deserdar e não consigo mais contato", lamenta Roger. Rodrigo, por sua vez, diz que o pai sempre foi ausente e até entrou com um processo contra ele "por abandono afetivo". Perdeu. Cid Moreira já foi à delegacia prestar depoimento e, nos próximos dias, será a vez de os filhos serem ouvidos. O "boa-noite" já não soa mais sincero. ■

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA ____ VARA DE FAMÍLIA E REGISTRO CIVIL DA COMARCA DE PETRÓPOLIS / R.J.

PRIORIDADE NA TRAMITAÇÃO – IDOSO

O interditando é pessoa idosa, senil, tem problemas psiuátricos ocasionados pela idade, vem praticando atos em prol da mulher que tem 40 a menos, e que seu único

objetivo era espoliar, no vulgo popular, depenar totalmente, o idoso, em puro estelionato senil, apropriação indébita, formação de quadrilha. A pretensa mulher vem subtraindo tudo o que o

ATOS DA GUERRA Trecho do processo movido pelos filhos diz que o pai está "senil" *(à esq.)*: transação de alto lucro lança suspeitas sobre a mulher *(abaixo)*

MATRÍCULA Nº 69.183

REGISTRO DE IMÓVEIS
DA COMARCA DE MOGI MIRIM - S.P.
Código Nacional de Serventias nº 12.022-0

LIVRO 2 - REGISTRO GERAL

FICHA Nº
... escritura pública, firmado na cidade de Campinas, SP, em 08 de Julho de 2021. MARIA DE FATIMA SAMPAIO MOREIRA, e seu marido CID MOREIRA, já qualificados, residentes na [...] na cidade de Petropólis, RJ, representados pela procuradora Osmarina Pulz, CPF/MF [...], **VENDERAM** o imóvel objeto desta matrícula, pelo preço de R$ 950.000,00 (R$ 760.000,00 - financiamento concedido pela CEF; R$ 190.000,00 - recursos próprios), a [...], brasileiro, serventuário de justiça, portador da Carteira

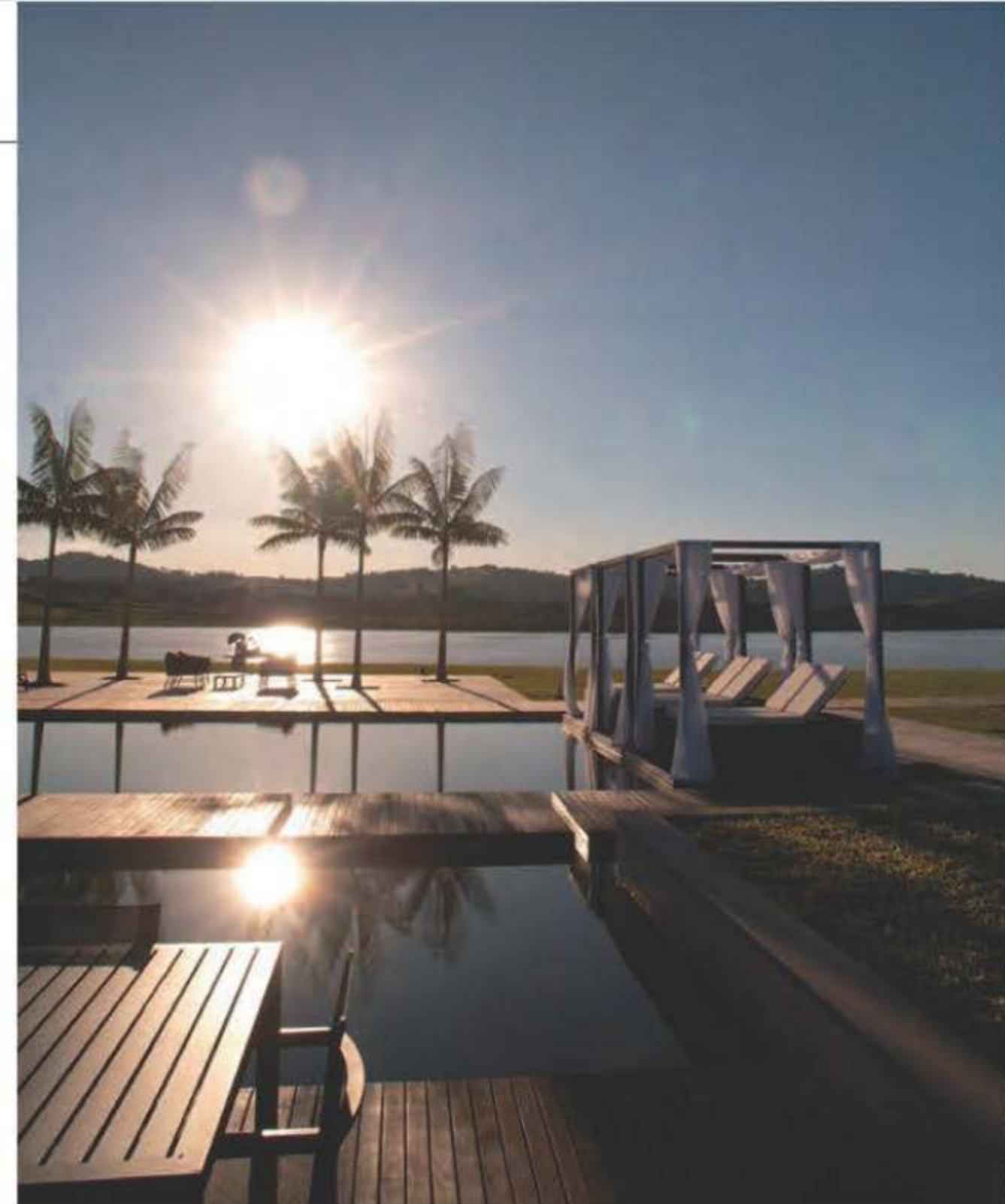
SHUTTERSTOCK

NO CAMPO Hotel e spa em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul: dezoito vinhedos à disposição dos turistas

VINHAS DA TRANQUILIDADE

O mercado imobiliário descobre o potencial da vinicultura, com condomínios que oferecem ao morador a possibilidade de participar do processo de produção de vinhos **SABRINA BRITO**

QUEM APRECIA vinho sabe: um bom rótulo está a um clique de distância na internet ou a poucos minutos no caminho do supermercado. Visitas a vinícolas, com degustação inclusa, podem ser agendadas pelo turista antes da viagem. No entanto, ter o próprio vinhedo para chamar de seu é algo muito novo e diferente. Na verdade, ainda se trata de uma conveniência inusitada e restrita, mas, para o regozijo de sommeliers profissionais e diletantes, novos empreendimentos prometem trazer o cultivo para perto de seus admiradores por meio de condomínios-vinhedos — com casas e resorts associados a plantações, onde se pode passar alguns dias, alugar por um período ou, se o interessado tiver condições, adquirir a propriedade, conquistando assim um pedaço do paraíso.

Um dos mais interessantes representantes desse movimento é o projeto Vivert, no distrito de Macaia, no sul de Minas Gerais. Ali está sendo criada uma das primeiras vinícolas do país dentro de um condomínio residencial. Em 4 hectares de terroir, serão inicialmente cultivadas as uvas sauvignon blanc, que dá excelentes brancos, e syrah, que o brasileiro aprendeu a apreciar graças aos produtores chilenos e argentinos. Ao longo do tempo, outras variedades serão acrescentadas. O empreendimento, supervisionado pelo especialista Murillo de Albuquerque Regina, conta com vinhas e fábrica, cuja bebida poderá ser consumida por moradores e visitantes. Além disso, quem possui casa no condomínio terá a opção de se tornar coproprietário da vinícola — os terrenos

MARCELO GOULART

DOIS MUNDOS Vista do lago do Vivert: oportunidade de lazer e cultivo próprio

INSTAGRAM @VIVERTRM

NA TERRA Mão na massa: fazer parte do processo é a nova tendência

com 3 000 metros quadrados custam a partir de 700 000 reais, com direito a uma cota da vinícola

Segundo os coordenadores do Vivert, a ideia é promover a convivência entre condôminos, formando assim uma comunidade enóloga. "Muitos brasileiros são associados a vinícolas de outros países, como a Argentina, mas eles se queixam de não se sentirem parte do negócio, já que participam apenas no papel", diz Antônio Alberto Júnior, sócio do empreendimento, cujo objetivo é proporcionar ao indivíduo a oportunidade de fazer parte de todo o processo, da colheita da uva à elaboração do vinho.

Há no Brasil iniciativas similares. Um dos primeiros a adotar o conceito no país foi o Terroir Vinhedos Exclusivos, lançado em Garibaldi, no Rio Grande do Sul pela Lex Empreendimentos. Neste caso, porém, ele é focado em espumantes, mas a ideia é também oferecer ao condômino a possibilidade de ter seu próprio rótulo. Outro enocondomínio é o Spa do Vinho, localizado na cidade de Bento Gonçalves, também no Rio Grande do Sul. Com dezoito vinhedos próprios, ele oferece cotas que incluem a compra de uma unidade no hotel (apartamento ou suíte), permitindo ao investidor a possibilidade de adquirir também uma parcela do vinhedo.

A paixão pela bebida tem estimulado o surgimento de projetos inusitados, para além do vinho que pode ser chamado de seu. Em Santa Catarina, está sendo erguido o Pericó Residence, um edifício-condomínio no Balneário Camboriú, pródigo em lançamentos diferenciados. O Pericó será, figurativamente falando, uma videira de concreto armado, com adegas individuais para cada apartamento, loja especializada de 1 300 metros quadrados e espaços para degustação.

"Os brasileiros estão cada vez mais interessados em vinhos e já não aceitam qualquer produto", diz Alberto Júnior, o empresário da Vivert. Claramente, o setor está em expansão. Em 2020, de acordo com dados da consultoria Nielsen, o consumo per capita no Brasil chegou a 2,78 litros, um avanço de 30% em relação ao ano anterior. Outros especialistas projetam que, no futuro próximo, será comum encontrar no Brasil casas de veraneio, hotéis e chalés para locação com mais de uma vinícola associada às residências. De fato, é possível que a produção artesanal seja, tanto para o consumidor assíduo quanto para aqueles que bebem eventualmente, uma forma de aproximar o ser humano urbano da natureza. Nesse caso, um vinhedo particular seria a opção mais romântica (e cara, embora possa vir a ser lucrativa) de se fazer isso. São as vinhas da tranquilidade, e não da ira. ■

PROVA DE OBSTÁCULOS

Ficou difícil pedir carro via aplicativo: o aumento do preço dos combustíveis e outros fatores fazem motoristas recusar chamadas e até desistir do trabalho **LUIZ FELIPE CASTRO**

DESDE que os aplicativos de transporte chegaram ao Brasil, há sete anos, sacudindo cooperativas de táxi e criando novos hábitos de ir e vir, jamais se viu tamanha insatisfação com o serviço. Nos grandes centros, principalmente, proliferam queixas de usuários quanto ao cancelamento de corridas e ao longo tempo de espera. Todos parecem frustrados — clientes, motoristas e mesmo as empresas que fornecem o serviço, como a Uber e a 99, que perdem cada vez mais receita em um cenário de caos provocado pelo aumento estratosférico do preço dos combustíveis e do aluguel de veículos e até pela falta de carros para trabalhar.

Motoristas de aplicativo costumam recusar corridas para regiões tidas como perigosas, especialmente à noite. No entanto, o que tem causado desistências agora é uma equação simples: se o trajeto até o cliente for longo e a viagem for curta, ele ficará com saldo negativo — então é melhor simplesmente desistir em favor de um passageiro mais próximo. "É uma triste realidade, mas nós mesmos aconselhamos o motorista a cancelar corridas curtas", diz Eduardo Lima, presidente da Associação dos Motoristas de Aplicativo de São Paulo (Amasp). Além do custo proibitivo dos combustíveis e da locação de veículos, Lima aponta o congelamento das tarifas como um outro entrave para o negócio.

Assim como acontece com os taxistas, o valor que fica com o motorista de aplicativo varia de acordo com a quilometragem percorrida e o tempo gasto no trajeto. Além disso, entra na conta a categoria do veículo — os de luxo recebem mais que os populares. Ao que tudo indica, descontados o

ANTONIO MILENA

TESTE DE PACIÊNCIA Espera longa: os cancelamentos deixam usuários à deriva

SINAL VERMELHO

Por que motoristas e usuários estão insatisfeitos com os serviços de aplicativos como Uber e 99

RECLAMAÇÕES DOS MOTORISTAS

- Congelamento das tarifas desde 2016 (os apps ficam com 20% a 48% das corridas)

- Aumento do combustível (em alguns postos, o litro da gasolina chegou a 7 reais)

- Falta de incentivo do governo (a classe sugere um auxílio para a instalação do kit de gás natural veicular)

RECLAMAÇÕES DOS CLIENTES

- Alta nos preços das corridas devido à redução de veículos disponíveis

- Maior tempo de espera até a chegada do carro
- Aumento de desistências por parte dos motoristas

DEBANDADA

A Associação dos Motoristas de Aplicativo de São Paulo estima que 30 000 condutores na capital paulista (25% do total) tenham desistido da atividade. Muitos relatam que estavam pagando para trabalhar

ESPERANÇA

O aumento no ritmo da vacinação e a consequente reabertura do mercado animam motoristas e aplicativos. Nos fins de semana já vem sendo notada uma demanda maior de chamadas

RONALDO BERNARDI/AGÊNCIA RBS

PROTESTO Porto Alegre: os motoristas cobram reajuste para receber mais

combustível e a taxa das prestadoras, a receita líquida que cabe ao condutor é irrisória e nem mesmo cobre as despesas fixas caso o carro seja alugado. Por causa disso, estima-se que, somente na cidade de São Paulo, cerca de 30 000 motoristas — ou 25% do efetivo — tenham desistido. Genauro Araújo, de 42 anos, deve engrossar essa lista em breve. "Só não parei ainda porque não encontrei emprego em outra área", diz ele, que hoje trabalha catorze horas para ganhar o que faturava antes em oito.

Do lado dos clientes, a vida também ficou mais complicada. Chamadas não atendidas resultam em compromissos perdidos. Além disso, com a redução da frota, sobem os preços das corridas, principalmente nos picos de movimento. Muita gente que abriu mão de ter carro, na confiança de que Uber e 99 ficariam cada vez mais rápidos, baratos e sofisticados, hoje se pergunta se não teria sido melhor ter deixado o veículo na garagem, ainda mais agora com a valorização dos usados. A oferta do serviço tem caído no horário comercial dos dias úteis, justamente quando mais se precisa do transporte, uma vez que uma boa parcela dos motoristas mudou para o turno da noite, quando há menos trânsito e eles podem abrir mão do ar-condicionado, queimando menos combustível. Por outro lado, a demanda nos fins de semana tem crescido devido à abertura de bares e restaurantes, o que incentiva motoristas a buscar clientes às sextas e aos sábados nas regiões boêmias, onde a procura concentrada aumenta o valor da corrida. O resultado, mais uma vez, são menos opções para quem precisa do serviço nas manhãs e tardes dos dias úteis.

Em meio à torrente de insatisfação dos dois lados, motoristas protestam contra novas categorias — Uber Promo e 99Poupa —, que barateiam a corrida para o usuário, mas remuneram ainda menos o condutor. As empresas dizem que a promoção visa a minimizar os efeitos da pandemia e que os motoristas são livres para rejeitar esse tipo de corrida, certamente criada para trazer de volta clientes que desistiram de viajar por falta de dinheiro. Dessa forma, perdem todos: os usuários e os que investiram na profissão como alternativa de sustento. Também perdem os que apostaram nos aplicativos como solução para o transporte e que agora assistem ao negócio frear à primeira crise. ■

REFERÊNCIA
A brasileira Jaqueline de Jesus: ela ajudou a sequenciar o genoma do novo coronavírus

INSTAGRAM @DRAJAQUELINEGOES

AS PRINCESAS DA CIÊNCIA

Pesquisadoras que lidam com o combate à pandemia viraram bonecas Barbie. Coleções temáticas são uma ideia da Mattel para inspirar futuras gerações **ALESSANDRO GIANNINI**

NASCIDA EM 1959, nos Estados Unidos, ela é amada por crianças do mundo inteiro e já foi atacada por feministas preocupadas com as suas curvas inalcançáveis. Teve mais de 200 profissões, foi astronauta no auge da corrida espacial, cirurgiã em um período de avanços da medicina e até presidente americana na década de 90. Com mais de 60 anos de idade, gerou sozinha, no ano passado 1,3 bilhão de dólares para a fabricante de brinquedos Mattel — um recorde para a empresa. Barbie, a boneca mais popular do mundo, foi tudo isso e, recentemente, tornou-se veículo para homenagear cientistas de vários países que trabalharam na linha de frente do combate à Covid-19 durante a pandemia. Entre elas, está a biomédica brasileira Jaqueline Goes de Jesus.

Pós-doutoranda na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Jaqueline ajudou a identificar o genoma da variante brasileira do novo coronavírus em 48 horas, quando a média mundial gira em torno de quinze dias. A cientista já havia sido homenageada no projeto *Donas da Rua*, dos estúdios Mauricio de Sousa, ao ser retratada como Milena, a primeira personagem negra da *Turma da Mônica*. Em seu perfil no Instagram, a pesquisadora baiana escreveu que estava encantada com a riqueza de detalhes da Barbie que a reproduz como cientista. "Tornar-me um modelo para novas gerações é provar que, por meio das oportunidades, o talento e a inteligência podem alcançar e gerar frutos positivos para uma nação", afirmou.

Além de Jaqueline, outras cinco cientistas que colaboraram no permanente combate à pandemia em várias frentes, no avesso do negacionismo, também viraram bonecas. Uma delas, a infectologista britânica Sarah Gil-

ANDY PARADISE/SHUTTERSTOCK

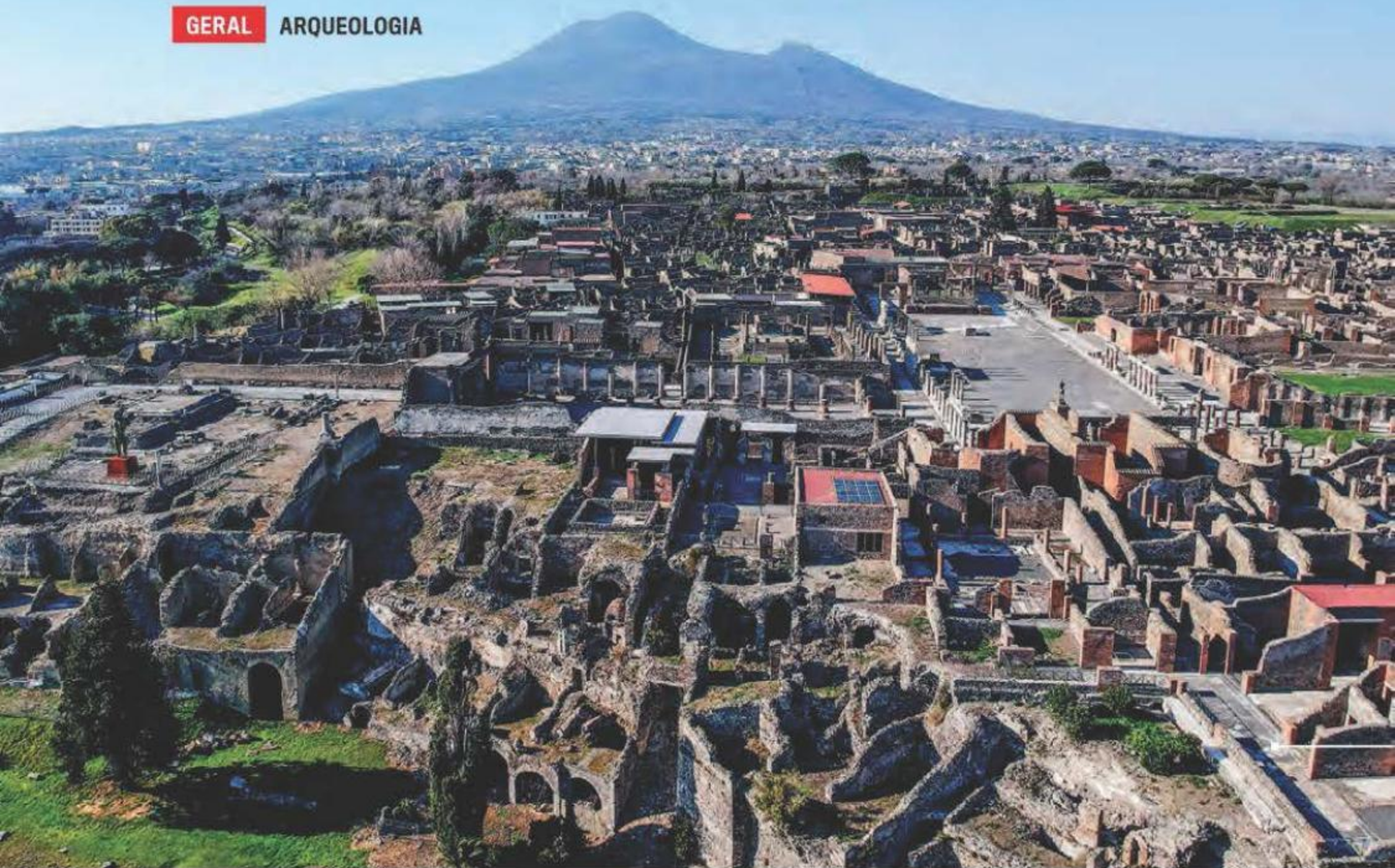
INSTAGRAM @DR.AUDREYXSUE

MODELOS A britânica Sarah Gilbert *(à esq.)* e a americana Audrey Sue Cruz: exemplos de cientistas que merecem ser acompanhadas

bert, responsável pelo desenvolvimento da vacina AstraZeneca na Universidade de Oxford, tornou-se *dame* da realeza e foi aplaudida de pé em meio ao Torneio de Wimbledon em junho. Dos Estados Unidos, estão representadas a enfermeira Amy O'Sullivan, homossexual e mãe de três filhos, que tratou o primeiro paciente com Covid-19 em Nova York, e a doutora Audrey Sue Cruz, que atuou na linha de frente em Las Vegas e colaborou com outros médicos asiático-americanos para combater o preconceito decorrente do vírus.

Mais duas médicas completam a coleção que faz parte do projeto Obrigado Heróis, lançado pela Mattel para homenagear figuras de destaque, mas também pessoas comuns que mantiveram as comunidades funcionando. Residente de psiquiatria da Universidade de Toronto, a canadense Chika Stacy Oriuwa participou de iniciativas para aumentar o número de estudantes negros nas faculdades de medicina do país. Por sua vez, a pesquisadora australiana Kirby White desenvolveu uma bata médica que pode ser lavada e reutilizada, permitindo assim que os funcionários da linha de frente continuem atendendo os pacientes durante a pandemia.

A má notícia é que as bonecas que fazem parte da iniciativa não estão à venda, o que certamente atiçará em breve o apetite dos colecionadores e das casas de leilões. Ainda assim, aproveitar a plataforma da Barbie para inspirar as próximas gerações não deixa de ser bela contribuição. "Nossa esperança é estimular a imaginação das crianças que interpretam seus próprios enredos como heróis", declarou em um comunicado Lisa McKnight, vice-presidente sênior e chefe global do setor de bonecas.

Nos Estados Unidos, a série Mulheres Inspiradoras, parte do mesmo projeto da Mattel, representa personagens que fizeram história no país, como a enfermeira Florence Nightingale, a tenista Billie Jean King e a ativista Helen Keller — elas são encontradas no site da empresa a 30 dólares cada uma, excetuando impostos e taxas de envio. Mais do que a possibilidade de gerar receitas com esse tipo de coleção, a Mattel deixa uma singela mensagem. O mundo, afinal, é de todas, e não apenas das princesas curvilíneas e sempre loiras retratadas nas bonecas dos velhos tempos. ■

A URBE E SEU ALGOZ O sítio, com o Vesúvio ao fundo: um novo ciclo de escavações para trazer o passado de volta

ALÉM DA ETERNIDADE

A mítica cidade italiana de Pompeia, destruída por uma erupção vulcânica no século I, surpreende com novos achados e cria expectativa para o que está por vir **SÉRGIO FIGUEIREDO**

EXISTEM LUGARES dignos de serem visitados em vida e outros que precisam ser conhecidos antes que desapareçam. No sul da Itália, entretanto, há uma cidade que, apesar de ter perdido todos os seus habitantes e de ter sido enterrada sob 5 metros de entulho vulcânico, não apenas se recusa a morrer como continua entregando em profusão utensílios, afrescos e inscrições que merecem ser contemplados e reverenciados. Patrimônio da humanidade, Pompeia é menos visitada do que o Coliseu — até porque a arena romana, encravada na capital italiana, é de acesso mais fácil —, mas, nos quesitos preservação e tamanho, ela é imbatível como sítio arqueológico, mesmo quando comparada às maravilhas do Egito. Encoberta por um manto de cinzas e pedras-pomes despejadas pela fúria do Vesúvio, cuja erupção, no ano 79 d.C., tirou a vida de todos os habitantes que não fugiram a tempo, a cidade passa agora por um novo ciclo de escavações, que tem como objetivo trazer à luz relíquias que correm o risco de ser danificadas sob o peso dos mesmos detritos que as encapsularam quase 2 000 anos atrás.

Para entender a relevância de Pompeia, é necessário se localizar no tempo e no espaço. Depois de seu desaparecimento, ela foi elevada ao patamar de lenda. Outras cidades até poderiam ter sido erguidas sobre ela se uma inscrição, descoberta somente em 1763, não trouxesse seu nome mítico à tona. Escavada desde 1748 — antes, porém, sem identificação confirmada —, Pompeia passou a chamar a atenção de gente importante, como Carolina Bonaparte, rainha de Nápoles, que, em 1812, talvez impressionada pelos avanços do irmão mais velho sobre o

VOLTANDO À LUZ

Dos 66 hectares das ruínas de Pompeia, cerca de 30% – ou aproximadamente 200 000 metros quadrados – ainda precisam ser escavados

SALVATORE LAPORTA/KONTROLAB/GETTY IMAGES

FLORIANO RESCIGNO/GETTY IMAGES

PRESERVAÇÃO VESUVIANA
A forma em gesso de uma das vítimas de Pompeia *(acima)* e os restos mortais dos habitantes de Herculano *(ao lado)*: resultados diferentes de uma mesma tragédia dois milênios atrás

ISTOCK/GETTY IMAGES

Egito, alardeou que limparia a área em apenas quatro anos. Dois séculos depois, um terço da cidade continua oculto — o que é uma dádiva, uma vez que os danos provocados pela pressa seriam irremediáveis. "Deixar intacto é parte da estratégia dos arqueólogos, já que sabemos que técnicas mais sofisticadas de escavação surgem com o tempo, permitindo descobertas que, de outra forma, seriam perdidas", afirma Pedro Funari, professor titular da Unicamp, que conduz estudos de inscrições nos muros de Pompeia.

Ao que tudo indica, um colega de Funari do século XIX, Giuseppe Fiorelli, pensava da mesma forma, pois foi ele quem dividiu o sítio de 66 hectares em nove regiões a fim de promover uma investigação controlada, além de aplicar o método de preencher com gesso líquido os contornos ocos feitos pelos mortos envolvidos pela chuva de cinza fervente. As imagens mórbidas, porém fascinantes, de pessoas em seu último segundo de vida são manequins de gesso extraídos do espaço onde estavam os corpos, que se deterioraram até desaparecer. Somente Pompeia pode revelar tesouros tão preciosos, uma vez que a vizinha Herculano foi colhida pela segunda onda de destruição do Vesúvio, constituída de gases superaquecidos que efetivamente cozinharam cerca de 300 pessoas, deixando apenas os ossos.

No século XX, os trabalhos em Pompeia aceleraram e o sítio começou a receber turistas regularmente — metade da área escavada é aberta ao público. O Grande Projeto Pompeia, fundado na década passada com o apoio da Comunidade Europeia, lançou as bases para a restauração dos setores expostos às intempéries, mas um problema geológico forçou as autoridades a avançar, talvez antes do planejado, na região V, ao norte da cidade. Sob a ameaça de perder o quadrante para o peso da rocha vulcânica, os arqueólogos adentraram no local e, desde 2018, têm revelado afrescos vívidos, ânforas, oficinas e até um termopólio, restaurante de fast-food da época. Funari acredita que Pompeia ainda tem surpresas a entregar, em especial no que se refere a inscrições em paredes que podem ajudar a entender melhor como era a vida das pessoas no século I. Além disso, ele esclarece que existem vestígios dos povos que ocuparam a cidade antes dos romanos, como gregos e etruscos, nos níveis inferiores, que não podem ser alcançados com as técnicas de hoje sem avariar as construções. Portanto, a estratégia de deixar intacto vem a calhar outra vez, a fim de garantir que o passado paciente resista ao presente apressado. ■

ARQUIVO PESSOAL

QUE OUTRAS MULHERES SE LANCEM AO MAR

Influenciada pelos pais velejadores, Tamara Klink, 24 anos, fala sobre as emoções e os medos de cruzar sozinha o Atlântico

A MINHA RELAÇÃO com o mar começou desde cedo, ouvindo os relatos do meu pai sobre suas viagens no oceano. Ficava imaginando o cenário, a cor, o gosto da água, até que, aos 8 anos, estreei na navegação com minha família *(as três irmãs, a mãe, Marina, e o pai, Amyr Klink)* em uma expedição para a Antártica. Fiquei maravilhada com as paisagens e com a chance de visitar locais onde nós, humanos, somos reféns do vento, do frio e dos icebergs que despontam no caminho. Retornei à terra firme sabendo que meu destino era o mar — e sozinha. Queria ser a comandante. Aos 15 anos, pedi o barco dos meus pais emprestado e ouvi um sonoro não. Eles acreditavam que, para navegar sem ninguém ao lado, eu precisava ter meios materiais, físicos e emocionais. E assim comecei a devorar livros, documentários e a estudar para minha jornada-solo. Quase uma década depois, estou no meio dela, contando os dias para cruzar o Atlântico na companhia de mim mesma.

Não conseguiria se não tivesse me planejado tanto. Em 2018, eu me mudei para a França para cursar arquitetura naval na Escola Superior de Nantes, onde aprendi sobre construção e projetos de barcos e passava dias nos portos locais, fazendo amizade com velejadores que me ensinaram as maneiras mais diversas de navegar. Infiltrei-me em regatas, e um brasileiro que vive na Noruega acabou me emprestando dinheiro para comprar meu barco, um veleiro de cerca de 8 metros de comprimento que precisei reformar. Batizei-o de Sardinha: adoro esses pequenos peixes dos quais não se espera nada, mas que conseguem nadar quilômetros a fio sem parar. Da Noruega, fui à França a bordo dele. Meus pais revelaram confiança em mim, o que me deu forças para me lançar por um mês ao mar, sozinha como sempre quis.

A primeira viagem me trouxe grandes lições e me preparou para a travessia que encaro agora. A jornada, que deve durar três meses e terminar no Brasil, começou em 10 de agosto, quando deixei o Porto de Lorient, na costa francesa, e atraquei em Lisboa, onde estou fazendo uma pausa. Os primeiros dias foram bastante desafiadores, às voltas com problemas mecânicos e condições meteorológicas adversas. Logo no início, enfrentei uma calmaria que me obrigou a passar um bom tempo parada em pleno oceano, imersa em preocupações que vão se ampliando naquela imensidão. Quantos litros de água havia levado, eu me perguntava? Seria o suficiente para me manter viva? De repente, veio uma tempestade, com ondas enormes que engoliam o barco. Foram umas trinta horas assim. Não preguei os olhos. As peças do veleiro faziam barulhos alucinantes e tive muito medo de a embarcação ceder. O barco ficou com algumas avarias, que estou consertando para seguir viagem.

Dentro do Sardinha, carrego um estoque de refeições desidratadas. Ele é tão pequeno que não tem chuveiro e aproveito a chuva para tomar banho. Também não posso dormir por muito tempo: preciso monitorar o caminho e manter contato com os outros barcos. Minha próxima parada é a Ilha da Madeira, depois Cabo Verde, de onde navegarei sem escalas até o Recife. Tenho um telefone por satélite que às vezes uso, mas prefiro guardar para emergências. O isolamento é um dos meus maiores inimigos — é tortura passar dias sem ouvir uma voz humana. Em momentos difíceis, chego a pensar que estou enlouquecendo. Falo comigo mesma, com os animais que nadam ao meu redor e até com o barco. Faço diários de bordo, como sempre fiz quando criança, velejando com minha família. O medo me mantém alerta. A cada obstáculo que venço ganho segurança. Espero que minha expedição possa inspirar outras mulheres a comandar seus próprios veleiros e a completar suas travessias — sejam elas em alto-mar ou em terra firme. ■

Depoimento dado a Julia Braun

AS PATRICINHAS VOLTARAM

E não só elas. Preparem-se para o retorno das calças de cintura baixa, do terninho xadrez e de um leque de tendências dos anos 1990 e 2000 que chegam agora repaginadas **SIMONE BLANES**

PARA ESCOLHER o look do dia, a it girl Cher Horowitz conta com a ajuda de um computador: em um clique, lá está seu conjunto amarelo de terninho estruturado e minissaia xadrez. A cena é do filme *As Patricinhas de Beverly Hills*, sucesso da década de 90 que representava bem a moda da época nas produções da personagem de Alicia Silverstone. Alegre e colorida, era marcada pelo exagero e a exuberância jovial em roupas chamativas. Corta para os anos 2000. Ícone fashion, Britney Spears causou polêmica ao aparecer na edição de 2001 do American Music Awards combinando o visual all jeans com o namorado Justin Timberlake. A cantora também ditou moda a cada aparição, com suas calças de cintura cada vez mais baixa, fazendo tremer de raiva os ortodoxos da costura. Era um tempo de estilo anárquico, definido pelos choques de tendências, misturas e excessos. O equilíbrio estava fora de questão. E exatamente por isso gerava tanta controvérsia aos olhos dos fashionistas. Na moda Y2K (Year 2000), a ideia era ser autêntico. Afinal, com o bug do milênio ali, pairando como ameaça — na virada de 1999 para 2000, muita gente acreditou que os computadores não entenderiam a mudança de dígitos e haveria pane mundial —, poderia até nem existir o amanhã.

Bem, o amanhã existiu e, mais de vinte anos depois, os figurinos da patricinha Cher Horowitz e da impetuosa Britney Spears estão de volta. Repaginados, claro, eles agora são exibidos pelas musas desses tempos pandêmicos. Modelos como Bella Hadid, Hailey Bieber e Kendall Jenner, as cantoras Billie Eilish, Dua Lipa e a rapper Doja Cat são algumas das mulheres que evocam o estilo das décadas passadas nas roupas e acessórios que usam. Esse ir e vir de tendências não é algo novo, mas é interessante observar como o que

ENTRA MODA, SAI MODA...

...E algumas tendências continuam por aqui

O xadrez dos anos 1990 nos terninhos de ***As Patricinhas de Beverly Hills*** e na passarela da Dior

As misturas, calças cargo e de cintura baixa, miçangas e correntes dos anos 2000 em uma de suas maiores estrelas, **Britney Spears,** e no desfile da Chanel

A legging por baixo do vestido dos anos 2000 apresentado pela musa **Gisele Bündchen** e no fashion show de Alaïa

DIVULGAÇÃO: STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES; MARK MAINZ/GETTY IMAGES; JAMES DEVANEY/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

vem do passado se manifesta no presente. Em relação às referências dos anos 1990 e 2000, há duas grandes diferenças entre o que foi e no que se transformou. "Em 2021, essas macrotendências carregam um ar de liberdade", explica a stylist Manu Carvalho. "As pessoas aderem se quiser. Não há mais a imposição de ter que usar porque está na moda."

E a pandemia, reafirme-se, separa a patricinha de ontem das influenciadoras de hoje. A crise sanitária, que pôs o mundo em quarentena, alavancou preferências como as roupas casuais, esportivas e oversized, como as calças cargo e com bolsos. Simultaneamente, tirou as pessoas das ruas e, consequentemente, reduziu as inspirações de street style. Consolidou, ainda, a influência projetada pelas mídias digitais, em especial a do TikTok. Hoje, são as musas das redes que pautam a moda, gostem ou não os especialistas de estilo que por tantos anos esperavam as grandes casas de costura apresentarem o que homens e mulheres vestiriam na estação seguinte. O caminho se inverteu. Os mais recentes desfiles internacionais levaram às passarelas o que já era sucesso no mundo digital. Chanel colocou calça de cintura baixa e top cropped, Alaïa e Fendi apresentaram legging por baixo do vestido e Dior brilhou com o look terninho e minissaia xadrez à la patricinha de Beverly Hills. Isso só para citar alguns. Questionáveis ou não, looks com ares de 1990 e 2000 permanecerão no closet por mais um tempo. Como diria a música mais famosa de Britney, "Yes, baby, one more time". ■

ESCULTORA DOS TRÓPICOS
Maria Martins: aclamada no exterior e abraçada por surrealistas

ELISA GOMES

A DEUSA E SEUS MONSTROS

Uma belíssima mostra em São Paulo resgata o legado da brasileira Maria Martins, que chocou o país nos anos 50 com suas esculturas de figuras sensuais e perturbadoras

RAQUEL CARNEIRO

Em uma entrevista com ares de papo entre amigas, a escritora Clarice Lispector (1920-1977) e a escultora Maria Martins (1894-1973) trocaram experiências sobre a "carreira" de mulher de diplomata. Ambas se casaram com embaixadores da era Getúlio Vargas, no começo dos anos 40, e passaram anos fora do Brasil. O ambiente social rigoroso exigia que as embaixatrizes ostentassem decoro e simpatia. Clarice e Maria, porém, optaram pela fama de "diferentes". "Como você, eu me refugiei na arte", disse a artista mineira à autora. Das 7 da manhã às 6 da tarde, Maria se trancafiava em seu ateliê no sótão da embaixada brasileira em Washington, nos Estados Unidos — antes de alugar um espaço só dela em Nova York. À noite, dedicava-se aos compromissos sociais do marido, o embaixador Carlos Martins Pereira e Sousa. A vida dividida em duas partes, com a obrigação das aparências de um lado e seu "excesso de personalidade" (como viria a ser criticada) do outro, fez de Maria uma figura que, assim como suas esculturas de formas monstruosas e sensuais, hipnotizava e repelia com a mesma intensidade.

Tal dualidade é tangível na belíssima mostra ***Maria Martins: Desejo Imaginante,*** em cartaz no Masp, em São Paulo, até janeiro de 2022 — e, a partir de março seguinte, na Casa Roberto Marinho, no Rio. Em vez de domar os opostos dentro de si, Maria os alimentou e fez deles personagens.

Inicialmente inspirada por lendas amazônicas, até evoluir para uma mitologia particular de híbridos, com elementos da natureza mesclados a corpos humanos, ela talhava de forma explícita a sexualidade feminina, com seios e vulvas aparentes, ou serpentes lhes atando o corpo, num vislumbre da repressão que acaba vertida em tentação. "O trabalho da Maria é de um erotismo visceral. Ela lidou com questões do inconsciente e do desejo pela óptica da mulher, tema ainda caro à sociedade", diz a curadora da mostra, Isabella Rjeille.

Chamada por apelidos descabidos, como "Frida Kahlo brasileira" ou "surrealista dos trópicos", ou ainda reduzida ao posto de "amante de Duchamp" (manteve um caso por dez anos com o iconoclástico francês que transformou mictórios em arte), Maria foi uma artista singular e original. Com o perdão do clichê, estava à frente de seu tempo nos costumes e na arte — ela própria dizia não

JAIME ACIOLI

AMOR PROIBIDO
O Impossível: uma figura masculina e outra feminina se atraem, mas não se conectam

querer ser rotulada com "ismos", em resposta à sua classificação compulsória entre os surrealistas após ser abraçada pelo pai do movimento, André Breton (1896-1966). A estética criada por ela era inédita para a época, mas compartilhava com amigos surrealistas como o espanhol Salvador Dalí e o francês Yves Tanguy a representação onírica de sonhos e pesadelos, que espelhavam os horrores da II Guerra Mundial. Décadas mais tarde, curiosamente, o terror pop de produções como o filme *O Labirinto do Fauno* e a série *Stranger Things* exibiria uma notável correspondência com o visual de suas deusas e monstros.

Aluna do escultor belga Oscar Jespers e do lituano Jacques Lipchitz, Maria flertou no início da carreira no exterior com o desejo de reafirmar sua nacionalidade. Esculpiu lendas folclóricas e criou seres inspirados em lianas — os cipós tão comuns em florestas tropicais. Era arte para gringo ver. Ao se desprender do estereótipo de estrangeira no Primeiro Mundo, ela enfim mergulhou em si mesma, incorporando às obras um caráter autobiográfico. É sua melhor fase.

VICENTE DE MELLO

VICENTE DE MELLO

FASES Acima, *Uirapuru*, de 1944; ao lado, *However!!*, de 1947: a inspiração vinda de lendas amazônicas evoluiu para uma mitologia própria e composições imponentes

Nasce então uma marcante série de peças chamada *O Impossível* (1944 a 1949) — duas das quais integram a exposição do Masp. As esculturas consistem em uma criatura feminina e outra masculina lançando tentáculos de suas cabeças em busca de conexão. O encaixe não acontece. A alegoria de uma relação insaciável, mas proibida, é associada ao romance com Marcel Duchamp (1887-1968), com quem ela teve uma prolífica relação profissional de apoio e influência mútuos. Ao voltar para o Brasil, na década de 50, já consagrada nos Estados Unidos, Maria se impôs como um nome incontornável da produção artística mundial. Ainda à sombra do modernismo caipira, os críticos e artistas locais inicialmente torceram o nariz para a filha pródiga que chocou com suas obras "obscenas". Mais tarde, renderam-se a ela, especialmente pelo papel que Maria viria a exercer como mediadora entre artistas europeus e museus brasileiros: ela viabilizou a vinda de quadros de Picasso para a II Bienal de Arte, de 1953.

Foi só no século XXI que Maria alcançou um lugar de deferência no Brasil. "Há um resgate das obras dela pelo olhar de mulheres, que hoje ocupam o lugar da crítica masculina da época", diz a curadora. Uma das peças mais impressionantes da mostra é a imponente *However!!*, figura feminina de bronze, de quase 3 metros de altura. Um monstro sagrado que exige respeito — assim como sua criadora. ■

MARVEL STUDIOS

DESTINO REVELADO Liu: no filme, ele vai de manobrista de estacionamento a guerreiro de poderes extraordinários

SUPER-HERÓI *MADE IN CHINA*

Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis, aposta oriental da Marvel, entrelaça várias vertentes do filme de artes marciais com o vigor de um Bruce Lee e a graça acrobática de um Jackie Chan

A DÉCADA DE 70 começou em febre: de queixo caído com as proezas de Bruce Lee em *A Fúria do Dragão, O Voo do Dragão* e *Operação Dragão,* a plateia se rendeu à torrente de filmes do gênero que Hong Kong começou a despejar nos cinemas ocidentais. *Kung Fu,* a série em que um jovem monge vagava pelo Oeste americano sem outra arma que não as extraordinárias habilidades adquiridas em um templo shaolin, virou mania. *Kung Fu Fighting,* do jamaicano Carl Douglas, subiu direto para o topo das paradas ao integrar disco music com o "riff Oriental", aquela frase musical que sinaliza tudo que é chinês. E também a Marvel correu para capitalizar em cima da onda: sem conseguir os direitos para transformar *Kung Fu* em quadrinhos, inventou o personagem Shang-Chi, um cruzamento de Bruce Lee com espião internacional. Como todas essas coisas mais, Shang-Chi virou artigo para conhecedores — um contingente que pode se ampliar graças ao leve, alegre e ágil ***Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis*** *(Shang-Chi and the Legend of the Ten Rings,* Estados Unidos/Austrália, 2021), que estreia nos cinemas na quinta-feira 2.

Shaun (Simu Liu) e sua amiga inseparável, Katy (Awkwafina), trabalham como manobristas em São Francisco, determinados a não levar a vida a sério. Até que, atacado por um gigante com uma lâmina no lugar do braço direito — a sequência, passada dentro de um ônibus articulado que vai se desfazendo pelas ladeiras, é um estrondo —, Shaun revela sua origem: ele é na verdade Shang-Chi, o filho e discípulo de Wenwu (o fenomenal Tony Chiu-Wai Leung), guerreiro invicto há mil anos graças aos dez anéis mágicos que tem em seu poder. Sempre com a mesma velocidade e vivacidade, a trama segue para Macau e, dos cassinos da ex-colônia portuguesa, para uma aldeia escondida por bambuzais que se movem para protegê-la.

Da mesma forma, a direção fluida do havaiano Destin Daniel Cretton vai entrelaçando vertentes variadas: tem uma belíssima abertura em wuxia, aqueles enredos históricos ou lendários de artes marciais, como *O Tigre e o Dragão;* faz as devidas e divertidas homenagens aos filmes cômicos e ultra-acrobáticos de Jackie Chan nos anos 80; incorpora o thriller típico de Hong Kong dos anos 90 e também o conceito básico do shaolin, o do árduo caminho do aprendiz. E, no último ato, adere ao xuanhuan, o enredo em que um não iniciado — em geral um estrangeiro — é confrontado com aspectos míticos e antiquíssimos da cultura chinesa. Poderia ser uma bagunça, mas é uma delícia. ■

Isabela Boscov

NÓS SEMPRE TEREMOS PARIS

Em *O Homem do Casaco Vermelho,* o inglês Julian Barnes pinta um vívido retrato da capital francesa durante a Belle Époque a partir da biografia de um cativante personagem **DIEGO BRAGA NORTE**

PICTURENOW/UNIVERSAL IMAGES/GETTY IMAGES

BRILHO Baile parisiense, em tela de Henri de Toulouse-Lautrec: agitos sem fim

A FIGURA é imponente. Um homem elegante e "repugnantemente bonito" posa vestindo um robe de chambre vermelho. A cor e a exuberância do traje captam a atenção dos espectadores. Num segundo olhar, as mãos do modelo sobressaem, com dedos longos e delicados que parecem bailar em posições inusuais. Mãos de pianista? Não, mas de habilidades igualmente precisas: são as ferramentas de trabalho do ginecologista francês Samuel Pozzi (1846-1918). O retrato em que o pintor John Singer Sargent eterniza o pioneiro desse ramo da medicina é o ponto de partida do novo livro do inglês Julian Barnes.

Aos 75 anos, multipremiado, autor de mais de uma dezena de romances, livros de memórias e ensaios, Barnes não precisa mais provar nada: já é um titã. Mas seu ensaio ***O Homem do Casaco Vermelho*** é uma pequena obra-prima sobre a vida, a morte, costumes, belezas, tragédias e excessos da Belle Époque. Pozzi foi um dos protagonistas desse período breve, mas de imensa efervescência cultural e científica, espremido entre a derrota da França na Guerra Franco-Prussiana (1870-71) e a vitória na I Guerra (1914-18). Filho de italianos, Pozzi valeu-se de sua inteligência, carisma (era "o" *mister* simpatia de sua época) e beleza para trilhar sua bem-sucedida carreira como médico, professor, senador, amante das mulheres e das artes.

Seu círculo de amizades e pacientes incluía nomes como Mallarmé, Oscar Wilde, Henry James, André Gide, Victor Hugo, Marcel Proust, Anatole France, Rodin, Monet, Renoir, Degas, entre muitos outros, e boa parte da realeza europeia. Ele também tinha, lembra Barnes, "a reputação de ser um 'sedutor incorrigível', um médico que dormia com suas pacientes". Casou-se com Therese Loth-Cazalis — que, quando "jovem e muito rica, era consequentemente 'linda'" —, mas manteve várias amantes, de cantoras de ópera e nobres até um longo affair com a atriz bissexual e ninfomaníaca Sarah Bernhardt.

Se fosse um diagrama, o livro teria o formato de uma constelação, com Pozzi como estrela ao centro — como aquelas cortiças com fotos e alfinetes de filmes policiais. A partir das muitas conexões do médico, Barnes faz um panorama da Belle Époque e tece comentários sobre sua importância para o mundo. O autor não humilha os leitores com seu vastíssimo conhecimento histórico e literário, mas sabe usar seu arsenal para iluminar os personagens e o período. Com sua prosa irônica e sem rodeios, somos apresentados em *O Homem do Casaco Vermelho* às fofocas e aos fatos mais importantes da época. A leitura é tão prazerosa e fácil quanto assistir a uma boa sitcom — daquelas em que ninguém precisa conhecer os personagens previamente para se divertir.

O HOMEM DO CASACO VERMELHO, de Julian Barnes (tradução de Léa Viveiros de Castro; Rocco; 272 páginas; 79,90 reais e 39,90 em e-book)

Um dos amigos de Pozzi era o conde Robert de Montesquiou, um arquetípico dândi parisiense. Espécie de tataravô dos hipsters, "o dândi se empolga em ser mais espirituoso e mais bem-vestido, e ter mais bom gosto do que o resto da humanidade", define Barnes. Homossexual, festeiro, ricaço e poeta bissexto, Montesquiou curtia o *dolce far niente* da vida social, com muito absinto durante os flertes e maledicências. Excêntrico e cativante, virou personagem de duas obras-primas: é o protagonista Jean Des Esseintes, de *Às Avessas*, de Joris-Karl Huysmans; e aparece, assim como

HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

Pozzi, no totêmico *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Isso, sim, é um *influencer* de respeito. Numa trama rocambolesca, Barnes conta como Montesquiou/Des Esseintes influenciou Oscar Wilde e seu Dorian Gray a ponto de ser citado como "prova" da homossexualidade do autor irlandês no julgamento por pederastia. Ser gay era crime no Reino Unido de então, mas liberado na França.

Se Paris foi o epicentro da Belle Époque, Londres foi sua filial mais famosa. O autor brinca com a rivalidade entre as duas cidades que nutrem uma admiração mútua, mas também se acotovelam há séculos. Os ingleses apreciam as mulheres, as artes e a libertinagem parisienses. Os franceses gostam da modernidade industrial, dos tecidos e da organização londrina — mas não de suas mulheres. "Uma inglesa é uma francesa que deu errado", pontificou o pianista Erik Satie.

Inglês, mas galicista, Barnes sabe que o 7 a 1 para Paris é inevitável. "Pode parecer óbvio agora — óbvio, porque é verdade — que a Belle Époque foi um tempo de grande triunfo para a arte francesa", reflete. "Um ano depois do trauma de 1870-71, Monet pintou *Impressão, Nascer do Sol*. Quando o período terminou, em 1914, Braque e Picasso tinham lançado as fundações e pintado as formas mais puras do cubismo. No meio-tempo: Manet, Pissarro, Cézanne, Renoir, Redon, Lautrec, Seurat, Matisse, Vuillard, Bonnard e o maior de todos eles, Degas. Ou: impressionismo, neoimpressionismo, simbolismo, fauvismo, cubismo. O que a Inglaterra tinha para comparar com isso?" Voilà, realmente. Nós sempre teremos Paris, ainda bem. ■

SEDUTOR INCORRIGÍVEL
O célebre retrato de Pozzi: "Um médico que dormia com suas pacientes"

ARREPIANTE O ótimo Yahya em *A Lenda de Candyman:* filme de terror sombrio, elegante e engajado

TELEVISÃO

ONLY MURDERS IN THE BUILDING **(Estados Unidos, 2021. Estreia na terça-feira, 31, no Star+)**
Após a morte de um homem sob condições suspeitas em um prédio de Nova York, três moradores que até então não se conheciam unem suas paixões por podcasts criminais para desvendar o que aconteceu. Composto pela jovem misteriosa Mabel (Selena Gomez), pelo ator esquecido Charles (Steve Martin) e pelo diretor de musicais decadente Oliver (Martin Short), o trio logo descobre que pode haver um assassino no pedaço. Aliando o clássico expediente do "quem matou?" ao humor, a série do novo serviço de streaming adulto da Disney, Star+, cativa pelo carisma do elenco e pelas reviravoltas rocambolescas.

CRAIG BLANKENHORN/HULU

COMÉDIA CRIMINAL Selena, Short e Martin: série com humor e reviravoltas

CINEMA

A LENDA DE CANDYMAN ***(Candyman,* Estados Unidos/Canadá, 2021. Nos cinemas)**

Os que tiverem a temeridade de dizer seu nome cinco vezes diante do espelho, achando tratar-se de uma brincadeira, pagarão pela descrença: Candyman, entidade maléfica com um gancho no lugar de uma das mãos, não tarda a se revelar e a iniciar sua perseguição selvagem. Desse conceito pulp, proposto num conto do escritor Clive Barker e vertido em um clássico B de 1992, a diretora Nia DaCosta e o produtor Jordan Peele, de *Corra!*, tiram um terror sombrio, elegante, de estilo visual marcante — e engajado. Nesta continuação, o pintor Anthony (o excelente Yahya Abdul-Mateen II) volta à área de Cabrini-Green, em Chicago, o bairro pobre, negro e desassistido em que a lenda originalmente se manifestara e que desde então foi gentrificado. Anthony está obcecado pelo mito do Candyman, por razões que não sabe explicar — mas que vão se manifestar nele de maneiras profundamente perturbadoras.

UNIVERSAL PICTURES/MGM PICTURES

LIVRO

MEMÓRIAS DE MAMA BLANCA, **de Teresa de La Parra (tradução de Lizandra Magon Almeida; Oficina Raquel; 168 páginas; 49,00 reais)**

De pele negra, Blanca Nieves destoava do próprio nome — era um "disparate ambulante", dizia. Filha da elite *criolla*, era tratada como "princesa" na fazenda venezuelana onde cresceu, mas decisões ruins a deixam pobre na velhice. O que rebatia com grandeza: amava a todos, até a curiosa vizinha de 12 anos que adentra sua casa sem convite. Ao morrer, Blanca presenteia a amiguinha com cadernos de lembranças reveladoras da Venezuela do século XX. Autobiográfico, o livro de 1929 é um clássico da literatura latina. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** — Taylor Jenkins Reid [1 | 21#] PARALELA
2. **A GAROTA DO LAGO** — Charlie Donlea [2 | 104#] FARO EDITORIAL
3. **A IRMÃ DESAPARECIDA** — Lucinda Riley [5 | 3] ARQUEIRO
4. **DAISY JONES AND THE SIX** — Taylor Jenkins Reid [0 | 6#] PARALELA
5. **TETO PARA DOIS** — Beth O'Leary [7 | 35#] INTRÍNSECA
6. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** — George Orwell [6 | 157#] VÁRIAS EDITORAS
7. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** — Colleen Hoover [0 | 3#] GALERA RECORD
8. **TORTO ARADO** — Itamar Vieira Junior [3 | 33#] TODAVIA
9. **BOX – GEORGE ORWELL** — George Orwell [0 | 1] PRINCIPIS
10. **É ASSIM QUE ACABA** — Colleen Hoover [8 | 6#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** — Clarissa Pinkola Estés [1 | 71#] ROCCO
2. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** — Anne Frank [6 | 244#] VÁRIAS EDITORAS
3. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** — Yuval Noah Harari [5 | 237#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
4. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** — Laurentino Gomes [4 | 11] GLOBO LIVROS
5. **RÁPIDO E DEVAGAR** — Daniel Kahneman [7 | 127#] OBJETIVA
6. **O MITO DA BELEZA** — Naomi Wolf [0 | 14#] ROSA DOS TEMPOS
7. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** — Tori Telfer [9 | 35#] DARKSIDE
8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** — Djamila Ribeiro [10 | 81] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **HOMO DEUS** — Yuval Noah Harari [0 | 166#] COMPANHIA DAS LETRAS
10. **EU SOU MALALA** — Malala Yousafzai [0 | 39#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **MINDSET** — Carol S. Dweck [0 | 96#] OBJETIVA
2. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** — George S. Clason [4 | 44#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **AS 9 LEIS INEGOCIÁVEIS DA VIDA** — Marcel Scalcko [1 | 2] GENTE
4. **O PODER DO HÁBITO** — Charles Duhigg [6 | 246#] OBJETIVA
5. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** — Napoleon Hill [2 | 122#] CITADEL
6. **DO MIL AO MILHÃO** — Thiago Nigro [3 | 134#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **MÁQUINA DE AQUISIÇÃO DE CLIENTES** — André Siqueira [0 | 1] GENTE
8. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** — T. Harv Eker [7 | 336#] SEXTANTE
9. **A MELHOR VERSÃO DE VOCÊ** — Cristina Longhi [0 | 1] NOVA SENDAS
10. **PAI RICO, PAI POBRE – PARA JOVENS** — Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [5 | 46#] ALTA BOOKS

INFANTOJUVENIL

1. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** — Casey McQuiston [2 | 24#] SEGUINTE
2. **MENTIROSOS** — E. Lockhart [1 | 16] SEGUINTE
3. **AMOR & GELATO** — Jenna Evans Welch [4 | 9#] INTRÍNSECA
4. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO** — Karen M. McManus [9 | 12#] GALERA RECORD
5. **CORALINE** — Neil Gaiman [0 | 33#] INTRÍNSECA
6. **ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM OS SEGREDOS DO UNIVERSO** — Benjamin Alire Sáenz [0 | 6#] SEGUINTE
7. **CORTE DE CHAMAS PRATEADAS** — Sarah J. Maas [10 | 10#] GALERA RECORD
8. **BOX O CASTELO ANIMADO** — Diana Wynne Jones [0 | 3#] GALERA RECORD
9. **O ACORDO** — Elle Kennedy [0 | 1] PARALELA
10. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS** — Sarah J. Maas [6 | 43#] GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** 30porcento, Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

ILUSÃO DE ÓTICA

QUANDO Luiz Inácio da Silva diz, como disse dia desses, que não quer conversa com os militares e com eles só falará na condição de "chefe" quando (acrescente-se, e se) for eleito, não está sendo impertinente. Está sendo realista, pois quem não quer conversa com ele agora são os militares.

Pelo visto, o ex-presidente recebeu algum tipo de recado nesse sentido, pois até duas semanas atrás as Forças Armadas estavam na lista dos petistas como um obstáculo difícil, mas não de todo intransponível.

Do mesmo rol de resistências a serem vencidas constam — e a esses setores Lula não emitiu sinal algum de desistência — os evangélicos, boa parte do empresariado, o alto escalão dos negócios do campo e, claro, os adversários políticos; tanto os tradicionais quanto aqueles a serem resgatados da aliança firmada com Jair Bolsonaro em 2018.

As pesquisas de intenção de votos para 2022 mostram o petista com vantagens cujo retrato é de vitória antecipada. Nelas, Lula tem praticamente o dobro dos índices de Bolsonaro, chegando, em algumas, a obter dianteira suficiente para vencer no primeiro turno.

Isso se a eleição fosse hoje. Ocorre, porém, que não é. Além de faltar pouco mais de um ano para a data da disputa que não se ganha de véspera, as aparências são travessas e às vezes dificultam a percepção e a compreensão objetiva dos fatos.

Nessa armadilha da ilusão não caem os articuladores mais experientes da campanha, sendo Lula o primeiro a saber que a estrada é longa e o caminho repleto de percalços. Então, que não se tome como real o triunfalismo aparente. No bastidor, a palavra de ordem é trabalho duro aliado a uma dose oceânica de torcida.

No campo da esperança, a nação petista direciona sua energia para dois desejos: que a candidatura de Jair Bolsonaro à reeleição não venha a derreter a ponto de fazê-lo desistir de concorrer e que não vinguem as candidaturas ditas de centro. Hoje elas são alvo de descrédito, frequentam o limbo e a expectativa no PT é que assim permaneçam.

> **"Apesar da vantagem nas pesquisas, Lula ainda precisa transpor muitos obstáculos rumo a 2022"**

Inesquecível uma frase que ouvi de um ex-ministro do partido, sob o compromisso do anonimato, nos primeiros meses do atual governo: "A nossa sorte é que foi Bolsonaro o eleito". Ou seja, o presidente é desde o início visto como o contraponto ideal. Mal comparando, uma espécie de bode na sala, cuja presença torna menores os demais males.

A veemência com que integrantes do alto comando petista propagam a inviabilidade do surgimento de outras candidaturas que possam atrair o eleitorado não leva em conta a volatilidade do ambiente político e, assim, dá a medida do temor de que isso aconteça.

"Não tem volta, o quadro está consolidado", diz um dos principais encarregados de firmar alianças para Lula no Rio de Janeiro. Sustenta a afirmação nos dados das pesquisas. Pois bem, se isso realmente bastasse, se fosse tido como projeção real para 2022, seria de se esperar que os rios da política estivessem correndo para desaguar no mar do PT. Não é o que se vê.

O ex-presidente tem percorrido o país em conversas políticas num esforço condizente com quem pretende "adensar o entorno", mas até agora colecionou mais fotografias que apoios. Esteve com Cid Gomes (PDT), Tasso Jereissati (PSDB), Rodrigo Maia (sem partido), Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Gilberto Kassab (PSD) e o prefeito do Recife, João Campos (PSB).

Nenhum deles tomou a iniciativa, todos os encontros aconteceram a convite de Lula. Isso para evidenciar de onde partiu o interesse. Não obstante a cordialidade das fotos, os interlocutores por ora encontram-se quase todos comprometidos com outros projetos. Os tucanos envolvidos nas prévias do partido, um deles (Tasso) postulante à candidatura; Maia já integrado à equipe do governador João Doria, candidatíssimo; o cearense Cid na campanha do irmão Ciro, e Kassab empenhado na busca de tornar o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, um pretendente viável.

Tudo isso pode mudar ao longo do processo? Sem dúvida alguma. Bolsonaro pode se fortalecer eleitoralmente ou se enfraquecer ainda mais, a chamada terceira via pode deslanchar ou mesmo não sair de onde está, permitindo a Lula se consolidar, voltar à Presidência e cumprir o vaticínio de falar aos militares na condição de "chefe".

Só não se pode é dar como carta marcada uma situação que independe de vontades. Antes, está sujeita à evolução do espírito do tempo e suas circunstâncias. ■